

ADRIANA IGREJAS

O anjo vingador



VOLÚPIA



A D R I A N A I G R E J A S

O anjo vingador

VOLÚPIA

Copyright © 2019 Geek Beaver Editora
Copyright © 2019 Adriana Igrejas

Assessoria editorial: Cinthia Gutierrez
Análise crítica: Cinthia Gutierrez e Carolina Miranda
Revisão: Glaice Ximenes
Capa: LA Capas
Ilustração circo: Lucas Fonseca Barreto
Diagramação digital : Denilia Carneiro
Editora responsável: Sibelle Sousa e Gerson Aires

Volúpia é um selo editorial de Geek Beaver Editora

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. De fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sumário

[Prólogo - Vinte e uma noites de amor](#)

[1 - Igreja sem padre](#)

[2 - O famoso correspondente internacional](#)

[3 - A mulher do táxi](#)

[4 - Decepção e motivação](#)

[5 - Cobra de fogo](#)

[6 - Quem precisa de férias?](#)

[7 - Matinta Pereira](#)

[8 - O Curupira](#)

[9 - O Capelobo](#)

[10 - Forasteiros não são bem-vindos](#)

[11 - A freira](#)

[12 - Conversa de bar](#)

[13. Pátria educadora](#)

[14 - O Mapinguari](#)

[15 - Festa de igreja](#)

[16 - A Iara](#)

[17 - Plano audacioso](#)

[18 - Tumulto emocional](#)

[19 - O Anjo Vingador](#)

[20 - Observando pássaros](#)

[21 - A marca do Anjo Vingador](#)

[22 - Perdas e danos](#)

[23 - Rastros](#)

[24 - Reajustes](#)

[25 - A verdade](#)

[26 - Acertos](#)

[27 - Epílogo](#)

[CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA VOLÚPIA](#)

Prólogo - Vinte e uma noites de amor

Março de 2008, interior de São Paulo

Dimitri beijou Nádia na boca pela infinitésima vez e parecia que nunca se cansaria de beijá-la. Tudo nela o fazia querer ficar. A substância aquosa que sorvia de seus lábios era viciante, só podia ser. E seu corpo o havia levado a um clímax tão intenso, como jamais pensou ser possível. Mesmo agora que estavam ambos saciados, aninhados um ao outro entre os lençóis do hotel barato, após vinte e uma noites de experiências igualmente incríveis, não queria deixá-la.

Mas era isso. Tinha que ser feito. Nádia partiria na manhã seguinte, após três semanas. Com o circo veio e com o circo partiria. A temporada de três semanas do Gran Circo Pavel findara naquele domingo. Uma hora depois ela estava nua com ele na cama do mesmo hotel xexelento a que fora obrigado a levá-la, já que era onde estava hospedado por conta do seu jornal, como fizera todas as noites desde que se conheceram. Não podia se dar ao luxo de ir a outro lugar. Já lhe fora bem dispendioso algum serviço de quarto e uma ou outra garrafa de champanhe que quis comprar a título de romantismo.

No entanto, ele não queria que acabasse. Observou-a fechar os olhos e acomodar-se languidamente em seus braços. Ela era linda. Não como uma modelo ou atriz. Seu rosto era bem brasileiro, redondo, de traços nortistas. Totalmente exótico. Seus olhos eram amendoados, o nariz pequeno, a boca grande, mas se harmonizavam em torno daquele rosto improvável, surpreendente e belo. A pele morena lhe acentuava a sensualidade, os cabelos escuros, ondulados e compridos completavam o quadro que desafiava a razão áurea.

Além de bonita, era doce e muito inteligente. Jurava que nunca havia pisado numa escola, mas falava russo, mandarim e espanhol. Fácil de entender, considerando que seu pai adotivo e dono do circo era o famoso Pavel, o russo; havia um malabarista chinês no circo, a quem ela chamava de tio; e por fim um casal de trapezistas argentinos. Por causa do circo, ela nunca pôde ter estudos regulares, mas fez as provas do MEC para quem faz a educação a distância e pegou o diploma do ensino médio dois anos antes de completar dezoito. Estudou sozinha ou com a ajuda limitada da trupe e o mais importante foi o hábito de leitura, que herdou de Pavel. Assim, aos quatorze anos ela já havia lido Dostoiévski e Tolstói em português e no original. Essas eram algumas das coisinhas que Dimitri havia descoberto sobre Nádia naqueles vinte e um dias.

Somada a essa reverência pelo intelecto da moça, tal qual flor que brota em meio ao deserto, ainda era devido certo fascínio por conta de suas habilidades circenses. Aquela admiração transformara-se em paixão em algum momento entre o primeiro e o vigésimo primeiro dia e agora ameaçava declarar-se definitivamente amor. E pior: amor verdadeiro, único, o amor de sua vida.

Se forçasse a memória poderia lembrar quando foi... Quando foi o momento? Aquele em que ele olhou para ela e em sua mente surgiu o enunciado “Estou apaixonado”. Ah, sim. Tinha sido no terceiro dia, quando a viu no ar. Ela era magnífica no trapézio. Seus movimentos eram perfeitos, seu corpo era espetacular... Lembrou-se de uma malha rosa-chá, cheia de pedras cintilantes, que a fizeram brilhar além de sua própria aura. Ela tinha uma majestade, um porte de princesa e amazona ao mesmo tempo. Era como se tivesse luz própria... Ou eram seus olhos? Definitivamente os olhos de um apaixonado.

Quando o espetáculo daquela noite terminou, ele se lembrava de tê-la recebido em seus braços com ânsia e desejo incontáveis. Beijou-a ali mesmo, no circo, mesmo com medo de que Pavel os flagrasse. Pediu que ela não trocasse de roupa, como sempre fazia antes de ir para o hotel. Queria ele mesmo remover suavemente aquele *collant* que mais parecia uma segunda pele. Viu-se vítima de um fetiche, uma fascinação, a vontade de realizar aquela fantasia que criara no momento em que a viu suspensa a balançar no trapézio, como se flutuasse entre nuvens.

Você está linda! Essa roupa é incrível! – disse-lhe enlevado e desconcertado.

Mas eu uso isso todo dia. Só tem mais duas outras e bem parecidas... – Nádía era sempre modesta e sentia-se tímida com os elogios.

É você, minha querida, a roupa só revela o seu brilho.

Ah, Dimitri... Deixa de bobagem, eu... – Ela não terminou a frase, pois Dimitri cobriu-lhe os lábios com os seus. Queria abraçá-la e tê-la para si, para sempre... Sentia-se enlouquecer. No entanto, já tinha dado nome àquela loucura: “paixão”. E o problema era que depois de dado o nome, não podia voltar atrás. Só lhe restava se entregar àquele desvario pelo tempo que pudesse.

No hotel, saciou sua vontade, tirando-lhe a malha fina devagar e suavemente. Em seguida acariciou-a por completo, como se substituísse a malha pelo seu toque. Tudo aconteceu melhor, diferente dos dois primeiros dias: porque até então, ele estava dormindo com uma garota; tinha gostado muito, estava envolvido de certa forma, mas era só. Agora era diferente. Estava apaixonado e havia reconhecido o fato. Pior ainda: declarou-se.

– Nádía, eu sei que a gente se conhece há o quê, três dias? Pode parecer esquisito e precipitado falar isso... – iniciou a dizer, mais tarde, naquela mesma

noite, quando estavam aninhados um nos braços do outro, após terem se amado por duas horas. – Eu acho... Eu acho... Não, eu não acho. Eu tenho certeza! Eu estou apaixonado por você! – completou, para então olhar para ela esperando uma resposta, uma repreenda, qualquer coisa. Acabava de tomar a atitude mais corajosa de toda a sua vida! Se levasse um fora, pois bem!

Nádia sorriu e afastou-se um pouco dele, enrolando-se no lençol, tomando distância suficiente para olhá-lo de frente.

– Seu bobo! Só agora sabe disso? Eu já sabia que estava apaixonada no primeiro dia! Só precisei olhar para você uma vez! Por que você acha que me joguei na sua cama daquele jeito? Eu não sou assim tão oferecida! É que tive medo de não te ver mais. E você seria como tudo na minha vida de circo... Rostos diferentes a cada espetáculo. Dimitri encheu-se de satisfação e saboreou as palavras daquela menina/mulher, tão doce e tão forte ao mesmo tempo, de uma sinceridade tão corajosa... entregando-se sem medo, assumindo seus sentimentos tão francamente. Ficou feliz por ter feito o mesmo.

– Você acredita nisso? Em amor à primeira vista? – perguntou na sequência, logo receoso por ter usado a palavra “amor”.

– Como duvidar? A gente provavelmente só está se reconhecendo... de outras vidas...

Ele pensou em perguntar se aquilo era sério, se ela também acreditava em outras vidas, mas preferiu beijá-la novamente e aproveitar o momento de reconhecimento mútuo que partilhavam a respeito de um sentimento. Ainda que não fosse amor, era muito forte.

Dimitri lembrou-se daquela noite e soltou um suspiro involuntário.

Estava lascado. Completamente perdido, pois começava a cogitar uma forma de não dizer adeus. Principiava a cismar com ideias loucas como casamento... Tirá-la do circo e levá-la consigo! Felizmente nesses momentos de desvario, sua razão interferia e ralhava com ele: para viver de quê? De brisa? Como sustentar uma mulher se mal podia se sustentar? Casar-se aos vinte e um anos? Com uma moça de dezoito? Sabia que além de apaixonado, o fato de ele ter sido o primeiro amante da moça corroborava para uma espécie de dever de honra, fazer a coisa certa etc. e tal. Sentia-se preencher-se de um instinto de proteção e valores morais que nem sabia que possuía. E aquela compulsão atávica só fazia aumentar com o passar das horas e a proximidade da partida.

Ele também precisava partir. Já devia tê-lo feito há dois dias. Seu chefe já havia ligado várias vezes e estava bastante furioso. Dimitri era um jovem jornalista e aquele era seu primeiro emprego de verdade. Pelo menos era um jornal de certo respeito. Ainda estava longe de ser o que sonhara para sua carreira e seu salário de novato em nada ajudava sua autoestima, mas era um

começo. Exatamente. Começo. Como alguém começando a vida poderia sequer pensar em casamento? Devia estar louco! Com certeza em uma semana já a teria esquecido.

Ele fora àquela cidade do interior de São Paulo para cobrir um escândalo de corrupção na prefeitura. Era sua primeira viagem a trabalho e estava empolgadíssimo. Nem o orçamento limitado que o obrigou a ficar instalado naquele péssimo hotel o desanimou, até porque o lugar não oferecia opções muito melhores... Mas logo de cara, começaram as decepções.

O prefeito nem ninguém de sua equipe aceitava recebê-lo. Ele passou uma semana só rondando a prefeitura e dando telefonemas. No entanto, logo na primeira noite, depois de um dia infernal de muitos “nãos” e um calor insuportável, ele foi ao circo. Perguntara que tipo de divertimento havia ali à noite e foi informado de que apenas encontraria botequins, casas de má fama e um circo, de passagem pela cidade. Acabou optando pelo circo, já pensando como repórter independente em fazer uma matéria extra ou quem sabe até arranjar material para um documentário sobre circos pequenos e como sobrevivem indo de cidade em cidade.

Para quem foi com espírito de “apenas a trabalho”, surpreendentemente apreciou muito o espetáculo. Os artistas eram talentosos e carismáticos. Dois shows chamaram sua atenção mais que os outros: um número com cavalos e os palhaços. Mais tarde, naquela noite, descobriu que ambos foram protagonizados pela mesma admirável criatura – Nádia. Fora ela a razão de seu escrutínio. Ela parecia brilhar. Era exímia amazona e fazia acrobacias sobre os animais, chegando a pular de um para outro em plena cavalgada. Quase não a reconheceu, quando mais tarde voltou ao picadeiro como o palhaço Queijadinha. Foi justamente a vontade de confirmar suas suspeitas sobre aquele palhaço peculiar que o fez examinar cada movimento da figura colorida. Foi estranho, porque ele odiava palhaços.

Ao fim do espetáculo, apresentou-se nos bastidores como repórter e o Senhor Pavel respondeu a suas inúmeras perguntas e apresentou-o a todos, chamando-os de “sua família”. A ela, como sua filha.

– Dimitri? É um nome russo! Já gostei de você, rapaz! – Foi o que Pavel lhe disse ao saber seu nome, para em seguida lhe oferecer *vodka*.

Ele aceitou a *vodka* e observando a moça também bebê-la, soube de imediato, pela diferença fisionômica e racial, que ela provavelmente não era filha dele de verdade. Um tempo depois, ela confirmou as suspeitas dele dizendo que tinha sido criada pelo russo, mas que era órfã. Ela não quis falar muito sobre o assunto e ele preferiu respeitar e deixar que ela se sentisse mais à vontade com ele para se abrir sobre temas delicados.

Já naquela primeira noite ela foi dele. Ele não fez nada para que aquilo acontecesse. Até queria, mas não se atreveu a convidar a filha do dono do circo para sair, na frente do pai e de todos. Além do que, Dimitri sempre achara o pessoal de circo um tanto assustador, com aquela coisa de jogar facas e engolir fogo... Mas Nádia o seguiu de perto até a cidade, o que o desconcertou durante todo o trajeto. Aproximou-se dele quando ele já estava diante do hotel e disse que era seu aniversário de dezoito anos e que queria comemorar. A princípio, ele não entendeu. Achou que ela queria beber mais com ele, um encontro... Contudo, diante do ar paspalho que ele fez, ela foi mais direta.

– Dezoito anos. Já não sou mais criança. Sou adulta. – Ela afirmou com seu português de sotaque indefinível, talvez pela convivência com múltiplas nacionalidades. E seu jeito de falar era macio e tão sexy, que Dimitri ferveu. – Quero aprender como é estar com um homem...

– Você...? Você... Ah! – A cara que ele fez devia ser a de um perfeito paspalho. De fato foi assim que se sentiu, por demorar tanto para entender a deixa que ela estava lhe dando. Talvez por ser bom demais para ser verdade ou porque era exatamente o que ele mais desejava...

– Estou parada aqui e... tá começando a ficar estranho – disse ela, que nitidamente esperava uma reação dele. – Olha, se você não quiser...

Sem saber o que dizer, Dimitri resolveu agir. Tomou-a nos braços e a beijou até perder o fôlego. Ao se desprenderem do beijo e do abraço, riram, achando graça de si mesmos e da situação insólita, todavia absolutamente eletrizante. Dimitri a pegou pela mão e a conduziu até seu quarto no hotel. Os dois tinham um risinho bobo no canto dos lábios, como adolescentes que não conseguem esconder os momentos de paixão e felicidade.

Dimitri agiu como qualquer rapaz de vinte e um anos agiria. Sem muita responsabilidade, inebriado pelo desejo, sem pensar em consequências a não ser pelo uso já condicionado do preservativo. Ainda se surpreendeu ao constatar que ele realmente era o primeiro, apesar de ela o ter dito de certa forma. Mas tudo foi tão natural que era como se já estivessem destinados àquilo. O assustador foi sentir-se nocauteado pela intensidade e pelo redemoinho de sensações jamais alcançadas antes. Ele pensou então que numa segunda vez não seria tão bom... E foi surpreendido, porque foi melhor. E continuou sendo melhor a cada noite... Aquilo não podia ser normal...

Nos espetáculos que antecediavam seus encontros no ninho de amor, nas noites seguintes, descobriu que Nádia era a artista mais versátil do circo. Ela não somente fazia o número como palhaço, o espetáculo com cavalos ou o show no trapézio. Ele a viu atirar facas, andar de motocicleta no globo da morte, fazer um

número de acrobacias e saltos mortais com o chinês e desaparecer em nuvens de fumaça ou de dentro de caixas em números de mágica, como a assistente do ilusionista. A performance favorita de Dimitri, no entanto, ainda era vê-la pendurar-se nos trapézios voando sobre sua cabeça. E a cada dia ela o surpreendia com uma habilidade nova ou com o seu jeito meigo e franco.

– Como é ser jornalista? – perguntou-lhe com curiosidade, quando passeavam de dia, numa segunda-feira, dia que não tinha espetáculo no circo.

– Eu adoro! Sempre foi meu sonho. Nossa! Estudei tanto! Queria muito um dia produzir documentários, fazer matérias para a televisão... Sei lá... Eu tenho umas ambições meio loucas aí, sabe? Muita gente diz que é uma carreira difícil, elitista, que não tem muito emprego e tal... mas eu penso grande e tenho planos... – soou um pouco mais empolgado do que planejava. – As pessoas dizem que é bobagem... – falou receoso. Nem todo mundo o levava a sério.

– O sonho de alguém não pode ser bobagem... – disse simples e suavemente.

Dimitri examinou o rosto da moça, para verificar se ela realmente pensava daquele jeito. Viu apenas sinceridade e carinho, o que o deixou à vontade para lhe abrir o coração, mesmo que em parte, confrangido, já que lhe falaria de sonhos e planos de que ela não faria parte.

– Eu queria ser repórter correspondente internacional – soltou de uma vez.

– Uau! Grandes planos! – exclamou parecendo realmente surpresa. – Você vai conseguir, é claro. Tipo correspondente de Nova Iorque?

– Bem, na verdade, eu penso mais em algo do tipo Oriente Médio...

– Puxa! Agora me surpreendeu mesmo! Normalmente as pessoas correm daquele lugar... – comentou num fiapo de voz que mostrava ou tristeza ou decepção. E Dimitri entendeu por quê. Era o tipo de vida que não teria lugar para ela. Sentiu-se mal por aquilo, mas bem por poder compartilhar algo tão pessoal. Estavam cada vez mais íntimos, mais amigos e cúmplices. Como ia ser difícil dizer adeus!

Na segunda semana, já havia terminado a matéria que fora fazer na cidade. Felizmente conseguiu depoimento de testemunhas, ex-funcionários de uma empreiteira que superfaturou uma obra faraônica para a prefeitura. O fotógrafo estivera na cidade apenas um dia e tirara todas as fotos necessárias. Então, por que ele ainda estava lá? Fosse seu instinto de repórter ou fosse por seus instintos mais primitivos de homem, veio-lhe à mente a ideia de investigar Pavel. Precisava de uma nova matéria que o mantivesse na cidade, que o mantivesse perto de Nádia, ainda que por mais alguns dias. Assim, a estranheza que sentiu no russo o guiou a uma descoberta peculiar – Pavel já havia sido investigado pela polícia federal, suspeito de ser um ex-agente da KGB, criminoso russo e de

ter estado envolvido em ataques terroristas na Europa nos anos 80. Nada foi provado e ele continuava sua vida como artista de circo.

Aquilo explicaria por que um circo com artistas tão talentosos e excepcionais limitava-se a fazer espetáculos apenas pelo interior do Brasil, nunca indo a nenhuma capital ou cidade grande. Dessa desconfiança, partiu para sua pesquisa sobre outros artistas do circo e seus amigos hackers lhe informaram que o chinês, agora chamado Tito, fora outrora Zhou Yong, entrara para a Escola de Ópera de Pequim, mas acabara fugitivo por envolvimento com a máfia chinesa. Sobre o casal de trapezistas argentinos recaía a suspeita de serem na verdade Saulo e Sula, ladrões de joias de fama internacional, conhecidos por fugas espetaculares cheias de malabarismos e acrobacias. Os outros integrantes brasileiros da trupe de um modo geral tinham passados nada ortodoxos, embora bem menos glamourosos.

Convencera seu chefe de que o Gran Circo Pavel podia ser um grande furo de reportagem e assim ficou na cidade até aquele dia. No final, não tinha uma história, pois não conseguira descobrir nada sobre Pavel ou qualquer outro e, mesmo que tivesse uma matéria, provavelmente não poderia usá-la e expor o pai adotivo de sua amada Nádia. Jamais se arriscaria a despertar nela rancor ou mágoa. Seu chefe não estava nada satisfeito de saber que no final, a única matéria que ele escrevera sobre o circo era sobre pequenos circos que visitavam cidades do interior. Ficou ainda mais furioso quando soube que ele precisava de mais dois dias na cidade. Dimitri arriscou seu emprego. Talvez fosse demitido quando voltasse... mas naquele momento pensava em arriscar ainda mais...

“Você quer se casar comigo?” “Quer vir comigo?” “Vamos embora juntos?” Eram sentenças que pairavam em sua mente, brigando com a razão que lhe dizia que essas ideias eram absurdas.

No fim de sua segunda semana lá, não mais se contentava em ver Nádia apenas à noite, visitava o circo no meio da tarde ou pela manhã, apenas para vê-la e falar com ela. Ela estava sempre muito ocupada e frequentemente não podia conversar, e ele então se contentava em observá-la trabalhando. Encontrou-a em tão diversas atividades quanto ela possuía de habilidades no picadeiro. Viu-a varrendo, limpando, costurando fantasias, fazendo máscaras de palhaço, cozinhando, cuidando dos cavalos e em momentos de treino e ensaios para os shows. Por vezes acabava tentando ajudar no que podia.

Um dia, chegou ao circo e encontrou-a com o chinês. Eles estavam treinando Kung fu. Compreendeu logo que não se tratava de um ensaio para apresentação, mas de algo pessoal, particular. Especialmente quando notou que ela não gostou do flagrante. Em nenhuma outra ocasião, ela se aborreceu por ele a ter visto trabalhando ou ensaiando. No entanto, embora ela não tivesse dito

nenhuma palavra de censura, sentiu-a fria e séria, não lhe sorriu como de costume.

– Desculpe. Não queria atrapalhar o seu treino – comentou sentindo-se mal.

– Não faz mal – murmurou ela, para em seguida dispensar Tito com um olhar, um movimento de cabeça e duas palavras em Mandarim, que tiveram também uma resposta no mesmo idioma.

Dimitri encolheu-se com um nó no estômago. As pessoas só conversam em uma língua que você não conhece, se não querem que você entenda... O clima de mistério e segredo o perturbou, porque ele não queria que ela guardasse segredos dele.

Mordeu-se de vontade de interrogá-la a respeito do treino, de por que usara Mandarim, se Tito falava português... Contudo, conteve-se. Ela não era sua. Ele não tinha direito algum, especialmente sabendo que aquele relacionamento tinha uma data prevista para o fim.

E aquele fim chegara. Era naquele momento. Aquela era sua vigésima primeira noite juntos. A última. A última? Tudo em seu ser clamava para que não fosse. Provavelmente não dormiria a noite toda. Ficaria ali a observá-la em seu sono tranquilo... Sentiu raiva. Dela. Como ela podia dormir tranquilamente em sua última noite com ele? Será que não o amava como ele a amava? Sim, amava-a. Era inútil negar. Estava enlouquecido por aquela paixão, embebido em amor e ébrio daquela química sexual avassaladora.

Nádia correspondera a todos os seus beijos e carícias, suspirara em seus braços e entregara-se totalmente. Nunca fora fria, mas incomodava-o que ela nunca tivesse lamentado com ele o momento próximo de sua separação. Era sempre ele que murmurava entre beijos que não queria deixá-la nunca. Fora ele quem expressara profundo lamento por aquela noite ser a última. Ela sempre se limitava a sorrir e beijá-lo. A simples cogitação de que os sentimentos dela não fossem tão profundos quanto os dele atormentava-o deveras. Consolava-o apenas a declaração dela logo no início do relacionamento, quando disse que se apaixonou logo que o viu e... com uma outra coisa...

Ele ouvira uma conversa dela com Pavel. Não foi de propósito. Chegou próximo ao camarim e os escutou. O teor do diálogo o intrigou e fez com que ele continuasse onde estava – do lado de fora da tenda do camarim, encoberto pela lona ao lado da porta.

– Eu amo o Dimitri, pai. Mas não tenho o direito de querer mais dele. Ele está de partida.

– Amor é coisa séria, querida Nádia. Você é tão jovem. Tem certeza?

– Tenho. Acho que ele é o amor da minha vida...

– Então esquece aqueles seus planos e vai ser feliz! Você merece, Nádia.

– Você sabe que eu não posso. Eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer! Você entende. Sempre me ajudou e me apoiou. Eu e Dimitri... A gente pode se reencontrar depois. Se tiver que ser, vai ser. Se for para ficarmos juntos, a vida vai nos reunir novamente.

Eles provavelmente diriam mais e Dimitri queria muito ouvir, mas Tito se aproximou perguntando se ele estava procurando por Nádia. Surpreso e nervoso com o flagrante, balançou a cabeça positivamente e logo a viu sair do camarim e dirigir-se a ele. Eles provavelmente ouviram Tito e perceberam que podiam ser ouvidos. A conversa tinha sido interrompida.

Dali, foram passear e namorar. Nádia não o interrogou sobre ter ouvido ou não algo. Ele também não teve coragem de confessar seu delito para poder indagar-lhe, embora queimasse de curiosidade por saber quais planos eram aqueles que ela tinha.

E lá estava ele. Pensando se ela o amaria como declarou a Pavel, se desistiria de seus planos, fossem eles quais fossem, por ele, assim como ele pensava em até desistir dos seus por ela.

Passou a noite em claro. Foi ao banheiro várias vezes. Voltava, bebia um gole d'água, deitava-se novamente, mas permanecia insone. Tinha ímpetos de sacudi-la, acordá-la e gritar-lhe que não o deixasse, que deveriam ficar juntos e serem felizes para sempre... Mas aí a razão arrastava-se sorratamente por suas entranhas soprando-lhe a velha cantilena: *you are very young, your career is starting, she is only sixteen years old, you don't have means, you don't have a house nor car, your parents won't approve and won't help... won't think that she got pregnant... She will miss the circus, she won't get used to life in the big city. You won't want to marry a circus artist, she needs that which is her life... A woman who was never in school... She has suspicious and dangerous friends... SHE is dangerous! And will she say yes? Probably not. Or will she? She would abandon everything for you? And her dream? Her big dream of becoming an international correspondent?*

Aquela noite foi um marco na vida de Dimitri, mas não representou nada na história da humanidade, já tão abarrotada de batalhas antológicas entre a razão e a emoção desde tempos imemoriais. É a guerra mais antiga e a que mais traz sofrimento, porque a razão tende a ganhar e ela nem sempre está certa, ou, segundo os mais românticos, ela NUNCA está certa.

Às seis da manhã, Nádia despertou. Dimitri já estava vestido e com suas malas prontas. Ela sorriu para ele. Ele não soube sorrir de volta, pois sua batalha interior ainda não findara e ameaçava ser travada até o último instante. Talvez uma palavra dela... Se ela dissesse que queria ficar com ele... Uma palavra e ele se jogaria aos seus pés...

Ela não demorou no banheiro e já saiu de lá pronta.

– Bem, preciso voltar logo para o circo. O pessoal precisa de mim para desmontar tudo e levantar acampamento. Vamos partir ao meio dia.

A naturalidade com que Nádia falou o desconcertou. Será que ela não sentia...?

Ele a abraçou e fechou os olhos com força. Ele era dor. Sentiu seu peito sendo partido em vários pedaços e temeu nunca mais conseguir juntá-los. Após alguns instantes, ele a afastou apenas o suficiente para contemplar seu rosto. Viu seus olhos marejados de lágrimas e soube que também era amado.

– Nádia, meu anjo, eu te amo – pronunciou em um fiapo de voz rouca. – Não queria ficar sem você. Você entende?

Ela confirmou com a cabeça e permitiu finalmente que as lágrimas em seus olhos rolassem por suas faces.

– Também amo você, Dimitri. Nunca vou amar outro.

Ele sorriu e a devorou em um beijo consumido pelo desespero. O beijo durou mais de um minuto e deixou ambos descompostos e vermelhos.

– E então? – Ele perguntou ansioso e temeroso, fundamentalmente esperançoso.

– Ela olhou para baixo e moveu os braços para se libertar do abraço dele. Afastou-se ligeiramente tomando certa compostura.

– O circo parte hoje.

– Eu sei. Também preciso ir embora hoje. Já devia ter ido, na verdade. Fiquei o quanto você ficou.

– Eu sei.

– Tenho vinte e um anos e não tenho um emprego sólido... Estou apenas começando a carreira e...

– Minha vida é o circo...

– Em São Paulo, não sei o que você poderia fazer longe do circo...

– Pois é...

– Eu tenho um sonho...

– Eu sei. Você me contou... Correspondente internacional... em conflitos... guerras... No Oriente Médio... Muito corajoso... Vai ficar famoso...

– Não sei... Mas você...

– Eu? Você...

– Não queria ir, mas...

– Não tenho um sonho, mas tem uma coisa que preciso fazer na minha vida..., enquanto sou jovem, solteira...

– Entendo... – Ele murmurou um tanto magoado...

– Não, não entende... Não é o que está pensando... Não envolve conhecer

outros rapazes... Já disse: nunca vou amar outro...

– Eu também. Tenho coisas... pra fazer... coisas...

– O circo está indo e...

– Você tem que ir, eu sei.

– E você também.

A razão falava pelas bocas de ambos, esmagando a seus pés todo o sentimento.

– Mas um dia, quem sabe...? – Dimitri disse, sentindo que era urgente terminar aquele embate.

– É, quem sabe...

Ele sabia que ela não tinha celular nem e-mail, que vivia estranhamente fora do mundo virtual, mas que Pavel tinha. Aquele era o contato que ele teria dela, somente. Deu-lhe seu número e pediu que ligasse. Prometeu-lhe que nunca trocaria o número nem seu e-mail para que ela tivesse como encontrá-lo, porque um dia... quem poderia saber? E fiava-se nas palavras dela para Pavel: que se tivesse que ser, um dia voltariam a se reencontrar.

Ele não pôde caminhar com ela de volta ao circo, pois seu ônibus sairia logo. Já havia se despedido de Pavel e de todo o pessoal após o último espetáculo na noite anterior. Sabia o nome da cidade para onde o circo iria em seguida, mas depois disso o destino de sua amada lhe seria totalmente desconhecido. Além de telefone e e-mail, ele lhe deu seu endereço. Queria estar disponível. Não podia sequer imaginar perdê-la para sempre... Devia haver uma forma de se reencontrarem. Um dia...

Ele ficou parado em frente ao hotel olhando enquanto ela se afastava.

– Espere! – gritou e correu até ela. – Não tenho nenhuma foto sua... – enunciou em desespero de uma causa quase perdida... Retirou o celular do bolso e fotografou-a em seu sorriso triste de adeus. – Como pudemos ter esquecido isso? Você também não tem...

– Não se preocupe, eu guardo seu rosto em meu coração...

E aquelas foram as últimas palavras que ouviu dela.

1 - Igreja sem padre

Junho de 2015. Recanto Sereno, Pará

Moacyr Santana, o secretário do prefeito, entrou apressado na farmácia Luzia e pediu por um remédio para dor de cabeça. Suava em demasia e o calor sempre lhe causava uma enxaqueca terrível. No entanto, precisava cumprir a tarefa que o prefeito lhe designara pela manhã e dar as boas-vindas a uma freira que estava chegando a Recanto Sereno para cuidar da igreja.

– Dor de cabeça de novo, Seu Moacyr? – perguntou o farmacêutico, velho conhecido, logo que o viu.

– É uma desgraça. Quase todo dia. Médico nenhum me cura, remédio nenhum me deixa bom. Mas me dá aquele de sempre, que pelo menos alivia um pouco a maldita.

O farmacêutico buscou pelo remédio na prateleira, sem pressa, esperando pela prosa, que fazia parte do ritual de qualquer um que entrasse em sua loja. Em cidade pequena, comprar alguma coisa em qualquer lojinha podia também ser um pretexto para colocar a conversa em dia ou fazer uma fofoca qualquer. E Recanto Sereno^[1] era uma cidade mínima. Uma das menores do Estado do Pará, geograficamente isolada por florestas e ligada ao resto do mundo por estradas em péssimas condições.

– Novidades na Prefeitura?

– Não. Só a chegada de uma freira à cidade.

– Uma freira? Mas não estamos precisando é de padre?

– É, mas depois dos dois últimos enviados terem morrido misteriosamente por aqui, a Igreja deve estar mandando sondar o terreno antes... Diz o bispo que ela vem pra cuidar da igreja e preparar tudo para o próximo padre. Ele enviou uma carta ao prefeito.

– Pois é. Padre novo botando ideia revolucionária na cabeça desse povo aqui não dura muito tempo...

– Pior que ficar dando ideia onde não é chamado é se meter em política...

– Sei bem – concluiu o farmacêutico com certa tristeza. – O ruim é que minha mulher se queixa de não poder ir à missa. Era o passeio de domingo. Motivo para vestir roupa nova. Por aqui não tem muita distração... As festas que tínhamos eram festas de igreja.

– Eu, por mim, não faço muita questão, que não sou homem religioso. O

problema é quando tem casamento, enterro... E um cristão morre e quer uma extrema unção...

- A freira não pode fazer essas coisas...
- Pode não. Vem à toa. Só vai fazer grupo de oração com as senhoras...
- Menos mal, assim minha esposa já arruma uma distração...
- Pois é. Mas tomara que essa freira não seja curiosa como os padres.

O secretário pagou o medicamento, recebeu o embrulho e despediu-se dizendo que ele estava justamente indo esperar a tal freira na rodoviária.



Ela chegou no horário, mas não chegou no ônibus de viagem. Chegou dirigindo um carro velho que puxava um trailer comprido, como os que se veem em filmes americanos. Moacyr nunca tinha visto tal coisa. Para ele, trailer assim nem existia no Brasil.

Depois da surpresa do trailer, Moacyr se espantou com a feiura da irmã. Ela tinha um rosto enrugado e macilento e usava óculos de aros pretos grossos e com lentes meio escuras que dificultavam a visão de seus olhos. Ela andava como uma pata e definitivamente estava acima do peso. Achou-a uma criatura pavorosa, que tanto podia ter quarenta como sessenta anos. Fora o rosto, tudo era coberto por um hábito franciscano comprido. Ela sorriu e até seus dentes lhe causaram repugnância. Eram amarelados e um pouco para fora.

Cumprimentaram-se e, como ele tinha ido a pé, pela pouca distância que percorreriam até seu destino, ele entrou no carro da freira para conduzi-la até a igreja, já que ela ocuparia um dos quartos da casa paroquial nos fundos.

Em menos de cinco minutos estavam lá. A irmã estacionou no pátio dos fundos. Houve certa dificuldade em posicionar o trailer.

O secretário e ela já trocavam uma conversa sobre amenidades, como se ela tinha feito uma boa viagem e sobre o clima. Ele notou que ela tinha uma voz um tanto rouca e carregada de um sotaque que não conseguiu identificar. Ao saltarem do carro, porém, Moacyr não conteve sua curiosidade, um tanto desconfiada.

- Pra que o trailer, irmã?
- Ora, para o trabalho de Deus! Tenho muitos objetos sagrados para carregar. O novo padre me pediu para trazer...
- O novo padre?
- Claro, ele virá em pouco tempo... Mas deixe-me mostrar... – disse enquanto se dirigia para a porta do trailer, que abriu para mostrar ao secretário. Ele entrou e olhou. Viu mantos em veludo vermelho e dourado cobrindo quase tudo e objetos sacros, como cruzes, cálices e imagens de santos. Achou um

exagero, entretanto, quem era ele para julgar uma religiosa ou um padre? – Viu? Tudo para a obra de Deus! – concluiu sorridente e com aquele ar beato que o incomodava um pouco.

– Está claro que sim, irmã.

Moacyr deu-lhe as chaves da igreja e da casa paroquial e lhe disse que havia uma senhora que vinha uma vez por semana para fazer a limpeza geral. Despediu-se e tomou o caminho de volta à prefeitura, pensando que a irmã Aparecida aparecera.

Ao vê-lo se afastar, a irmã pensou em voz alta: “A limpeza que vou fazer aqui é bem mais profunda... nas almas desta cidade...”

2 - O famoso correspondente internacional

Agosto de 2015.

As imagens de um conflito armado na Líbia foram exibidas durante toda a semana. Em todas elas, o contato jornalístico da famosa emissora era Dimitri Arantes. Aos vinte e oito anos, com sete de carreira no jornalismo, Dimitri era um rosto conhecido quando se tratava de guerras, ataques terroristas ou conflitos em geral, principalmente no Oriente Médio. O jovem Dimitri colhia o sucesso como recompensa por anos de dedicação absoluta à sua carreira e uma ideia ardilosa e arriscada que empreendeu para conseguir o emprego. Conseguiu se tornar correspondente, graças a uma iniciativa ousada. Ele, seu cinegrafista e uma colega de profissão foram para o Oriente Médio por conta própria e produziram um documentário sobre as guerras e conflitos que afligiam todos os países da região. A película impressionou pelas cenas em meio a batalhas, tiroteios, explosões de bombas e tantos outros conflitos. Em todos eles, Dimitri e sua colega apareciam como loucos em meio ao perigo, relatando a situação do local exato onde tudo ocorria.

Conclusão: vendeu o documentário para a emissora e foi contratado, assim como sua colega, Carina Braga, e o cinegrafista, Willian. Até então, todas as notícias sobre conflitos naquela região eram reportadas de Nova Iorque, por correspondentes que nada mais faziam que saber de lá, de outras emissoras internacionais, o que se passava nos países em guerra. Até as imagens eram as mesmas das outras emissoras, cedidas. A coragem dos repórteres e suas cenas exclusivas ainda foram vendidas para outras emissoras de outros países. E a renomada emissora gostou daquele prestígio. Já que tinha os “doidos” que estavam dispostos a arriscar suas vidas, por que não?

Dimitri tornou-se especialista naquilo e levou muito a sério seu trabalho. Sabia línguas, fizera treinamentos de combate e sobrevivência e tinha um instinto muito bom que o livrara de morrer em pleno exercício da profissão por diversas vezes.

Era correspondente do telejornal mais famoso do Brasil. Mas antes da aventura que lhe rendera o cargo, tinha sido correspondente de jornais de publicação e passara por situações extremas de vida e morte nas favelas de São

Paulo. Seus amigos mais próximos brincavam com ele dizendo que parecia que ele não tinha objetivo na vida senão procurar pela morte, como se não tivesse nada a perder.

Na verdade, o rapaz se sentia mesmo um pouco assim, pois se não fosse sua carreira, pouco tinha a perder. Perdera algo muito precioso há sete anos. Entretanto, a esperança de reencontrar o tesouro perdido ainda o movia e, enquanto isso, seu sonho de ser correspondente internacional o preenchia deixando um buraco, fazendo com que seu grande sonho da juventude parecesse menos dourado a cada ano.

O conflito durou ainda mais duas semanas. Dimitri não se importou. Escapou de uma bomba rolando por uma ribanceira, o que lhe resultou em vários arranhões e lesões pelo corpo, além de alguns estilhaços. Para completar sua temporada no país, levou dois tiros de raspão. Entretanto, suas transmissões ao vivo ou gravadas foram excelentes e seus ferimentos que mal podiam ser escondidos, conferiam-lhe um ar heroico que as câmeras adoravam.

Já há alguns anos adotara um visual diferente, deixara a barba e o bigode crescerem, não por aderir a tendências da moda, mas porque suas constantes incursões no Oriente Médio lhe ensinaram que o homem nessas terras é mais respeitado se usar barba. Por viver mais em países do Oriente que em seu próprio país, Dimitri acabou se rendendo a alguns aspectos culturais, a fim de evitar conflitos desnecessários. Felizmente, seu visual barbudo era tão bem-apegoado quanto o imberbe. A emissora adorou e ele o transformou em sua marca registrada.

Terminado o conflito e tendo sido dispensado para voar de volta ao Brasil, Dimitri mergulhou em profunda introspecção. Estava de férias. Após três anos sem tirar uma semana sequer de folga, fora intimado a tirar seu tempo acumulado: três meses de férias. Qualquer um estaria exultante, não Dimitri. Seu trabalho o impedia de enlouquecer de tédio e de arrependimento, não lhe dava muito tempo para pensar...

Nesse ânimo chegou ao aeroporto internacional do Rio de Janeiro. Paulistano de origem, mudara-se para o Rio desde sua contratação pela conceituada emissora, que tinha sua sede no Rio. Logo à saída do aeroporto, teve que parar para dar autógrafos. Nunca pensou que pudesse ser uma celebridade como repórter. Seu sonho de ser correspondente era em função do prestígio, da aventura, não da fama. Passava meses em outros países onde ele era apenas um repórter estrangeiro, ninguém importante. Então ainda estranhava toda vez que voltava para casa e era reconhecido nas ruas. Não chegava a ser um assédio como de astro de novela, mas já era o bastante para não lhe dar muita liberdade aonde quer que fosse.

Sorriu ao ver tia Berê. Quantas saudades! Tia Berê era sua tia Berenice. Logo que se mudou para o Rio, quando não tinha ainda onde morar naquela cidade, tia Berenice lhe ofereceu hospedagem. A tia era solteira do tipo solitária e ficara mais que satisfeita em ter companhia. Os planos de ter seu próprio apartamento e viver sozinho foram substituídos por ter um apartamento melhor e bem localizado e levar tia Berê junto. Ele simplesmente se acostumou a morar com a tia. Ela cuidava do apartamento e dos serviços domésticos. Isso lhe poupava o aborrecimento de ter uma empregada, uma pessoa estranha dentro de casa e era alguém em quem confiava para cuidar de tudo em suas longas ausências. Para quem vivia viajando, o arranjo com a tia era perfeito e ele não se importava nem um pouco com sua presença. Ela o salvara inúmeras vezes de mergulhar em tristeza profunda, talvez até de uma depressão. Não lhe concedia o luxo da solidão e aquilo era maravilhoso.

A tia sabia respeitar seu espaço, mas estava lá quando ele precisava de alguém para conversar. Cantarolava e enchia a casa de alegria de viver. Ela era uma mulher maravilhosa e Dimitri nunca entendeu por que ela não se casou. Qualquer homem teria muita sorte em tê-la como esposa. Não era tão bonita quanto a irmã, sua mãe, mas compensava com um bom humor que a progenitora do rapaz nunca tivera.

Após um longo abraço, ela começou a tagarelar perguntando sobre a viagem, comentando o quanto ele se machucou, que precisava largar aquele trabalho tão perigoso... Depois começou a fofocar sobre os vizinhos, as novas regras do condomínio, falou mal do síndico, dos vizinhos, dos políticos e... finalmente se lembrou de algo mais sério.

- Filho, recebi um telefonema naquele celular.
- Mulher?
- Não, homem.
- Pavel?
- Não. Uma coisa muito esquisita. Ele quer que você vá para uma cidade no Pará para fazer uma reportagem...

Dimitri desmanchou-se em desapontamento. O chip com o número de celular que deixou com Nádia ficava em um aparelho dentro de casa. Tinha medo de perder a ligação por estar em meio a uma guerra ou conflito, ou área inacessível ao sinal ou de distrair-se com essa expectativa e acabar levando um tiro. Achava melhor deixá-lo em casa, a tia atenderia e lhe daria o recado. No entanto, claro que outras pessoas tinham o número, embora ele usasse outro há uns três anos...

Não era ela. Por que seria? Sete anos. Sete longos anos e ela não ligou nenhuma vez. Pavel não atendeu nenhuma de suas dezenas de ligações e não

respondeu a nenhum dos incontáveis e-mails que mandou para tentar saber pelo menos notícias de Nádia.

- Pensou que pudesse ser ela, né, Dimitri?
- Pensei, por alguns segundos... Ou Pavel... Sou um idiota ou não sou?
- Não, é um romântico... Mas faz muito tempo, querido, é pouco provável...
- Eu sei. Eu gostaria de esquecer e desistir dela... mas não consigo...

Por mais que ele tentasse se convencer de que Nádia não o queria e nunca o amou como ele a amou, não conseguia odiá-la ou esquecê-la. E as palavras da moça dizendo que nunca amaria outro queimavam em seu âmago, como ferida aberta. Ela tatuara nele, a fogo, aquelas palavras...

Acreditou tanto nelas que nos primeiros três anos, não conseguiu ficar com nenhuma outra mulher. Seu celibato só teve fim numa noite em que movido pelo álcool e pela tristeza, decretou com ódio que a esqueceria. Não mais permaneceu casto, mas tampouco a esqueceu ou foi capaz de ter qualquer tipo de relacionamento que não estritamente físico. Aquela era sua maldição. Amar para sempre uma mulher que ele perdeu. O arrependimento o consumia, porque inevitavelmente ele cogitava as inúmeras possibilidades de sua vida ao lado dela, se ele tivesse tido coragem... se tivesse seguido seu coração no lugar da razão... se ele tivesse ao menos tentado... Ah, o arrependimento pelas coisas não feitas... tão pior...

E sua mente foi arrastada àquela cidadezinha no interior de São Paulo novamente, quando ele e Nádia tomaram um banho de chuva enquanto caminhavam para hotel, após mais uma noite de espetáculo do Gran Circo Pavel.

– Que delícia! Adoro tomar banho de chuva! – Ela falou, erguendo os braços ao ar e girando em torno de si como uma criança. Seu riso era largo e espontâneo. Como ele amou aquele momento! Ela era uma pessoa incrível! Parecia que queria viver cada momento como se fosse o último. Nunca conheceu alguém que valorizasse tanto os pequenos prazeres da vida. Ele não só a tinha amado, como também nutria por ela uma admiração, uma quase veneração.

Abraçou-a e rodopiou junto com ela, sentindo seu corpo através das roupas encharcadas, coladas a seus corpos. Beijaram-se longamente e depois no hotel tiraram os trajes molhadas e entregaram-se a mais uma enxurrada de paixão.

Não era mais para ele ter lembranças! Em sete anos já não era para ter esquecido? Porém era sua maldição: lembrar-se de tudo, tudinho, cada detalhe e cada sensação, cada bater mais forte do coração e cada suspiro. Marcado. Definitivamente marcado para sempre... E era por esse motivo que ele ainda estava lá, esperando que ela ligasse... depois de sete anos!

Bem, no final, o telefonema que recebera era sobre uma reportagem no Pará... Já havia recebido e-mails falando sobre aquilo... Mas se arriscar com uma

pista de alguém que não conhecia... Resolveria aquilo depois.

– O Maia ligou?

– O detetive?

– É, tia Berê. O Maia, detetive.

– É, ligou tem um tempo... Precisava falar com você, pediu para ligar logo que chegasse...

– Por que não disse antes? – falou ansioso.

Maia só ligava quando tinha informações. Era o terceiro detetive que contratara nos últimos sete anos para descobrir o paradeiro de Nádia, Pavel ou do circo. Nenhum dos dois anteriores chegara sequer perto de uma pista concreta. Só o fizeram gastar seu dinheiro, sua esperança e seu tempo, viajando para encontrar cirquinhos que nem eram o *Gran Circo Pavel*, nem tinham sua Nádia trabalhando neles.

Era uma vergonha que ele, grande repórter internacional, muitas vezes investigativo, não conseguisse encontrar uma mulher! Nem pagando um detetive! Mas ele ligou. Será que ele tinha pistas?

Dimitri ligou imediatamente para Maia. Suas mãos ficaram trêmulas de ansiedade. O que o esperava? Mais uma decepção? Uma luz?

– Maia, tudo bem? É Dimitri. Acabo de chegar ao Brasil. Tem alguma coisa para mim?

– Tenho, meu caro – falou animado. – Encontrei o circo! O *Gran Circo Pavel*! Eu mesmo falei com Pavel. Só que sua Nádia não está mais no circo.

Tão rápido quanto a euforia que tomou conta dele às primeiras palavras do detetive, sucedeu-se o desânimo. Mas rapidamente recobrou o ânimo. Se ele encontrara Pavel, ele tinha que saber onde ela estava.

– Me passa tudo o que você tem. Eu vou voar hoje mesmo para o lugar onde esse circo estiver! Seja onde for!

3 - A mulher do táxi

Recanto Sereno, Pará

O Excelentíssimo Senhor Vereador Asdrúbal Epaminondas ensaiava sua face mais triste e chorosa, porém digna e bem-posta para o fotógrafo do jornal local. Queria sair-se bem em seu luto por sua santa mãezinha que ali estava sendo sepultada. Afinal, morta aos oitenta e um anos, dedicara cinquenta e cinco desses a zelar por seu amantíssimo filho Asdrúbal, infernizando-lhe toda a existência.

Após se certificar de que a mãe estava bem enterrada e que sua alma fora devidamente encomendada a Deus, não por um padre, pois padres andavam escassos na região, mas por um beato, soltou mais alguns suspiros. Em seguida teve mais uma performance de choro desesperado que se acalmou aos poucos sobre o ombro de sua linda secretária. Tudo devidamente documentado pela imprensa da cidade de Recanto Sereno, interior do Pará. Em seguida ainda recebeu muitas condolências e abraços. Impacientou-se, pois o cheiro de velas e de flores começava a dar-lhe a real consciência de que aquilo era um cemitério.

Quando finalmente se viu livre dos últimos “súditos de seu séquito”, curiosos e parentes, pois ao fim do enterro todos tendem a ir embora, ligou já nervoso para seu motorista, para saber por que ele já não estava parado à porta do cemitério, à sua espera. Odiava esperar. Ele? Um vereador? Um homem poderoso? Ficar à espera do motorista?

Xingou todos os palavrões que conhecia bem ali em frente ao túmulo de sua mãe recém-enterrada, quando o motorista disse que fora sabotado... Coisa da oposição, com certeza... Teve seus quatro pneus furados quando parou em frente à casa de Laudelinda. A pressa era uma maldição. Pressa que tinha de se enfurnar em seu sítio um pouco afastado da cidade com Laudelinda, sua nova amante, que ele não era homem de chorar e sofrer sozinho. Por isso pedira ao motorista para ir logo buscá-la para que, ambos, dali já fossem juntos...

Seu motorista disse que ia demorar muito para trocar todos os pneus, mas que já tinha providenciado um táxi para ir buscá-lo e já estaria chegando. Menos mal, menos mal... Queria logo sair dali, em breve começaria a escurecer e ele tinha pavor de cemitério à noite...

Foi para a porta do cemitério e lá ficou plantado, esperando. Dez minutos! Entrou no banco de trás do táxi bem chateado, mas aliviado. Não tinha como

pedir para ir para a casa de Laudelinda. Apesar de ser divorciado, zelava por sua imagem de homem público e não queria fofocas de um taxista sobre quem era sua nova amante, de modo que deu o destino de sua casa.

Segundos antes de o táxi andar, olhou assustado para o lado, constatando a presença de uma moça. Abafou uma exclamação de horror. A moça era bonita, jovem, de cabelos castanhos compridos, mas assustadoramente pálida. Seu rosto era branco e translúcido e usava um vestido todo branco. Asdrúbal sentiu medo. Aquilo era real? Ou uma aparição? A pele dela brilhava com uma luminosidade fantasmagórica. Asdrúbal controlava-se para não mijar nas calças. Tinha muito medo de assombração. Como legítimo paraense, não era imune às superstições e lendas locais e já tinha ouvido a história da mulher do táxi. Aquela que em vida ganhava uma corrida de táxi de presente de seu pai nos seus aniversários e, depois de morta, continuara a fazer o mesmo, sempre pegando o táxi na porta do cemitério.

– Hoje é meu aniversário... – Ela disse, quebrando o silêncio com uma voz que parecia ter outras sobrepostas, como se fossem três pessoas em uníssono em vez de uma. – Eu gosto de andar de táxi no meu aniversário...

Quando ouviu a voz estranha da mulher, o taxista se assustou, olhou para trás e se apavorou, perdendo a direção. Quase jogou o táxi numa ribanceira, freando bem em cima.

– E hoje foi o enterro da minha mãe! – Conseguiu finalmente tomar a defensiva e sair de seu estupor. – O que você quer? – O vereador, que tinha o coração aos pulos, mal se recuperando do susto de ver a moça e do susto do quase acidente de carro. Mas conseguia ainda perguntar – O que você quer?

– Eu quero a sua desgraça! – Ela falou fechando a cara em tom profético de maldição. – Você é um homem mau. E vai sofrer...

– Quem é você? – perguntou apavorado, tendo o motorista do táxi como testemunha muda e petrificada de terror.

– Você vai sofrer... Liberte-os!

– Libertar quem? – falou a curiosidade do taxista.

– Vocês dois vão morrer...

– Não, por favor, eu tenho filhos para criar... – chorou o taxista.

– Vou matá-los com meus olhos... Se não querem morrer, fechem os olhos...

O Anjo Vingador está chegando...

O medo era tão grande, que não houve raciocínio nem de um, nem de outro. Os dois fecharam os olhos e assim permaneceram por um tempo... exclamando “Meu Deus, Meu Deus”. Quando se atreveram a abrir os olhos, olharam um para o outro e para o lugar vazio ao lado do vereador. Instintivamente, como se precisasse de um choque de realidade, Asdrúbal saiu do carro e correu para os

arredores à procura da mulher. Afinal, se ela fosse real, não poderia ir longe... Fechara os olhos por no máximo cinco minutos...

O taxista o seguiu e também esticou as vistas, entraram no mato às margens da estrada à procura de pistas, mas a noite ameaçava chegar e o medo de nova visagem da assombração os fez voltar ao táxi. O taxista varou a estrada de volta ao centro da cidade, ultrapassando todos os limites de velocidade.

4 - *Decepção e motivação*

Dimitri chegou àquela cidadezinha no interior do Espírito Santo debaixo de uma chuva fininha. Ele pegou um avião para o estado, mas não havia jeito de chegar à cidade senão por ônibus. Desceu na rodoviária zozinho de sono e desconforto por uma viagem de três horas. Mas logo se sentiu totalmente acordado com a possibilidade do encontro e por causa da garoa que lhe despertava os sentidos. Pegou logo um táxi e pediu o rumo do circo.

Chegou lá em dez minutos. O circo estava montado numa área descampada, próxima a uma estrada e a alguns galpões de fábricas. Ver o acampamento e o letreiro conhecido provocou uma forte emoção. Foram tantos anos de busca que chegara à estranha sensação de que tudo não passara de um sonho. Por vezes se questionava se não estaria louco. Se aquele circo era real... se *ela* era real... E então ali estava ele novamente olhando para aquela estrutura e a familiaridade lhe trouxe dor e saudade.

Lembrou-se de quando chegou ao circo na manhã seguinte à sua primeira noite com Nádia. Eles acordaram juntos no hotel, tomaram café da manhã num boteco – apenas uma média com pão e manteiga – e de mãos dadas foram para o circo. Ele insistira em levá-la até lá como um cavalheiro. A caminhada de meia hora passou a ser um dos pontos máximos de seu dia. Deliciava-se com aqueles momentos em que sua mão estava unida à dela. Que pensar de se ter tamanho prazer apenas com um toque de mãos? O amor era mesmo uma coisa muito louca!

E naquela manhã em especial, quando chegaram de mãos dadas ao circo, o olhar que Pavel lhe deu o deixou gelado. Mas foi apenas uma primeira impressão. A relação entre ele e Nádia era mais de amizade que de um pai e uma filha. O instinto protetor estava lá, mas ele respeitava as decisões da filha, tratando-a como adulta, mais até do que ela quisesse. Olhou para o circo com nostalgia. Um nó no estômago explicitava sua ansiedade. Mas lá estava ele de novo, sete anos depois, procurando por ela, seu anjo perdido.

Em plena manhã chuvosa, observou aquelas pessoas para lá e para cá em seus afazeres. Reconheceu o casal de argentinos, mas eles não o reconheceram. Perguntou por Pavel e eles lhe indicaram uma das tendas.

Dimitri quase não o reconheceu. Envelhecera. Ele estava debruçado sobre um livro de contabilidade e fazia contas com auxílio de uma calculadora.

– Bom dia, Senhor Pavel. – O velho levantou olhos interrogativos para ele.

Não havia surpresa, ele sabia bem quem ele era. A barba não fez diferença, pois Pavel acompanhava a carreira do rapaz pela televisão e já se habituara a seu novo estilo. – Não sei se lembra de mim...

– Ora, ora. Vejam só quem está aqui. Imaginei que viria, depois que seu detetive nos encontrou. E é claro que me lembro... O único namorado de minha filha...

– Único? – As palavras do russo o atingiram inexoravelmente. Então ela não tinha tido mais ninguém? O quanto daquilo lhe era agradável? O quanto o fazia se sentir traidor? Mas em sete anos...?

Pavel sorriu e alisou o bigode. O que fazer com aquele rapaz? Nádia, bem, Nádia era teimosa...

– Nunca vi Nádia com outro rapaz.

A confirmação doeu-lhe ainda mais. Lembrou-se claramente das palavras da moça: “Nunca vou amar outro”. Mas então, se ele realmente havia sido importante para ela, por que nenhum contato, nenhuma resposta em sete anos? Só o que ele podia pensar era que ela não o amou como supôs. Ainda assim, ali estava ele. Queria vê-la de novo, confrontá-la. Precisava que ela lhe dissesse que não o queria novamente.

– Ela nunca me ligou. Nunca mandou nenhum e-mail, nenhuma mensagem. Nada.

– Ela teve suas razões. Ainda tem, acho.

– Onde ela está?

– Não está aqui. Saiu do circo há alguns meses.

– Pra onde?

– Não deixou endereço.

– Você é pai dela! É claro que sabe onde ela está – disse exaltado soando um pouco ríspido, apesar de não ter tido a intenção.

– Não exatamente.

– Pelo amor de Deus, Pavel! – suplicou. – Eu lhe imploro. Me diz onde ela está. Eu procuro por ela feito louco há seis anos e dez meses!

Pavel sensibilizou-se e suas feições demonstraram consternação.

– Eu sei, rapaz. Sinto muito. Mas Nádia tem um propósito na vida. E enquanto ela não resolver isso...

– Resolver o quê? – perguntou em desespero.

– Não posso lhe contar. Nádia não me autorizou. Só o que posso dizer é que ela ama você. Vai procurá-lo quando tudo acabar.

– Não, não! – Sacudiu a cabeça negativamente em revolta. – Não posso aceitar isso! O senhor tem que me dizer onde ela está! Eu não viajei até aqui para ouvir que ela não quer que eu saiba onde está. Não procurei por todos esses

anos... – calou-se e tentou se recompor, pois estava a ponto de chorar na frente daquele homem. – Senhor Pavel, eu lhe peço, por tudo quanto é mais sagrado, pela minha vida, por favor...

– Eu queria muito lhe dizer, mas não posso. Lamento.

Dimitri levantou-se com raiva e tinha vontade de arremessar coisas pelo ar. O que era aquilo? Por que aquela mulher se mantinha fiel a ele e não deixava que ele a encontrasse? Por quê? E que propósito era aquele que a afastava dele? Saiu dali pisando duro, sem se despedir. Mas não foi embora.

Passou os próximos dias rondando o circo, fazendo perguntas a todos da equipe a cerca de Nádia. Tudo inútil. Ninguém lhe respondia. Ou não sabiam, ou Pavel não os autorizara a dizer.

Foi falar com Pavel novamente.

– Pavel, por favor. Eu não vou embora sem uma resposta. Onde está a Nádia?

Silêncio. O russo só o encarou muito sério, sem mostrar nenhuma intenção de ceder.

– Então me explica por quê. Por que ela me deixou no silêncio todos esses anos? Por que ela não quer que eu saiba onde está? Que propósito é esse? Eu exijo, eu mereço uma explicação.

Pavel pareceu se sensibilizar.

– O que vou dizer é até mais do que eu posso. Mas é só o que posso dizer e não insista mais, por favor. – Dimitri concordou com a cabeça, enchendo-se de esperança. – Nádia foi resolver coisas da família dela, da família de verdade, biológica. A vida toda, ela quis fazer isso e planejou fazer isso. Agora ela está conseguindo resolver esse assunto.

– E por que eu não posso fazer parte disso? Por que me deixar de fora? Eu podia ajudar...

– Talvez você ainda vá ajudar. Ela vai pedir sua ajuda. Mas agora é uma coisa que tem que fazer sozinha. E ela me disse que vai te procurar quando resolver tudo.

– Ainda não entendo por que me evitou todos esses anos.

– Nádia é complicada e o problema é complicado. Não queria envolver você.

– Ainda não faz sentido.

– Não posso te falar mais que isso. Você só precisa saber que Nádia te ama e que vai te procurar. Tenha paciência. E fique atento aos seus e-mails.

Atento aos seus e-mails? Aquilo era sério? Fizera isso todos aqueles anos! A vontade de Dimitri era gritar e xingar e dizer a Pavel que ele já tinha sido bastante paciente. No entanto, conteve-se. Aquilo era mais do que tinha.

Problema familiar. Era mais informação que nenhuma informação. Ela o amava e procurá-lo-ia. Bastaria? Conseguiria esperar?

– Não vou embora sem você me dizer onde ela está! – afirmou com uma segurança maior do que realmente tinha.

Pavel coçou a cabeça e depois sorriu.

– Então acho que vou arranjar um emprego para você no circo, já que vai ficar um tempo por aqui...

Dimitri passou mais dois dias na cidade em visitas constantes ao circo, assediando Pavel, Tito e outros. Inútil. Não arrancou mais nada de ninguém. Quando o circo se preparava para levantar o acampamento, ele também partiu.

Quando desistiu e foi embora, sentia-se um soldado que voltava para casa derrotado. Não tinha mais o que fazer. A única pista conhecida e que já tinha dado para o detetive era o circo. Se o circo não lhe servia para achá-la, de que outra forma?

Dispensou o detetive e foi embriagar-se num bar com um amigo. Ficou tão bêbado que deu vexame no bar.

– Nádia! Nádia! Onde você está? Você quer me deixar louco! A minha vida não vale nada! Nada sem você! NÁDI-AAAAAAAAA! Nádia! Meu amor! – gritava ele movido pela dor e pelo álcool. Seu amigo teve que arrastá-lo para fora do local antes que alguém o reconhecesse e ele fosse parar nos jornais do dia seguinte proporcionando um belo escândalo e ameaçando sua carreira. Teve de ser carregado para casa, para o susto e desespero de tia Berê.

– Meu filho! Que é isso? Você não é de beber! – E voltando-se para o amigo. – O que aconteceu com ele?

– Dor de cotovelo. É aquela paixão da juventude dele... Só fazia gritar o nome dela. A tal garota do circo, Nádia.

Tia Berê balançou a cabeça negativamente e ajudou o rapaz a levá-lo até o quarto. Na manhã seguinte, acordou tarde e com uma tremenda ressaca. Uma semana de suas férias já havia ido embora e ele não fizera nada nem de construtivo nem de divertido. Não tinha mais jeito. A única esperança de ver Nádia novamente era se ela o procurasse, como havia dito Pavel. Então, precisava se distrair e esquecer aquela história de uma vez por todas. Lembrava-se vagamente da noite anterior. Mas do que se lembrava podia bem acabar com sua carreira! Dar show em bar! Chorar bêbado por causa de uma mulher! Bastava daquilo! Precisava reagir.

Começou a pesquisar roteiros turísticos e hotéis. Talvez uma viagem... Nossa! Mas se só vivia viajando... Mas um lugar tropical com praias seria bem diferente para ele!

No entanto, ao checar seus e-mails para ver respostas de agências de

viagem, viu aquele e-mail novamente. Há meses recebia aquela mensagem. Um homem que se identificava como Jonathan da Conceição Melo, dizia ter uma denúncia a respeito de uma cidade no Pará. O mesmo homem do telefonema, que tia Berê havia mencionado. A tal Recanto Sereno, além de um reduto de políticos corruptos, parecia abrigar assassinos e senhores de escravos. Isso mesmo. Jonathan Melo queria denunciar a existência de trabalho escravo na extração de dendê, em acampamentos ao redor da referida cidade. Segundo ele, os políticos, autoridades e fazendeiros da região estavam envolvidos e entre os escravos achavam-se homens, mulheres e crianças. A essas denúncias, acrescentava-se agora o assassinato de dois padres. Justamente por causa desse dado novo, ele resolveu pesquisar.

Desprezara os e-mails anteriores, porque não era uma informação que pudesse confirmar, além de que estava constantemente trabalhando fora do Brasil, o que não lhe deixava tempo para fazer matérias por conta própria. Na verdade, nem podia. Seu contrato com a emissora o proibia. Mas não haveria problema se vendesse o documentário para a própria emissora... A ideia começava a lhe sorrir... Os assassinatos dos padres ele confirmou facilmente através de pesquisa e alguns contatos. Só aquilo bastava para um grande documentário, ou uma grande matéria...

A morte dos padres era real. Sumiço, na verdade. Os corpos nunca foram encontrados. Justamente por isso nada foi feito. O relatório da polícia local dizia que ambos haviam se perdido na floresta, mas não havia nada sobre o que estariam fazendo lá... Para completar, no passado, também jornalistas haviam desaparecido na região... Resolveu enviar uma resposta àquele e-mail: *Quem é você? O que sabe a respeito?*

A resposta veio quase que instantaneamente: *Não posso me identificar plenamente. Deixo apenas o nome: Jonathan da Conceição Melo. Não é seguro. Mas preciso denunciar o que acontece em Recanto Sereno, Pará. Você é um grande repórter e parece não ter medo de nada. Só gente assim pode com o que se passa nesta cidade.*

Dimitri estava intrigado e começava a se interessar de vez pela história. Respondeu novamente: *Se eu resolver investigar, chegando a Recanto Sereno, como eu acho você?* Novamente não demorou para que houvesse outro e-mail da mesma conversa: *Você não me acha, eu acho você. E não confie em ninguém! Muito menos na polícia!* Dimitri demorou para responder às últimas palavras. Ficou pensativo no que estava prestes a fazer.

Bem, não ia ficar em casa chorando por um amor perdido há sete anos. Era melhor trabalhar. Era viciado mesmo em trabalho. E trabalho perigoso. E se dois padres haviam morrido por ter descoberto alguma coisa, imagine aparecer como

repórter em Recanto Sereno... Aquilo começava a soar como uma grande aventura! Exatamente do que estava precisando... Então estava na hora de reunir a galera... a equipe jornalística e cinematográfica mais doida que ele conhecia. Enfim, motivação. Respondeu apenas: *Ok!*

5 - Cobra de fogo

O prefeito de Recanto Sereno gostava de pescar aos domingos de manhã. Naquele domingo, não saiu de sua rotina de final de semana. Gostava de ir sozinho para “pensar na vida”. Levava apenas seus dois guardas de segurança consigo, afinal, ele era o prefeito. Político era sempre odiado e se fazia necessária certa precaução. Mas os dois mantinham certa distância para dar ao prefeito sua solidão tão amada e ficavam na margem, enquanto ele pescava em seu barco a remo, não muito distante.

Aos cinquenta e cinco anos, Policarpo Donizete exibia uma lustrosa careca, cercada de fios grisalhos, uma barriga de respeito e o título de prefeito, seu maior orgulho, lógico que além de suas fazendas, bens e renda muito bem guardada, inclusive em bancos na Suíça. Seus dois filhos homens também o seguiam na carreira política, já eram vereadores. Sua mulher também tinha um cargo público, apesar de ter como ofício principal na vida arrumar-se e por isso, passava mais tempo no salão de beleza que na Câmara Municipal.

Que lhes importava se os hospitais públicos da cidade estivessem em estado precário ou os doentes morressem nos corredores ou não houvesse médicos e remédios suficientes para os pobres? Se ele e sua família estavam bem assistidos por plano de saúde particular e ainda tinham dinheiro suficiente para pagar especialistas na capital ou até em outro estado? Ele mesmo, já havia feito procedimentos cirúrgicos devido a problemas no coração. E sua mulher tinha seios novos e fizera uma lipoescultura!

Que lhe importava se não houvesse nenhum programa de saúde pública e planejamento familiar e as famílias continuassem a ter doze filhos em média? Mais braços para o trabalho rural e para economia! Ainda que mortos de fome, trabalhavam... E nem precisava pagar muito... quase nada...

Educação? Para quê? O povo não tinha nada que se meter com livros! Achava muito bom que o brasileiro em geral não gostasse de ler... Ele mesmo detestava! Formara-se aos trancos e barrancos, só para poder ser um doutor em leis e infiltrar-se no círculo seleta que mantinha o poder na região. Mas tropeçara no latim, tropeçava no português. Que importava? Que cabra teria coragem ou estudo por ali para corrigi-lo ou criticá-lo? Nem os professores da cidade... Eram todos medíocres, como ele fizera questão de “eleger” através de concurso. E ainda eram massacrados por um sistema de salários baixos e cobrança por aprovações. Ou seja, o negócio era passar os alunos de qualquer jeito, para ter boas taxas de aprovação e assim garantir alunos indisciplinados, pouco

interessados e com defasagem de conhecimentos. Concluindo: pegavam o diploma, mas formavam-se semianalfabetos ou analfabetos funcionais. Perfeito. Garantia assim poucos questionamentos e a perpetuação da família Donizete no poder.

Todos subjugados! Menos aquela professorinha! A infeliz gabaritou aquela prova mequetrefe do “concurso” e teve que ser aprovada! Era talvez a única que causasse problemas. Colocando ideias na cabeça das crianças, incentivando-as a ler livros... Imagina! Dona Maria Eulália era um fio solto no esquema da cidade e da região. Uma maldita revolucionária! Ela enfrentava a direção da escola, ela brigava por reprovação de alunos! Que coisa! Contra todo o sistema educacional brasileiro, ela queria reprovar alunos! Achava que só assim, eles estudariam! Se tivessem medo de ser reprovados! Aí respeitariam os professores e não ririam da cara deles quando queriam ensinar alguma coisa... Para quê? Se eles seriam aprovados de qualquer forma! As aprovações em massa eram uma mentira. Os números eram mascarados. O sucesso escolar era o fracasso da educação brasileira. E o prefeito de Recanto Sereno não tinha nenhum problema com isso, pois sabia que o “esquema” era praticado inclusive na maioria das escolas particulares também. Não só em Recanto Sereno, em todo o Pará e em todo o Brasil.

Mas deixaria a professora Maria Eulália em paz. Ela sozinha não podia fazer nada... Uma andorinha não faz verão... Era jovem ainda, idealista... Quando ficasse mais velha e cansada, tornar-se-ia desiludida com a educação no Brasil e jogaria o mesmo jogo. Que maravilhosas taxas de aprovação! Olhem! Como a educação no Brasil melhorou! Números! Só eles importavam! Não a qualidade, mas números!

Pensava assim, quando sentiu uma fisgada no anzol. Forte. Opa! Aquele devia ser dos grandes! Falou isso em voz alta para seus seguranças, mas ao olhar para onde estavam, notou que nenhum deles estava à vista. Estranho. Olhou em volta e nada. Eles sabiam muito bem que não podiam ir ao “matinho” os dois ao mesmo tempo!

Outra fisgada. Mais forte. Então veio a derradeira! E virou o barco. Policarpo foi pego de surpresa desesperou-se ao cair na água. Sabia nadar, mas o inesperado o deixou sem ação por alguns segundos e acabou bebendo água e teve um princípio de afogamento. Quando emergiu e conseguiu controle, apoiando-se no barco, levou novo susto. Vislumbrou o que parecia uma cobra imensa. Sucuri? Viu novamente e sentiu medo como nunca sentira em sua vida. Pensou em rezar, mas por todos os seus pecados, Deus não o escutaria. Se morresse, com certeza iria direto para o inferno. Não acreditava em nada daquilo, mas era estranho como a possibilidade da morte trazia as crenças à tona,

de forma atemorizante.

Viu o dorso da cobra gigante de novo antes de ela mergulhar na água novamente. Parecia a Cobra Negra, a Boiúna, a Boitatá... Credo! Ele começou a pensar em todas aquelas lendas locais e inauditamente cogitar se haveria fundo de verdade. Mas a também chamada “Cobra de fogo” tomava forma humana às vezes e era algo sobrenatural...

Aagitava-se na água em desespero e começou a gritar por socorro. Gritou o nome de seus seguranças inutilmente. Não conseguia subir no barco de novo. Decidiu nadar até a margem. Mas aí sentiu o puxão na perna. Em seguida viu um ser negro e viscoso emergir parcialmente a sua frente. A forma era semi-humana. Um monstro. Ele gritou e quase se afogou novamente. Bebeu mais água e seu frenesi aumentava suas chances de se afogar. Quando conseguiu algum ar e compostura, viu embaçado aquele ser e ouviu suas palavras em voz rouca:

– Você merece morrer! É um homem mau... O Anjo Vingador vai pegar você... Arrependa-se... Liberte-os...

– Não, não, não! Pelo amor de Deus! Não me mate! Não me leve... Socorro! – gritava em desespero e fechou os olhos com medo de seu destino.

Em alguns minutos, a água deixou de se agitar e o silêncio reinou. Policarpo abriu os olhos, temeroso. Olhou em redor e nada. Barulho, só de pássaros e insetos. Sem perder tempo, nadou para a margem o mais rápido que pôde.

Correu em redor das margens até achar seus homens. Ambos desmaiados. Sacudiu-os e gritou com eles. Devagar, recobram a consciência. Ao serem interrogados, disseram que somente viram um vulto negro e depois apagaram. O prefeito notou que tinham um ferimento na cabeça, provavelmente onde levaram uma pancada. Gritou ainda mais com eles, descarregando sua frustração, seu terror e estresse. Xingou-os, chamou-os incompetentes e por fim mandou-os recolherem seu barco. Sobre o que lhe acontecera, no entanto, apenas revelou ter caído do barco, que tinha sido derrubado por uma sucuri. Ainda assim, notou descrédito nas feições dos homens. Imaginem se ele tivesse mencionado a parte em que a cobra falou...

6 - Quem precisa de férias?

Dimitri entrou na área ao redor do *dojo* e se sentou no chão para esperar o fim da luta. Dois homens muito fortes, musculosos, peso pesado, um branco e um afrodescendente, estavam em pleno *kumite*. Ambos usavam quimonos e a faixa preta. Dimitri não teve que esperar muito. Willian, o afrodescendente, venceu o combate simulado como ele já esperava. Cumprimentaram-se em respeito mútuo. Em seguida, Willian fez a reverência ao mestre, um senhor idoso, magro e de pouca estatura, que diferentemente deles, trajava um quimono preto. A aula de caratê chegava ao fim. Willian já havia avistado Dimitri e, indo a sua direção, o primeiro som que saiu da boca do carateca foi um rosnado. Ignorou Dimitri e seguiu em direção ao vestiário. O repórter fez cara de ofendido e seguiu o amigo. Alcançou-o já dentro do vestiário, vestindo apenas uma cueca.

– Willian, não me conhece mais?

– Claro que conheço... O grande correspondente internacional Dimitri Arantes... – falou com certo despeito. – Quer um abraço? – ameaçou abrindo os braços e se aproximando.

– Sai fora! Você tá todo suado! Mas, tô achando um tom de ressentimento... Te fiz alguma coisa?

– Não, mas você é a estrelinha daquela emissora filha da... – Interrompeu-se ao passar a camisa pela cabeça. Estava mudando roupa.

– Ih! Você não toma banho não, meu?

– Em casa!

– Argh! Vai deixar um rastro azedo até a Nossa Senhora de Copacabana!

– Qual foi? Tu é minha mulher agora?

– Mas não tô te entendendo... Você também trabalha lá.

– Trabalhava. Eles me mandaram embora mês passado. Aqueles desgraçados...

– Que merda! Mas o que...?

– Nada, cara! Eu tô com quarenta e cinco... tão me achando velho, logo eu... Aí me tiraram para colocar um desses mauricinhos, filhos de alguém... E, bem, você sabe que eu não gosto de frescura... Em vez em quando eu mando uma real...

– Baita sacanagem! Meu, eu não sabia, juro! Eu estava na Líbia, você sabe. Se tivesse continuado nas missões comigo não te tiravam. Caraca! Você só não foi comigo porque tinha torcido o pé! Cara, fora o cinegrafista que foi comigo e você, não tem nenhum outro com coragem... Será que eu posso fazer alguma

coisa por você...? Se eu pedir, quem sabe? – Willian deu de ombros. – Como é que tá a Selma?

– Me deixou.

– Putz! Meu! Eu lamento muito...

– Deixa pra lá, não é sua culpa. Só assim a gente descobre quem é amigo, quem é do peito, e quem só queria tá grudado para descolar convite para as festinhas com as celebridades... só queria dinheiro... A Selma era desse time. Melhor assim. Mulher falsa!

– A Selma? Tem certeza? – assomou, mas diante da cara do amigo, achou melhor mudar de assunto. – Eu passei por lá e ninguém soube me dizer de você, então achei que estava de férias... Também não consegui falar por telefone.

– Tá beleza, cara. Me encontrou. Pra quê? – foi dizendo enquanto gesticulava para deixarem o vestiário e a academia.

Já no estacionamento, voltaram a falar quando já estavam em frente ao carro de Willian.

– Como achei que estava de férias, vim te convidar para um trabalho.

– Mas tu tá de férias.

– Estou.

– E sabe que não pode fazer reportagem independente...

– Eu estou a fim de me arriscar... Vou oferecer o documentário para eles primeiro. Assim fica tudo em casa. Eles só não podem saber por enquanto.

– Sei não. Documentário. Sobre o quê? Tô a fim desses negócios de ecologia não... Depois de três meses longe de você e das suas paradas de terrorista, eu já tô até ficando enferrujado... Nos últimos meses eu só fiz materiazinha de jornal do Rio... Eu gosto de radical, você sabe! Uma guerra, um conflito armado... adrenalina e medo de morrer o tempo todo! Subir o morro eu topo! Mas nada de documentários sobre pássaros... – terminou com ironia.

– Pois você acertou, meu cinegrafista favorito, vamos documentar pássaros! – pronunciou Dimitri em tom jocoso, para observar uma careta no rosto de Willian.



Dimitri e Willian chegaram ao parque de aventuras ainda no meio da manhã. Não havia jeito de Carina atender ao telefone ou de responder às mensagens e a mãe dela disse que ela ia àquele parque todos os dias desde que entrara de férias. Arvorismo, tirolesa e rapel eram algumas das modalidades encontradas no local. Avistaram a loira pendurada junto à montanha e ficaram observando. Esperaram até que ela terminasse seu circuito.

Logo que chegou ao solo, ela xingou um palavrão de felicidade e

completou com um “isso é bom pra cacete!”. Em seguida viu os amigos. Tirou o equipamento e correu até eles. Abraçou-os efusivamente.

– Dimitri! Finalmente saiu daquele Oriente Médio dos infernos! Ah, mas aposto que já está sentindo falta da aventura... Eu fico aqui fazendo essas brincadeirinhas só para passar o tempo... Ficar um dia sem levar bala e sem emoção é um saco! – Ela tagarelava eufórica, com toda a sua hiperatividade latejando. – E Willian, que bom te ver! Uma puta sacanagem que aquela emissora de merda fez contigo, tá sabendo?

– Agora você pode desdenhar, trabalha para a concorrência... – comentou Dimitri.

– Ah, você não estava sabendo não? Eu estava muito bem, obrigada. A única coisa de que sentia falta de lá era de vocês, meus amigos! Mas essa nossa emissora filha da mãe me chamou de volta. Me ofereceram o dobro do que eu estava ganhando lá em São Paulo. Aí a Matemática venceu, né? Depois desse mês de férias, te vejo por lá, Dimitri. Vou tirar você do seu trono de correspondente! Se prepara! Mas... vocês aparecendo por aqui atrás de mim...?

– Eu tenho uma proposta de trabalho – anunciou Dimitri.

– Oba! Show! Estas férias estão me entediando... O mais legal que fiz até agora foi um BASE jump lá em Resende.

– Ponte da Fumaça? – Quis saber Willian.

– Hum, hum – confirmou. – Mas, diz aí, Dimitri, essa sua parada aí, não é coisa de mulherzinha não, né? Nada de vida de artista, gente que quer perder peso, nada de babaquice, né? Coisa resposta? Tráfico? Máfia dos caça-níqueis? Contrabando? Tem perigo no meio?

– Dimitri vai nos levar para observar pássaros em extinção. – Willian proferiu sorrindo irônico.

– Hein? Fala sério! – reclamou a loura.

7 - Matinta Pereira

Manuel Dias preparava-se para dormir. Estava muito cansado. Saíra a cavalo para ver plantações e supervisionar os acampamentos de extração de dendê naquele dia e seus sessenta e sete anos lhe cobravam o feito em forma de dores no corpo. Estava velho para trabalhar tanto, mas não se atrevia a dizer aquilo para seu patrão, o fazendeiro mais poderoso da região, Sebastião Vilela. Vestira o pijama e voltava do banheiro para o quarto quando tomou um susto horrível. Lá, na penumbra, estava uma velha de aspecto pavoroso. Toda de preto, ela tinha um pássaro sobre seu ombro. O pássaro também preto, algo como um corvo, emitiu um assovio agudo. Sim, ele ouvira aquele assovio três vezes nos últimos minutos, mas não lhe dera importância. Eles pareciam vir de longe. No entanto, o pássaro ali estava e também a bruxa. Ele esfregou os olhos, como querendo livrar-se de uma alucinação. Nada. Ela ainda estava lá. Ele foi sendo tomado de pânico. O sono deu lugar ao pavor.

A mulher lhe estendeu a mão oferecendo tabaco.

– Quer? – soou a voz que parecia não de uma pessoa, mas de três, como que sobreposta e metálica.

Manuel foi dando passos para trás e negou veementemente com a cabeça. O pássaro soltou outro assovio.

– Você é um homem mau... Ele vai te pegar...

– Por favor, vai embora! – Manuel já tremia de medo, invadido pela consciência de que aquela figura ali era uma lenda que tomava forma. Ele tinha medo daquelas lendas... – Sai daqui!

– Liberte-os... ou o Anjo Vingador vai te pegar... Todos vocês vão pagar...

O corpo de Manuel parecia ter vontade própria de tanta tremedeira. Sentiu a urina correr por suas calças e teve certeza de que em toda a sua vida nunca sentira tanto medo... Quando achou que não aguentaria mais, viu uma nuvem de fumaça. Começou a tossir. Quando a fumaça se dissipou, a aparição havia sumido.

8 - O Curupira

Sebastião Vilela não era só um fazendeiro poderoso e rico. Ele era um filho da terra. Conhecia bem as matas ao redor de sua propriedade... Então não entendia como em plena luz do dia estava perdido por horas. Nem sabia quando ou como seus companheiros de caçada extraviaram-se dele e se afastaram. O fato é que naquele momento estava sozinho e perdido. Seu cantil estava vazio e sua barriga começava a roncar de fome.

Então para completar sua agonia começou a ouvir barulhos estranhos na mata, como se alguém o estivesse seguindo e brincando com ele. Jurava que ouvia passos, mas ao se virar não via ninguém. Sons de gravetos se quebrando, de vegetação sendo afastada e nem uma alma viva por perto. Irritado e nervoso principiara a ficar assustado. Uma pedra atingiu-o na frente. A dor o deixou zozinho e quando levou a mão à testa, trouxe-a de volta suja de sangue. O pavor tomou conta dele.

– Quem está aí? Quem está aí? Apareça! Apareça, desgraçado! Pensa que tenho medo de você?

Mas nada apareceu e Sebastião bufava de raiva forçada, para disfarçar o medo. Continuou andando mais depressa ainda. Cansado e apavorado tropeçou e caiu, machucando também o joelho. Gritou, xingou e amaldiçoou tudo e todos. Escutou novo barulho na mata e disparou sua espingarda na direção do som. Fez novos disparos conforme ouvia os barulhos. Até que ficou sem munição. Novos resmungos e xingamentos. Continuou andando e notou uma pedra por onde já havia passado duas vezes pouco antes de também registrar que começava a anoitecer. Anoitecia e ele estava a andar em círculos perseguido por...

Não, ele não admitiria a existência do Curupira. Aquilo era uma lenda! O povo da região acreditava e ele também tinha lá sua dose de superstição, mas Curupira? Se ao menos se lembrasse do que a lenda dizia sobre como se livrar dele...

Continuou a caminhar e já estava bastante escuro. Sentiu que pedrinhas lhe eram atiradas ao corpo, virou na direção e entrou em desespero.

– O que você quer? O que você quer?

Quando voltou o corpo novamente para a direção que seguia, ele viu. O ser era peludo. Não um anão como nas lendas, mas baixo. Tinha os cabelos vermelhos e desgrelhados e... seu olhar foi atraído para os pés... porque queria confirmar... Ah! Virados para trás! Soltou um grito de horror e correu na direção contrária, mas logo tropeçou e caiu. Ao levantar-se, escutou a voz da entidade:

– Você faz mal à natureza, aos animais e aos homens... Você tem que pagar... O Anjo Vingador vai pegar você, homem mau... – A voz rouca e quase metálica entrou nos tímpanos de Sebastião como uma arma de terror e ele desmaiou.

Acordou sendo carregado por seus capatazes de volta à fazenda. Teria sido tudo um sonho?

9 - O Capelobo

João Vivaldo era um fazendeiro poderoso e bem conhecido em Recanto Sereno. Era também, conhecidamente, um homem muito supersticioso. Sempre se lembrava de colocar primeiro o pé direito no chão antes de se levantar pela manhã. Carregava um pé de coelho no chaveiro, nunca passava por baixo de uma escada, nem abria guarda-chuva dentro de casa. Morria de medo de quebrar espelho, não tolerava que deixassem calçado algum de ponta-cabeça, mantinha uns vasos na varanda com arruda e espada de São Jorge para espantar o mau olhado e batia na madeira três vezes caso achasse que corria o risco de ter azar. Tinha pavor de gato preto e do número treze e sempre deixava uma vassoura atrás da porta da sala quando sua sogra vinha visitar a filha.

Por isso, assim como grande parte da massa popular do Pará, João Vivaldo acreditava que certas lendas folclóricas tinham fundo de verdade e sempre se benzia quando falavam nelas. Portanto, quando ouviu falar sobre as visitas que seus companheiros andavam supostamente recebendo, rezou o terço várias vezes e, teria encomendado uma missa, se a cidade tivesse um padre... Estava muito assustado com aquelas histórias e como também devia, temia. Medroso como andava, apavorava-se com qualquer barulho e andava evitando sair à noite.

Nesse estado de espírito é que foi até a varanda para fumar. Ficou olhando para a lua, que estava cheia e linda, mas só conseguia pensar em quantas criaturas eram influenciadas pela lua. Lembrou-se logo do lobisomem, figura mística presente em várias culturas, mas que no Brasil também tinha um primo – o Capelobo. Naquele instante ouviu seu cão ganir como se sentisse dor bem ao longe. Imediatamente ficou gelado de medo. O Capelobo adorava comer cães e gatos. Congelado ainda de pavor não se mexia. Não se animava nem a ir ao socorro do animal nem a voltar para dentro de casa.

Logo seu pavor se justificou plenamente. Frente a ele, surgido de uma névoa escura, estava uma mistura de anta com tamanduá e homem. Tinha os pés em formato de fundo de garrafa... Exatamente como o Capelobo. Deixou cair o cigarro aceso no chão. Ia gritar, mas não deu tempo. Mãos peludas o seguraram e o viraram. Ele se viu preso e seguro pelo monstro que estava bem atrás dele. “Minha Nossa Senhora, Meu Padre Cícero, me salvem, me salvem...”, pensava desesperadamente, lembrando que o Capelobo gostava de sugar a massa cefálica das vítimas. “Não deixe que ele coma meu cérebro!”, agonizou por dentro enquanto quase se borrava de tanto temor.

Mas o monstro apenas falou, com uma voz grossa e pouco natural:

– Homem mau... Você vai pagar... O Anjo Vingador está chegando. Liberte-os.

João Vivaldo gritou e começou a chorar como um bebê. Em meio a seu choro desesperado, levou alguns instantes para perceber que estava novamente sozinho na varanda.

10 - Forasteiros não são bem-vindos

William e Carina aceitaram o trabalho. Dimitri lhes explicou que se tratava de um documentário sim, mas não sobre pássaros. Era algo realmente perigoso. O desaparecimento dos padres e, anteriormente, de jornalistas, indicava que alguém naquele lugar tinha muito a esconder e não media esforços para encobrir a sujeira. Trabalho escravo, políticos corruptos e criminosos, desaparecimentos misteriosos. Coisa para assustar qualquer cristão. Mas não ele, nem seus amigos. Eram do ramo jornalístico que mais se arriscava. Já haviam passado por tantas situações loucas juntos, que nenhum deles temeria uma conspiração de cidade do interior. Se não fosse com ele, Willian e Carina acabariam se envolvendo em outros episódios igualmente perigosos.

Entretanto, o documentário sobre pássaros seria o disfarce deles. Não havia como ir até lá sem ser para fazer um documentário. Willian precisaria carregar equipamento de filmagem, eles precisariam circular pelos arredores e isso despertaria suspeitas. Então eles tinham que estar documentando. Mas não seriam as estrelas do jornalismo televisivo, isso chamaria muita atenção e traria riscos enormes. Seriam estudiosos de pássaros, biólogos de uma universidade, que estariam lá para observar, catalogar e documentar os pássaros. Ainda assim perigoso, mas um pouco menos.

Dimitri e Carina não eram tão conhecidos quanto os âncoras de jornal, mas para não correrem o risco de serem reconhecidos, disfarçaram-se. Dimitri deu adeus a sua barba e bigode cerrados, deixando o rosto lisinho e cortou os cabelos bem curtos, do jeito que usava antes de se consagrar como repórter. Carina tingiu seus cabelos de castanho e ganhou um novo corte, um pouco mais curto e repicado. Com sorte aquilo seria suficiente. Teriam também nomes e identidades falsas: Dimitri seria Daniel Arruda, Carina seria Joice Rezende e Willian, João Carlos de Souza.

Eles estavam no apartamento de Dimitri repassando os detalhes.

– Joice? Joice? Tá brincando? Eu me disfarçando, bancando a espiã e você me dá esse nomezinho comum?

– Tem que ser comum, para não chamar a atenção, né? – defendeu-se Dimitri.

– Também não gostei do meu... – reclamou William.

– Eu queria uma coisa mais glamourosa, tipo...

– Tipo o quê, Carina? – indagou Dimitri impaciente.

– Tipo Lorenclay! – falou com uma pronúncia do inglês, bem afetada.

Willian começou a rir.

– Tá rindo do que, armário? Você queria que nome?

– Eu gosto do meu nome, mas já que é para escolher outro... Wellerson, Wildney, Wendell, Wellington...

– Eu, hein! Só nome com W. Mania de pobre...

Foi a vez de Dimitri rir enquanto distribuía as identidades falsas. Em seguida a aparelhagem sofisticada e armas. Duas pistolas para cada um. Não havia necessidade de treinamento. Todos ali sabiam muito bem como usar uma arma, já haviam usado, inclusive para defender suas próprias vidas.

A campainha tocou. Só aí Dimitri percebeu que não tinha falado ainda com eles sobre aquilo.

– Galera, eu chamei o Moleque.

Carina reclamou e William rosnou. Eles não puderam falar muito, pois Dimitri já estava abrindo a porta, mas a cara que fizeram indicava que não tinham gostado muito do acréscimo na equipe.

O rapaz entrou e Dimitri e ele se abraçaram.

– Moleque! Que bom que saiu!

– Pô, Dimitri, Moleque não! Eu já fiz vinte e quatro! Chega desse apelido!

– Tá, desculpa, Tarcísio!

– Obrigado por pagar minha fiança. Mas já sei que me chamou aqui pra cobrar de algum jeito...

– Fiança? – perguntaram William e Carina surpresos.

– Olha só, – começou Moleque se desculpando – é uma história bem simples. Não sou criminoso. Eu apenas fiz umas transferências da conta de uns deputados para instituições de caridade... Só deputado corrupto que roubou do povo! Meu advogado também me garantiu que os políticos vão ter que retirar as acusações, porque para continuar, eles vão ter que provar que a origem do dinheiro deles é lícita e sabemos que não é e inclusive posso provar.

– Ah! Um Robin Hood virtual! – comentou Carina com ironia.

– A história confere – confirmou Dimitri. – Eu investiguei antes de tirar ele. Ele não ficou com um centavo. Inclusive esse dinheiro pagou cirurgias de crianças e de outras pessoas que não podiam pagar por elas...

Carina se emocionou. Levantou-se, foi até o Moleque e o abraçou. Depois o beijou no rosto e a proximidade embaçou as lentes grossas dos óculos de Tarcísio.

– O que ele está fazendo aqui? – William não estava emocionado.

– Todos somos capazes de fazer uploads e umas coisinhas no mundo da tecnologia, mas talvez venhamos a precisar de um pouco mais que isso. E nesse

caso, Moleque é o cara! – falou sem nem reparar na cara de desagrado do rapaz ao escutar novamente o apelido indesejado.

– Moleque não! – choramingou.

– Moleque, Moleque, Moleque, Moleque, Moleque. Falo quantas vezes quiser – ironizou William.

– Dimitri! – queixou-se Tarcísio.

Carina e Dimitri mal seguravam o riso.

– Vou te chamar de Moleque, a não ser que prefira Mané! – falou William, levantando-se e exibindo seu porte atlético ameaçadoramente para a magreza de nerd de Tarcísio. – Como foi a noite na cadeia, Moleque Mané?

– Eu tenho cela especial, seu troglodita! – defendeu-se.

Dimitri balançou a cabeça negativamente ao avaliar o visual de Tarcísio.

– Moleque! Já não te disse que calça social não combina com camisa de time de futebol e tênis?

Tarcísio fez cara de indignação e derrota por Dimitri também ter retornado ao apelido e mostrou confusão com a crítica a suas roupas. Ele não sabia direito o que era combinar. Não era só colocar uma roupa? Roupa não era só para vestir?

– Pobrezinho! Quem compra suas roupas? – interveio Carina.

– Eu mesmo! – defendeu-se. O que tem de errado?

Eles balançaram a cabeça negativamente.

– Moleque, deixa pra lá. O que interessa é que você vai entrar para a equipe. Nós temos uma missão jornalística muito perigosa e precisamos de um hacker de primeira.

– Mas ele vai ficar aqui, né? – perguntou Carina, com jeito de mãe preocupada. Depois que soube do gesto nobre de Tarcísio, ela parecia querer adotá-lo e protegê-lo como um cachorrinho. – Ele pode fazer tudo daqui. Ele não precisa...

– É melhor que ele vá. Se precisarmos invadir algum sistema, estando mais perto é melhor...

– Eu quero ir – pronunciou o rapaz animadamente. – Eu parei com essa de ser sedentário e só fazer tudo da cadeira do meu quarto! Agora eu parto para ação também! Estou em forma!

O grupo se entreolhou desacreditando e com caras de que talvez aquilo não fosse uma boa ideia.

– Éeee. Tá. Vamos ver – anunciou Dimitri.

Dimitri explicou tudo para o Moleque. Em seguida repassaram seus papéis. William, por ser o mais velho, faria o papel do professor universitário e os outros mais jovens seriam estudantes bolsistas do projeto da universidade. Ao receber a

notícia, Willian franziu o cenho.

– Quem vai acreditar que eu sou um professor universitário?

Olhando para o homem negro de quase dois metros de altura e de grande porte e musculatura, Dimitri e Carina também tiveram dúvidas. Dimitri, porém, não se deixou abalar. Buscou em meio às tralhas que separavam para a viagem, um par de óculos de leitura e esticou-se na ponta dos pés para colocá-los no rosto do amigo.

– Pronto. Quem disser o contrário, estará sendo preconceituoso, racista...

– Queria saber por que está fazendo isso, Dimitri – questionou Tarcísio.

Willian soltou um rosnado e virou de costas ajeitando suas coisas.

– É por causa dela, né? – perguntou Carina junto a Dimitri.

– De que você está...? – Tentou se fazer de desentendido.

– É sempre por causa dela... – comentou Willian, de onde estava, de costas, admirando as armas.

– Dela quem? – Quis saber o Moleque.

– Eu vou esquecê-la – afirmou.

– Quem? – insistiu o Moleque sendo ignorado.

– Não teve mais notícias? – indagou Carina.

– Tive sim. Por isso mesmo. Eu achei o circo e ela não está lá e não quis que me dessem seu endereço nem contato. Ela não quer saber de mim – comentou com mágoa.

– Eu sinto muito... – Carina falou tocando o ombro dele.

– Valeu – respondeu retirando delicadamente a mão da amiga. Não queria a piedade de ninguém.

– Ela quem? – insistia o rapaz ignorado.

– Sério, cara! A Selma me largou faz uma semana e já nem sinto falta. Tu não pode ficar nessa por anos – acrescentou Willian.

– Eu sei, eu sei. Por isso preciso dessa aventura! Logo, logo nem vou lembrar mais dela – afirmou para os amigos, ciente de que mentia. No fundo ele sabia que aquela dor seria para sempre.

– A Selma te largou, Willian? Como assim? A Selma é super gente fina! Você tem que me contar essa história direito. Ela não ia fazer isso assim do nada... Você e Selma se dão tão bem... O que aconteceu? Me conta! – exigiu Carina em tom de confidente.

– Não vou te contar nada e não quero falar sobre isso – respondeu ele, sempre mal-humorado, um pouco mais do que seu usual. E olhou para a tela de seu celular, verificando as mais de dez mensagens perdidas de Selma.

– Mas Willian, sou sua amiga... – insistiu Carina.

– Então me respeita e para de me encher... – disse entredentes. Ao que

Carina respondeu com um aceno de cabeça e uma expressão de decepção e tristeza.

– Hellôou! Eu tô aqui! Alguém pode dizer do que vocês estão falando? – insistiu ainda o Moleque. – Quem é Selma? E quem é que o Dimitri tem que esquecer?

– “Tadinho” – falou Carina abraçando o Moleque. – Depois eu explico, querido. E vamos fazer umas comprinhas de roupa para você, tá? – falou com condescendência e uma vozinha carinhosa como quem fala com uma criança.



Dois dias depois, Dimitri e sua equipe chegavam a Recanto Sereno. A primeira impressão da cidade foi a de estarem em alguma cidade de interior cenográfica de novela. O centro da cidade era pateticamente pequeno e padronizado. Uma igreja em frente a uma praça e um píer para o maior rio da região. Nas ruas ao redor, a prefeitura, a câmara municipal, lojas, dois hospitais, duas escolas municipais e uma particular. Casas humildemente respeitáveis, além das casas grandes dos ricos da cidade, mas tudo isso cercado por infinita pobreza, que ia se estendendo para os arredores e subúrbios da cidade. Afastando-se do centro, acabava o asfalto, acabava a vergonha e a miséria era absoluta. Mais além, as fazendas e as florestas.

Em toda a sua carreira, em todas as atividades radicais que sempre praticou, Carina nunca havia sentido o que sentiu ao chegar ali. Uma mistura de arrepio, premonição e medo. Dimitri percebeu e perguntou assim que saltaram do ônibus:

– O que foi?

– Pode parecer estranho para alguém que já cobriu tantas guerras, que já esteve no meio de tiroteios em morros do Rio e vive desafiando o perigo, mas...

– O quê? – Willian também quis saber.

– Este lugar... Eu sinto maldade aqui, sabe? Me dá arrepios.

Nenhum deles comentou o que a amiga disse, mas todos sentiram a força de suas palavras. Se as denúncias fossem realmente procedentes, ali seria um lugar muito perigoso...

Assim que cruzaram a praça em direção ao hotel principal, que era na verdade uma grande casa amarela com muitos quartos, sentiram os olhares das pessoas – curiosos e hostis. Ignoraram tudo e prosseguiram.

No hotel, além da ficha preenchida, tiveram que responder a muitas perguntas sobre o que estariam fazendo ali. Recanto Sereno não era em nada uma cidade turística. A recepcionista do hotel, gorda e sorridente, não parou de perguntar até ouvir toda a história falsa que eles haviam elaborado.

– Pássaros? – Ela não pareceu acreditar.

– É incrível a quantidade de pássaros quase em extinção aqui nesta região...
– argumentou Carina.

– Sei. E o Seu João é professor... na universidade? – perguntou, incrédula, a recepcionista que parecia pensar que ele parecia mais um halterofilista. Willian sorriu ameaçador para ela, por detrás dos óculos que Dimitri lhe arrumara, fazendo com que ela resolvesse ignorar suas cogitações.

Dimitri, Willian e Tarcísio ficariam em um quarto e Carine em outro. Mas assim que depositaram suas malas em seus aposentos, reuniram-se no quarto dos rapazes para trocar opiniões e considerações iniciais. Definitivamente, as pessoas ali eram desconfiadas e agiam como se a cidade tivesse algo a esconder.

Ficou decidido que após o banho, comeriam alguma coisa no bar mais próximo para sondar ainda mais as pessoas e depois se dividiriam.

Durante o almoço no bar, mais olhares estranhos e ouvidos atentos para escutar a história sobre o documentário e os pássaros. Willian se divertiu repetindo o que decorara sobre o assunto, justamente para impressionar e convencer como professor universitário.

Fez um trabalho excelente, mas por não estar em conformidade com o estereótipo esperado, ouviu uma chacota do canto de uma mesa, vinda de um sujeito feio e atarracado.

– Hoje em dia deixam qualquer um entrar na faculdade...

O sangue de Willian ferveu e, disfarçado ou não, ele não levaria o desaforo. Levantou-se de sua cadeira, revelando seus quase dois metros de altura e musculatura imponente e impostou a voz dirigindo a fala a todos, mas principalmente ao homem que o ofendera.

– Será que eu ouvi o que ouvi? Um comentário racista? Alguém aqui acha que eu não posso ser um professor universitário porque sou negro? Por acaso isso aqui é uma cidade do século passado? – urrou. – Vocês têm ideia de quanto dinheiro posso tirar de um racista desgraçado em um processo judicial?

Perante o porte e postura do afrodescendente, o homem que falou se encolheu, não pela ameaça do processo.

Dimitri levou as mãos à cabeça prevendo um desastre iminente. Carina soltou uma risada nervosa e pensou que não seria nada bom começarem sua estada na cidade com uma briga de bar no primeiro dia. Moleque se retraiu e ficou olhando para as próprias roupas, novas, compradas sob a orientação de Carina.

O dono do bar também parecia apreensivo prevendo possíveis estragos ao seu patrimônio se aquele homem enorme resolvesse esmurrar alguém por ali. Então resolveu interferir:

– Professor, não se ofenda não. Isso quem disse já está bêbado, não leve a

sério...

Willian achou oportuna a interferência do homem e uma saída formidável daquela situação. Olhou em volta de cara feia como a desafiar alguém a falar mais alguma coisa contra ele. Como o tal continuasse encolhido, voltou a sentar-se dando o assunto por encerrado.

Seguiram-se vários sussurros e cochichos das outras mesas. Dimitri estava conversando com uma moça que servia as mesas e voltou para a mesa dos amigos com cara de novidades.

– Willian, sua presença em bares vai ser um acontecimento! – brincou. – Sugiro que visite os outros da cidade. Fofocas. Precisamos de fofocas. Puxe assunto sobre tudo e todos.

– Porque eu sou tão simpático... – comentou Willian com ironia.

– Carina, quero que vá às escolas. Conte a nossa história, queira saber sobre o que as crianças aprendem sobre ecologia lá e tente puxar assunto com os professores. Professores adoram desabafar sobre o sistema. Tente saber como está a educação na cidade, sobre as crianças, sobre política...

– Entendi. Pode deixar.

– Moleque, você volta para o hotel, tenta ver as redes de Internet disponíveis, vê a Internet por satélite e tudo o que você consegue hackear dos órgãos públicos por aqui. Vê o que descobre.

– Deixa comigo.

– Dimitri, deixa ele ir comigo. O garoto só fica trancado em quarto. Ele faz isso depois.

– Tá, tudo bem. Vai com ela. Vou à Igreja. A moça ali me contou que tem uma freira nova na cidade que veio preparar a vinda do novo padre. De repente, ela me conta alguma coisa sobre o desaparecimento dos outros...



A caminho da igreja, já no meio da praça, Dimitri escutou um chamado:

– Forasteiro! Ô, forasteiro!

Dimitri, incerto, virou-se e viu um homem de meia idade, bem vestido que parecia chamar por ele. Encarou-o e esperou que ele o alcançasse e lhe dirigisse a palavra.

– Boa tarde!

– Boa tarde.

– Meu nome é Moacyr Santana e eu sou secretário do Prefeito – falou estendendo a mão para um cumprimento, que Dimitri aceitou.

– Daniel.

– Muito prazer, Seu Daniel. O senhor me desculpe interpelar o senhor assim, mas é que gostamos de dar as boas-vindas aos visitantes, sabe? O povo que vem de outro lugar, os forasteiros.

– Tá, obrigado. – Dimitri não estava gostando nada daquela conversa de boas-vindas. O jeito do homem era pérfido e ele começava a se sentir como um estrangeiro chegando a uma cidade do Velho Oeste nos Estados Unidos e sendo interrogado pelo xerife.

– Com todo o respeito, Seu Daniel, sem querer abusar, mas o senhor chegou aqui hoje, não foi?

– Foi.

– E veio com mais dois e uma moça...

– É.

– Mas como então? Não é por nada, mas é que aqui não é uma cidade turística nem lugar de muitos empregos, então, o que é que vocês vieram fazer por aqui?

– O senhor está sendo um tanto indiscreto, Seu Moacyr.

– Mas quando! É curiosidade do Prefeito! Ele precisa zelar por sua cidade, saber o que se passa...

– Desse jeito dá até para pensar que vocês por aqui estão escondendo alguma coisa... – falou Dimitri em tom brincalhão o que era na verdade uma provocação que ele não pôde resistir em fazer.

– É-gua! Esconder o quê? Isso aqui é cidade pequena, de gente honesta. É pedir muito perguntar o que os amigos vieram fazer por aqui, é? Por gentileza...

– Tudo bem, Seu Moacyr. Não me custa. Eu e meus colegas Joice e Ricardo viemos com o nosso Professor João. Somos do curso de Biologia e viemos fazer um estudo e documentário sobre os pássaros da região – respondeu Dimitri a contragosto.

– Égua não! Pássaros?

– Isso mesmo. A região tem uma fauna bem rica.

– Olha já! Tu alopas, homem! – Embora Dimitri não entendesse bem as expressões locais que o homem usava, desconfiou de que ele estava dizendo algo como “não acredito”. Observou que ele pensava um pouco antes de dizer algo mais e sorriu irônico em seguida. – Tá safo. Vou dizer ao Prefeito. Mas só te digo, vai: tomem cuidado com a mata. Não é bom se afastar muito da cidade... A floresta é sempre perigosa... – disse e despediu-se com um aceno de cabeça, virando-se em seguida e andando na direção contrária à da igreja.

Dimitri refletiu por uns instantes. Não tinha certeza, mas tudo aquilo lhe pareceu bastante com uma ameaça. Seu coração estava acelerado e a adrenalina a mil, quando se virou e prosseguiu rumo à igreja.

11 - A freira

Dimitri entrou na Igreja e logo viu a freira. Ela estava de costas, ajoelhada no genuflexório. Provavelmente rezando. Ele se aproximou.

– Irmã! – chamou.

A mulher se virou e levantou de supetão. Ela pareceu levar um susto tão grande que tropeçou e caiu atabalhoadamente. Dimitri correu a ajudá-la a se erguer. Quando a pôs de pé e estavam frente a frente, ele viu uma mulher estranha, feia e enrugada, com dentes horríveis e um olhar turvo por trás de grossas lentes. Mas teve uma estranha sensação. Era como se a conhecesse de alguma forma.

– Desculpa, filho. Deve ter sido o reumatismo... – ela desculpou-se com uma voz rouca.

– A senhora está bem?

– Estou, estou.

– Eu é que peço desculpas por ter interrompido suas preces.

– Já havia terminado – falou com um sorriso que revelava dentes amarelados e tortos.

– Irmã, eu sou novo na cidade. Vim fazer um documentário sobre pássaros com um pessoal da universidade e gostaria de saber um pouco mais sobre a região e...

– Também não sou daqui, filho. Cheguei há alguns meses. E de pássaros não entendo nada. Se ainda fossem anjos do Senhor...

– Meu nome é Daniel. A Senhora é a irmã...?

– Aparecida.

– Então, irmã. É que eu e meus colegas, pra documentar sobre pássaros, vamos precisar nos embrenhar nas matas e ouvimos dizer que dois padres sumiram na mata. Então, queríamos saber direito essa história, porque nós não queremos nos perder, nem...

– Escute, filho. Não diga isso a ninguém dessa cidade, mas vou lhe contar algumas coisas. Só de você estar aqui como repórter, de pássaros que seja, corre risco. Os padres não sumiram. Eles foram assassinados.

– Assassinados? A senhora tem certeza?

– Não me pergunte como eu sei. Mas sei. Eles eram bons padres e preocupados com as pessoas, logo perceberam que tinha coisa ruim nesta cidade. Atravessando um trecho da mata que cerca a cidade, há acampamentos de

trabalhadores escravos pra extração de dendê. Tem homens, mulheres e crianças nesses acampamentos.

– Meu Deus! Então é verdade!

– Você já sabia?

– Irmã, posso confiar na senhora?

– Claro, filho. Sou uma serva de Deus. Não compactuo com a maldade humana.

– Eu e minha equipe estamos aqui por causa disso, não dos pássaros.

– Também estou aqui para tentar acabar com isso...

Dimitri não conseguiu segurar um risinho.

– Como, irmã? Rezando? – Não conteve a ironia.

Irmã Aparecida sorriu serena como quem sabe mais e tem um trunfo.

– Deus age de formas misteriosas... Mas e você? O que pretende fazer?

– O que fazem os repórteres. Tirar o lixo de debaixo do tapete. Expor toda essa sujeira para o mundo.

– Você e seus colegas? Tem certeza? É muito perigoso.

– Trouxe três amigos. Eles também não têm medo. Nós não vamos descansar enquanto não conseguirmos expor tudo isso. Não podemos deixar pessoas serem escravas em pleno século XXI.

– Pode contar comigo então, Daniel. Vou te dar um mapa dos acampamentos.

– Um mapa? Há um mapa disso?

– Eu é que fiz, filho. Como eu disse, estou aqui para acabar com isso. E não é só rezando...

Dimitri sentiu ainda mais forte a sensação de uma ligação com a freira. Era ilógico e inexplicável, mas intuía que de fato podia confiar nela. Ela seria uma forte aliada.

Irmã Aparecida, com um gesto, convidou-o a segui-la até a sacristia. Lá dentro, conduziu-o até outro aposento, mais reservado. Era uma espécie de escritório. Ela fechou a porta e indicou uma cadeira em frente a uma mesa grande de madeira para que ele se sentasse. Ela se sentou do outro lado da mesa, de frente para ele e abriu uma gaveta da mesa com chave. De lá, retirou alguns papéis. Mostrou-lhe o mapa que confeccionara artesanalmente.

– A senhora desenha bem, irmã – observou Dimitri impressionado com a perfeição e riqueza de detalhes conferida ao mapa.

– Vou lhe dar este. Eu tenho cópias, não se preocupe. E já meio que sei de cor tudo que coloquei aí. Vou lhe contar também tudo que sei sobre o desaparecimento dos padres e sobre os acampamentos...

– Eu agradeço muito, irmã. E acho que precisamos estar em contato. Vamos

trocar os números de celular?

12 - Conversa de bar

Willian se sentia meio desconfortável com seu disfarce de professor universitário. Achava muito difícil de acreditar e, então, ainda mais difícil de as pessoas acreditarem. Entrou no terceiro bar. Nada havia escutado de útil nos dois últimos, infestados de gente tão bêbada em pleno dia, que nem se dera conta de sua presença. Mas aquele parecia diferente. Era maior e melhor frequentado. Eles serviam refeições e alguns homens ainda almoçavam ou já jantavam. Pediu um pastel e um refrigerante e sentou próximo a um grupo que falava alto e vez ou outra incluía o atendente do bar na conversa. Fez-se de distraído e apurou os ouvidos.

– Putisganga! Isso é conversa! Ê, ê, ê! Não acredito! – zombava um baixinho de pele amarelada e pouco cabelo.

– Nem te conto! Meu patrão anda muito assustado desde que pegou o táxi com a defunta... – falou um afrodescendente magro e de meia idade.

– A mulher do táxi? A tal linda...? A que aparece toda de branco? – perguntou outro se benzendo. – Mas credo! Ai, que já me arrepiei todo.

– É, com essas coisas não se brinca... – falou outro, com jeito supersticioso. – E pelo que sei, o prefeito viu Boitatá...

– Mas ele não admite. Diz que foi uma cobra grande...

– Mas já ouvi que a cobra parecia gente e falava...

– E o capataz de Seu Sebastião? Esse jura que viu Matinta Pereira...

– Tu é leso, é? Vocês tão é ficando tudo doido... – intrometeu-se o dono do bar, enquanto servia mais uma cerveja à mesa.

– É-gua! Mas nossos avós acreditavam... e nossos pais também...

– Diacho! E agora Recanto Sereno é lar de tudo quanto é assombração e lenda do Pará!

Neste ponto, Willian achou que devia entrar na conversa, mas antes ligou o gravador em seu celular:

– Os amigos me perdoem, não queria me intrometer na conversa de vocês, mas é que ouvi umas coisas estranhas... Tem assombração na cidade?

– Mas como então, o senhor quem é? – perguntou o baixinho.

– Me chamo João. Sou professor de universidade e vim estudar os pássaros da região.

Os homens se entreolharam achando aquilo ainda mais estranho que as aparições de que falavam. Mas tentaram ignorar o inaudito da informação para

não perder a oportunidade da fofoca, que era coisa muito apreciada por aquele grupo.

– Pois é, forasteiro, Seu João professor, o senhor já ouviu falar das lendas aqui da região, né? Tá tudo no folclore brasileiro.

– De Matinta Pereira e Boitatá, a cobra de fogo, sim. Mas essa lenda da mulher do táxi que vocês falaram...

– Pois então, vou contar pro senhor – adiantou-se o mais velho e supersticioso do grupo, um nortista cinquentão, barrigudo e de fala mansa.

O que se seguiu foi uma narrativa longa e cheia de sensacionalismo e narrada por mais de uma pessoa, já que cada um queria contar um pouco do que sabia sobre a história de uma moça de Belém que morreu ainda jovem. Contava a lenda que a moça ganhava de seu pai todo ano no seu aniversário uma corrida de táxi pela cidade, para visitar os pontos turísticos. Após sua morte, diziam, um táxi pegou uma moça em frente ao cemitério, que pediu pelo passeio exótico. Ao deixá-la em frente de sua casa, a moça alegou não ter dinheiro para pagar pela corrida e que o motorista voltasse no outro dia para cobrar de seus pais. Quando o taxista voltou no dia seguinte, falou com a senhora, dona da casa, que negou que morasse ali uma jovem com aquela descrição. No entanto, o motorista apontou para um retrato sobre um móvel e afirmou que se tratava daquela moça. “Mas essa é minha filha falecida”, respondeu a mulher. E daquela data em diante, sempre por ocasião do aniversário da desencarnada, um motorista de táxi pegava uma passageira com aquela descrição, vestida de branco, em frente ao cemitério.

Por mais que não acreditasse em lendas urbanas, Willian não pôde evitar o arrepio que percorreu os pelos de seus braços quando da conclusão da história.

– Mas como foi que o Seu Asdrúbal topou com a fantasma?

– Um táxi foi buscar ele em frente ao cemitério depois do enterro da mãe, que por coincidência, era a mesma data do...

– Aniversário da tal... – concluiu Willian.

– E dentro do táxi, do nada, apareceu a assombração! E sumiu do mesmo jeito! – falou com ares de mistério o homem mais velho.

– E com o prefeito? – Willian quis saber.

– Ele tava pescando, de dia... e a cobra grande derrubou o barco e ele quase se afogou... Levou farelo...

– Ê, ê, ê... E a cobra falou... – completou em meio a um riso de cinismo o dono do bar.

– O que a cobra falou? – Quis saber Willian.

– O mesmo que a Matinta Pereira e que a Mulher do Táxi – respondeu de pronto o baixinho.

– Olha já! E não se esqueçam do Curupira e do Capelobo – lembrou o dono do bar, ainda cético, de gozação.

– Curupira? – estranhou Willian. – Curupira também? O cara com os pés virados para trás? O protetor da natureza?

– É, fez Seu Sebastião se perder na floresta – completou o mais velho do grupo.

– E o que é isso? Capelobo? – interrogou Willian cada vez mais intrigado com aquela história estapafúrdia.

– O Capelobo é a versão brasileira do lobisomem – respondeu o dono do bar.

– Pois então, o que o Curupira, a Matinta Pereira, a Cobra grande, o Capelobo e a mulher do táxi disseram?

– Nem te conto! Isso é o mais assustador. Disseram a mesma coisa: que o Anjo Vingador estava vindo – concluiu o mais velho se benzendo. – Esta cidade vai ter que pagar pelos seus pecados...

Willian notou que os outros homens se retraíram com as palavras do último e julgou que havia muito mais naquela história do que simples credence popular.

13. *Pátria educadora*

Carina vestiu uma calça jeans e uma blusa de algodão leve. O calor estava forte e queria estar confortável. Colocou óculos escuros e prendeu os cabelos num coque no alto da cabeça. Saiu do quarto do hotel e encontrou Moleque. Ele estava com uma aparência bem melhor depois que ela começou a “cuidar” dele. Os óculos de lentes grossas e armação medonha de metal tradicional tinham sido substituídos por um modelo moderno em acetato cinza, e as lentes especiais haviam reduzido a espessura. Ela havia depilado o espaço entre as grandes sobrancelhas, eliminando a pavorosa monocelha. Surpreendentemente espantou-se com a beleza do rapaz, mas embora usasse as roupas novas que ela comprou com ele, a combinação ainda não era o forte do *nerd*.

– Volta agora mesmo para o seu quarto e troca essa roupa! – falou em tom de autoridade materna.

– Por quê? Foi você que escolheu! – Espantou-se o rapaz.

– Eu escolhi as peças, não a combinação que você fez delas! Os sapatos sociais eram para serem usados em ocasiões sociais, numa festa, com um terno, um blazer... Não com calça jeans, e... camiseta regata?

– Tá calor! – desculpou-se.

Carina balançou negativamente a cabeça impaciente. Aquilo era possível? O cara era um gato, não tinha noção disso e nem sabia se arrumar! Não bastou comprar as roupas legais, ele conseguia fazer combinações bizarras com elas! Ela teria que vesti-lo!

– Tá, vamos lá no seu quarto. A calça jeans fica, vou escolher outra camisa e um par de tênis.

Ele abaixou a cabeça resignado. Entraram juntos no quarto e ele se trocou na frente dela e esperou pela sua aprovação. No relance em que Carina o viu sem camisa, achou-o mais atraente do que supunha e censurou-se mentalmente por aqueles pensamentos. Com a nova combinação, ele estava ótimo, um gato. Ela suspirou e deu seu ok com o polegar para cima.

– Vamos, Moleque.

– Pô, Carina! Moleque?

– Tá, vamos embora, garoto!

– Garoto? Qual é? – queixou-se. – Eu tenho quase a mesma idade que você. Para de me tratar como se fosse a minha mãe.

– Vamos combinar uma coisa? Quando você aprender a se vestir sozinho, eu paro de bancar sua mãe, não te chamo mais nem de garoto nem do seu

apelido de Moleque e vou te chamar de Tarcísio. Enquanto você fizer essas combinações horríveis, eu sou a sua mãe! A-do-tei! Pronto! Um gato como você, parecendo um jeca? Isso é um crime! Não vou deixar...

– Eu? Um gato? – falou abrindo um sorriso de orelha a orelha. – Jura? Nunca ninguém me achou um gato...

– Claro! Do jeito que você andava! Mas agora a mamãe aqui está na parada!

– Acha que posso descolar umas garotas com esse visual?

– Claro! Mas uma de cada vez, tá, querido? Só porque virou galã não vai querer ser galinha também!

– Ah, uma namorada já tá bom! – falou animado.

– Agora o toque final... – ela disse colocando o clipon por cima dos óculos do rapaz, fazendo com que se transformassem em óculos escuros.

– Estou gato? – perguntou esperançoso.

– Gatíssimo – respondeu orgulhosa. – Vamos.



Escolheram a maior escola municipal da cidade. Chegaram lá na hora do almoço. Logo a decepção tomou conta de ambos. Ninguém queria falar com eles. Ao ouvirem a palavra “documentário”, as pessoas pareciam serem tomadas por um medo inexplicável. E não adiantava falar que era sobre pássaros. A diretora designou uma professora de Ciências para falar com eles. Ela os convidou a almoçar junto com ela no refeitório da escola porque não podia perder sua hora de almoço. Foi fria e parecia estar mais interessada na comida que na conversa. Olhava mais para o prato que para eles. Respondia a tudo com uma má vontade tamanha que Carina sentia ímpetos de levantar e sair dali imediatamente. Moleque ficou quieto. Era tímido e já não falava quando era incentivado, que dirá quando não havia nenhuma motivação. Mas então outra moça se aproximou.

Carina instantaneamente levantou o rosto porque a outra vinha com um sorriso no rosto, uma alegria interior que parecia que a moça tinha luz própria.

– Vocês são “o pessoal do documentário”? Estavam comentando lá na sala dos professores – começou a falar a moça com um jeito meigo e simpático. – Eu sou professora daqui, do segundo segmento do Ensino Fundamental, me chamo Maria Eulália. Desculpa me meter assim, mas é que é uma coisa fantástica um documentário aqui em Recanto Sereno! As crianças iam se interessar bastante!

– Imagina! – disse Carina. – Queremos mesmo conversar com alguém da escola sobre o que as crianças aprendem aqui a respeito dos pássaros da região. E também saber como anda a educação, saber um pouco sobre a cidade. Ah,

desculpe, meu nome é Joice e este aqui é o Ricardo – apresentou-os com os nomes falsos.

Maria Eulália trocou um aperto de mãos e beijinhos nas faces com Carina e em seguida com Tarcísio. Carina sentiu uma pontada de ciúmes, pois percebeu um encantamento mútuo entre a professora e o nerd. Maria Eulália tinha um sorriso branco e lindo e para Tarcísio ele foi ainda mais luminoso, acompanhado de um reluzir dos olhos. A moça tinha pele morena, as feições da terra harmoniosamente distribuídas em um rosto redondo, diferente, todavia lindo. Os cabelos eram compridos, ondulados, ligeiramente crespos, simplesmente maravilhosos. Carina teve vontade de dar um tapa na cabeça do Moleque, para que ele fechasse aquela boca e tirasse aquele ar de paspalho da cara.

Sentaram-se novamente. Começaram a conversar animadamente, nem notando que a outra professora taciturna havia se levantado e se retirado sem nem um cumprimento. Carina falou aquilo que ensaiara a respeito do documentário e Moleque permanecia calado, só admirando a professorinha jovem, que não podia ter mais idade que eles próprios. Maria Eulália falou da escola, de seus sonhos para a educação, mas inevitavelmente, acabou falando também das frustrações.

– Sabe, Joice, a educação no Brasil é um grande teatro. Os políticos só querem números para mostrar para a população. Sabe como eles medem o sucesso escolar? Pela aprovação de alunos. Há uma grande pressão em cima das escolas, da direção de dos professores para aprovar alunos. Maravilha se isso fosse só para que ensinássemos melhor e os alunos tivessem melhores resultados, mas não é assim que acontece. Tem aluno que mal vem à escola; outros não faltam, por causa do bolsa-família, mas vêm para comer merenda e ou não se interessam e ficam desligados durante as aulas, ou perturbam o tempo todo e desrespeitam o professor em sala de aula. Isso prejudica o aprendizado dos que querem estudar...

A cada ano menos alunos se preocupam em estudar. Para quê? Se eles sabem que vão passar de qualquer maneira? A pressão por aprovação é tão grande, que muitas escolas aprovam até alunos que não frequentam as aulas. Notas zero viram o cinco da média para passar no conselho de classe final, com o aval da direção. Os professores que tentam fazer um trabalho sério são perseguidos e destratados, taxados como encenqueiros, problemáticos. O legal é dar a notinha azul para o aluno passar e deixar a bagunça correr solta na sala de aula, pois é impossível ter disciplina com alunos que sabem que não precisam fazer nada para passar. E sem disciplina não há aprendizagem. E a educação está essa, desculpem a palavra, essa merda que está aí. Os professores entram em depressão, como a Dirce, que estava aí há pouco...

Professores desmotivados, deprimidos, que acabam participando desse esquema sujo que dá diplomas a alunos que mal sabem ler. A culpa não é deles. Eles parecem pedir desesperadamente por socorro, por disciplina, por uma educação que lhes ensine valores e moral, que muitas vezes não encontram em casa. As famílias não dão limites, e quando o aluno chega à sala de aula e o professor é o primeiro a querer impor certos limites, há um conflito. Tiraram a autoridade do professor, tiraram dele sua única arma que é a nota, e deram direitos demais para os alunos e nenhum dever. Tiraram do aluno a responsabilidade de estudar. Ele não é responsabilizado pelo seu fracasso, fica tudo para o professor. A culpa é sempre do professor! É um caos!

E não é só nas escolas públicas! A particular é ainda pior! Porque o pai do aluno acha que por estar pagando, o filho tem que passar! E eles são passados porque o dono da escola não quer perder alunos... E voilá! Toda uma geração de idiotas, retardados com diploma debaixo do braço! E algumas faculdades reproduzem essa pouca vergonha! E aí pontes que caem, doentes que morrem por erro médico... Toda uma sociedade de mentecaptos! Porque eu não estou falando só de Recanto Sereno! Nem só do Pará! É um câncer que se espalhou por todo o país!

Eles varrem a sujeira para baixo do tapete! Os números da educação melhoram, porque temos a aprovação sem mérito, aí depois não entendem quando o Brasil fica nos últimos lugares em Educação Mundial, ganhando apenas de países miseráveis. Não entendem que a reprovação não é ruim! Ela tem que existir! É ela que faz os alunos estudarem! É ela que dá poder ao professor e lhe possibilita ter disciplina em sala de aula. É ela que mostra a realidade da vida e prepara, pois no mercado de trabalho nem todos são “aprovados” para o emprego!

Carina estava impressionada. Nunca tinha pensado na educação daquela forma. Moleque estava fascinado pela oratória e inteligência da professora. Queria dizer algo inteligente que o colocasse nas graças da mestra. Ele tentou.

– Claro! Para ser um “Jedi”, tem que ser um baita aprendiz, treinar muito. Nem todos passam! Poucos...

As duas mulheres olharam para ele como se vissem uma criatura do espaço. Carina não podia acreditar que ele tivesse saído com uma *nerdice* daquelas. Ela pensou que a professora riria ou o desprezaria como um sujeito ridículo. Mas após o estranhamento, a moça riu e fez um comentário para lá de inesperado.

– Isso mesmo, Ricardo! Imagine se tivessem aprovado todos para “Jedi”! Mandariam um exército de incompetentes para a guerra espacial e a guerra seria perdida, inclusive para eles, que morreriam inutilmente.

O rapaz sorriu como se tivesse ganhado um prêmio Nobel. Por aquela,

Carina não esperava. Pronto. Agora o bobão estava definitivamente apaixonado pela professora!

– Eu faço o que posso. Não desisto nunca! Não vou me deixar deprimir nem desistir! Eu faço por eles! Pelas crianças! Eu desprezo o sistema, brigo com todo mundo e bato o pé nas reprovações. Eles acabam aceitando, poucas, mas consigo. Eu encho a cabeça dos alunos de sonho, faço eles lerem livros, escreverem poemas... e eles têm tanto potencial! É um crime o que fazem com eles...

– Vejo que é uma professora de verdade! daquelas que mudam a vida dos alunos – comentou Tarcísio, com um jeito sério que surpreendeu Carina.

– Que é isso? Eu? Imagina! O que eu faço é tão pouco. Dou aulas de Língua Portuguesa de manhã e de tarde... Faço o que posso...

– São tantas injustiças, não é mesmo? Mas deve haver mais coisa errada do que só a educação... por aqui, por exemplo... – tentou Carina. Ela tinha que tentar fazer a professora falar de outras mazelas, quem sabe o trabalho escravo...

– Muita gente pobre. Eu queria muito ajudar os trabalhadores que vivem em acampamentos fora da cidade, sendo explorados. Eu e o padre José recolhíamos doações para levar, mas meu pai nunca me deixou ir com ele entregar...

– O Padre José foi o que sumiu?

– É, ele e o outro que veio antes dele, o Padre Marcos. Os dois. Em curto espaço de tempo – falou com mágoa como se quisesse dizer outra coisa. – O padre antes deles morreu de velhice aqui na cidade. Era um padre retrógrado e amigo dos políticos. Mas esses... Mas isso não interessa a vocês... Estão aqui só para fazer documentário sobre pássaros, não é? – falou como se suspeitasse de algo.

– É claro! – Carina respondeu rápido. – Mas não vou querer me perder na mata como eles e desaparecer, então, toda informação é preciosa...

– Tá. Falo com vocês sobre isso outro dia, em outro lugar. Deixem o telefone de vocês e combinamos. – Havia ali algo que ficou subentendido.

– Obrigada, professora – agradeceu Carina.

14 - O Mapinguari

Dona Augusta, dona da única rede de Supermercados de Recanto Sereno e uma das pessoas mais ricas da região, levava muito a sério aquela história de que “o olho do fazendeiro é que engorda o boi”. Em outras palavras, acreditava que tinha que estar à frente de tudo, controlar de perto seu negócio e liderar seus empregados vigiando e observando tudo. Então, apesar de ter um gerente para cada um dos supermercados da cidade, lá estava ela, fechando o caixa junto com o gerente do Mercado Central. Nenhum deles podia ir embora sem sua presença. Ela fazia questão de passar por cada filial e ver o montante do dia. Aquele era o último e já passava das dez da noite.

Dona Augusta levantava cedo, passava o dia a ir de um mercado a outro controlando tudo e, ao final do dia queria os acertos. Parecia incansável mesmo aos sessenta e cinco anos. Era uma velha assumida. Não pintava os cabelos, vestia-se sobriamente e não era dada a vaidades. Depois de viúva, começou a trabalhar ainda mais e aquela era a sua vida. Era conhecida por ser avarenta e explorar os empregados. Vivia para acumular riquezas não se sabia para que, já que nem tinha filhos ou outros herdeiros. Talvez tivessem se esquecido de lhe dizer que ela não levaria nada daquilo consigo depois de morrer, mas dado o seu caráter severo e nada amigável, era mais provável que ninguém se atrevesse.

Quando não estava cuidando de seus supermercados, estava ocupada com sua pequena fábrica de óleo de dendê, que era um produto sempre presente nas prateleiras de seus estabelecimentos. Seu único lazer eram partidas de pôquer com os fazendeiros da região e alguns políticos na casa de Sebastião Vilela domingo sim, domingo não. Talvez fosse ali que ela gastasse algum dinheiro, muitos diziam que era viciada em jogo. Era durante essas partidas que os poderosos de Recanto Sereno também falavam de seus negócios em comum, ou seja: a extração de dendê.

Na última reunião que tiveram, o assunto mais abordado foi outro: as visitas sobrenaturais que todos eles estavam recebendo. A notícia já havia se espalhado. Mesmo contando só para uma ou duas pessoas de “confiança”, cada uma das esdrúxulas histórias já havia caído na boca do povo. Entidades fantásticas do folclore brasileiro estavam visitando cada um deles, anunciando a chegada de um “Anjo Vingador”. Como bons paraenses, tinham sua cota de superstição e estavam com medo. Ninguém conseguira explicar o que estava acontecendo. Tudo parecera real demais para ser uma brincadeira... Embora não quisessem

admitir, sabiam bem ao que se referiram as criaturas quando disseram que eles eram maus e sabiam também a quem se referiam quando disseram para “libertá-los”. Quem? Os escravos. Seus escravos. Homens, mulheres e crianças trabalhavam nos acampamentos fora da cidade, na extração do dendê, em condições míseras e sem liberdade de ir e vir, sem direitos trabalhistas. ESCRAVOS.

No entanto, apesar de não terem ainda nenhuma explicação lógica para o que lhes acontecera, agarravam-se à razão e tentavam convencer-se e aos outros de que tudo não passara de alguma brincadeira ou alucinações de consciências pesadas...

As discussões eram longas e o medo, latente. O que seria esse “Anjo Vingador”? Alguém que os mataria? Guarda reforçada e remédios para dormir eram necessários ao descanso daqueles que muito deviam. Em pior estado estavam os que ainda não haviam tido seu encontro com o sobrenatural, pois a quase certeza de que seriam os próximos os deixava em frangalhos e o nervoso era evidente. Assim se encontrava Dona Augusta, que passara a rezar um terço por dia para afastar as assombrações. Ao terminar o trabalho do dia, esperou que os empregados e o gerente fechassem o supermercado e entrou em seu carro com o segurança com quem passara a andar desde que soubera das “visitas”.

Levava em média meia hora do centro da cidade por uma estradinha de terra até seu confortável sítio. Já na metade da estrada, sentiu um solavanco forte assim que o segurança, que guiava o carro, freou bruscamente. Havia uma árvore no meio do caminho.

– Que inferno! Mas o que é isso?

– Uma árvore, Dona Augusta. Tá no meio do caminho. Não é muito grande. Vou ver se dá para empurrar – falou o segurança e motorista saltando do carro imediatamente.

O homem era forte, de uns quarenta anos, mas com boa disposição. Começou a empurrar a pequena árvore e logo caiu desmaiado ao receber um forte golpe na cabeça. Dona Augusta não acreditou quando viu um ser meio humano, meio animal, coberto de pelos negros da cabeça aos pés, que acertou seu empregado com um toco de madeira. Não teve nenhuma reação a princípio. Estava em choque. O monstro se aproximou do carro, bem de frente, e ela o viu melhor através do para-brisas: ele tinha um olho no meio da testa e uma boca enorme que parecia se estender até a barriga. “Que horror! É nojento!” Esses foram seus pensamentos naquele instante. Observou ainda que ele vestia uma espécie de armadura feita com cascos de tartaruga e aí se lembrou de onde conhecia aquilo... Era o Mapinguari... o que devorava caçadores começando pela cabeça... O terror tomou conta dela, que teve como única reação fechar os vidros

laterais e travar as portas do carro.

O monstro soltou um grito pavoroso que lhe gelou a alma. Ela fechou os olhos por um instante, desejando que tudo aquilo sumisse, porque não podia ser real... Mas ele ainda estava lá e olhava diretamente para ela. Então escutou a voz. Era gutural e sinistra. Não parecia humana.

– Mulher má! Vai pagar! O Anjo Vingador vem aí... Ele vai atrás de você...

Dona Augusta chorava e tremia toda, mas conseguiu ter uma reação, mudou-se para o assento do motorista, ligou a ignição e deu ré no carro. Fez a volta de forma rápida e imprudente e voltou para a cidade na maior velocidade que conseguiu dar naquela estrada acidentada. Pelo retrovisor não via mais “a coisa”, mesmo assim, não parou enquanto não chegou à cidade. Que sua segurança se entendesse lá com “o coisa ruim”! Ela não sentiu o menor remorso por deixá-lo para trás. “Cada um por si” sempre fora seu lema mesmo. Dormiria aquela noite no hotel da cidade, isto é, se conseguisse dormir.

Willian voltava para hotel e entrou na recepção no minuto em que Dona Augusta fazia seu check in.

– É um prazer ter a senhora, pessoa tão ilustre aqui em nosso hotel, Dona Augusta! Mas é um pouco estranho, a senhora mora tão pertinho, né? Aconteceu alguma coisa, a senhora está pálida e parece nervosa, tão despombalecida... Olha, tá tremendo...

– É-gua! Pode-se dizer que aconteceu mesmo. Esta cidade está assombrada!

Ao ouvir a palavra “assombrada”, que o fez lembrar-se das conversas de bar que ouvira durante o dia, Willian resolveu que precisava ouvir um pouco mais. Disfarçadamente pegou uma revista e sentou-se numa das cadeiras do lobby, bem próximo ao balcão da recepção, fingindo que pretendia ler.

– Como assim assombrada, Dona Augusta?

– Ninguém vai acreditar, mas indo pra casa hoje, no meio da estrada, vi Mapinguari. Muito palha!

– Mapinguari? – Quis confirmar a recepcionista meio descrente. – O monstro peludo de um olho só? Mas como então?

– Esse mesmo. Ele me ameaçou..., o filho duma égua! – desabafou a mulher, sem nem ligar se pareceria ridícula ou não. Era muito difícil passar por aquilo e não poder falar com alguém.

– Ele usava roupa de jacaré como nas lendas? – perguntou ainda indecisa se acreditava, mas segurando o ar de deboche, afinal era Dona Augusta, alguém com quem não se devia fazer troça naquela cidade.

– De jacaré não. De tartaruga. Algumas lendas descrevem como de tartaruga...

– É-gua! Deve ser bem assustador! E o que ele falou pra senhora? Ameaçou

como?

– Isso não te interessa! – vociferou a mulher já sem paciência, tomando a chave do quarto da mão da recepcionista. – Posso ir para o meu quarto? – perguntou sem nenhuma gentileza.

– Claro, senhora – concordou a moça meio constrangida com o tom agressivo da hóspede inesperada.

Logo que Dona Augusta desapareceu escadas acima, Willian se levantou e foi também para seu quarto. Encontrou seus colegas em reunião por lá. Apesar de já um pouco tarde, precisavam dividir as informações que conseguiram durante o dia.

– Ah, Willian! Que bom que você chegou! Nós precisamos conversar, trocar informações todos juntos. O Mo... o Tarcísio e a Carina estiveram em uma escola hoje e estavam começando a nos contar sobre o que conversaram com uma professora.

Willian se sentou numa das camas, ao lado de Dimitri, de frente para Carina e Moleque.

– Pois é. Então como eu ia dizendo, a professora Maria Eulália foi super gentil e nos falou sobre o sistema educacional... Puxa! Um bocado revoltada também a moça!

– Ela é linda, educada, encantadora, inteligente... – comentou Tarcísio com um ar sonhador que fez com que todos o olhassem suspeitando já de sua admiração.

– É, o Moleque caiu de amores pela professorinha...

– Carina! – censurou o rapaz com ar de ofendido.

– E sobre a cidade? – Quis saber Dimitri.

– Ela ficou meio com medo de falar sobre o que parece que acontece nos arredores da cidade, na mata... Mas disse que poderíamos conversar em *outro* lugar. Ela parece também desconfiar do que aconteceu com os padres...

– Ela tem um jeito, um olhar... – Tarcísio parecia falar para si mesmo, mas ganhou a atenção de todos por um instante.

– Nós com certeza vamos querer falar com ela! Combinem com ela alguma coisa, algum lugar... Onde não seria suspeito...? – Dimitri continuava na liderança.

– Não sei, temos que pensar bem... – contemporizou Carina.

– Eu estive na igreja e falei com a freira. Ela não suspeita, ela afirma que os padres foram assassinados. Ela sabe e me falou do acampamento com trabalho escravo para extração do dendê. Ela me deu até um mapa, olhem – falou Dimitri desdobrando o papel que tinha em mãos.

Todos esticaram as vistas e até se inclinaram um pouco para ver o mapa.

- Mapa? – indagou Willian.
- É, do acampamento. A localização exata – explicou Dimitri.
- Deixa eu ver – pediu Tarcísio, ao mesmo tempo em que tomava o mapa das mãos de Dimitri que soltou uma interjeição de protesto.
- Acho que dá para jogar num programa e localizar as coordenadas por satélite. De repente conseguimos até imagens... – Ele falava enquanto pensava e já agia. Tinha se levantado e pegado sua aparelhagem, escaneou a imagem do mapa e começou a teclar freneticamente. – Aqui. Dá para ver mais ou menos... Aquilo ali... Parecem tendas, não? Só que tem muita árvore em volta, muito verde... – Todos confirmaram. – Pena que não dê para aproximar mais... Já estou fazendo o upload para o nosso servidor que vai enviar tudo para o nosso pessoal no Rio, daí as informações já estarão salvas.
- Por que ela te deu esse mapa? E como ela tem esse mapa? – perguntou Carina um pouco preocupada.
- Não sei, ela é um pouco misteriosa, falou algo sobre também estar aqui por causa disso. Ela parece que está do nosso lado. Acabei dizendo a ela o que estamos aqui para...
- Tá maluco, Dimitri? Como foi estragando nosso disfarce logo de cara? – reclamou Willian.
- Inacreditável, Dimitri! – Também censurou Carina.
- Calma, gente! Ela é confiável. É uma pessoa do bem, né? Freira!
- Quanta ingenuidade! – criticou a moça.
- Sério? Você vê alguém de hábito e abre a boca? Você não devia ser o cabeça da coisa toda aqui? – questionou Willian.
- Gente! Calma! E eu não estraguei o disfarce. Não disse nossos nomes verdadeiros...
- Ah, isso é ótimo! Ele não disse nossos nomes verdadeiros! – comentou Willian de forma sarcástica.
- Vocês entenderam que estamos falando de uma freira? Que os padres foram assassinados e ela só PODE estar do nosso lado?
- Tá, beleza, cara! Deixa pra lá – apaziguou Willian.
- Dimitri, já chequei tudo que podia dos órgãos públicos e dos poderosos. Existem vestígios de eles estarem envolvidos direta ou indiretamente com extração, industrialização e venda de dendê, mas nada que se prove ilegal... – aduziu o Moleque, dando satisfação sobre a tarefa que lhe fora atribuída. Dimitri e os restantes apenas mostraram feições resignadas de quem já esperava por aquilo.
- Mas Willian, e você? Como foi? – perguntou Carina.
- Eu acho que nesta cidade só tem gente maluca – falou Willian

entredentes.

– Por quê? – indagou Dimitri.

– Num bar e agora há pouco... As pessoas aqui estão falando de assombrações. De monstros do folclore como coisas reais...

– Hein? – manifestou-se Tarcísio levantando a cabeça que estava baixa, concentrada na tela do computador.

– Como assim, Willian? – Dimitri quis saber.

– Bem, cara, isso é tão estranho! Não acredito no que vou falar. Estou me sentindo num episódio do Arquivo-X...

– A verdade está lá fora! Show! – comentou Tarcísio inauditamente eufórico, atraindo olhares de estranhamento de todos.

– Parece que os poderosos da cidade, o prefeito, outro político e alguns fazendeiros estão recebendo visitas de... personagens do folclore brasileiro... – prosseguiu Willian.

– Personagens? – checkou Carina.

– É. Tipo misticismo, tipo... – o carateca quis explicar.

– Tipo Saci Pererê? – sugeriu o Moleque seriamente.

– Tipo isso. – Ele confirmou.

– Então o Saci Pererê visitou os políticos e fazendeiros... – Dimitri tentou concluir controlando-se para não rir.

– O Saci não. Mas outros aí da turma dele... É, sério, cara! Por isso que eu disse que só tem doido aqui. Eles estavam acreditando na parada toda!

– Da turma do Saci tipo a Cuca e a Mula-sem-cabeça? – arriscou o nerd.

– Por aí... Vou ver se lembro os nomes... – Fez um gesto com a mão para que esperassem e depois levou-a à cabeça como quem faz esforço para pensar. – Uma cobra..., um lobo..., o cu...

– Ih! Isso não vai prestar! – zombou a jornalista.

– Pera! Eu gravei algumas conversas no celular... Sabia que não ia lembrar de tanto nome esquisito! – disse irritado. Em seguida colocou o celular para reproduzir o áudio que gravou. Todos ouviram atentos. Balançavam a cabeça negativamente vez por outra em sinal de incredulidade.

Quando o áudio terminou, Dimitri resumiu os seres míticos que faziam parte da lista: o Curupira, a mulher do táxi, a Cobra de Fogo, o Matinta Pereira e o Capelobo.

– Isso aí. E vocês não vão acreditar, mas agora há pouco, quando cheguei ao hotel, tinha uma senhorinha dando entrada aí porque voltou da estrada morrendo de medo. Ela disse que viu Ma-pin-gua-ri – falou o nome devagar, tentando se lembrar dele corretamente.

– Eu tô meio perdida aqui... Folclore não é muito a minha, então... O que

são todos esses... monstros? Personagens?

Para responder à pergunta de Carina, Tarcísio foi fazendo a pesquisa na Internet e leu a história e características de cada um dos mitos. Por fim, estava lendo sobre o Mapinguari:

– Ele tem pelos negros pelo corpo, um olho só no meio da testa e uma boca enorme que vai até a barriga e sua armadura é feita de couro de jacaré...

– A dona disse que era de tartaruga... – corrigiu Willian.

– Um tartaruga ninja? Será que é o Donatello, o Michelangelo, o Leonardo ou o Rafael? – Dimitri fez o comentário jocoso rindo, porque não aguentou tanta informação absurda.

– É, sério, cara. A dona que disse. Se ela é maluca, essa doença é contagiosa aqui nesta cidade. É claro que eu não acredito nessas bobagens, mas se eles acreditam, pode não ser o que eles acham, mas alguma coisa está acontecendo...

– Só que não viemos pra cá para cobrir alucinações coletivas, estamos atrás de um problema muito mais sério: trabalho escravo. Sobre isso, você escutou alguma coisa? – inquiriu Dimitri.

– Não – confessou Willian de mau humor.

– Então, o melhor que temos até agora é o mapa da freira e possíveis informações com a professorinha. Liguem para ela e marquem na igreja. Acho que é o melhor lugar – coordenou Dimitri. – E, Tarcísio, também precisamos achar o tal Jonathan Melo. Ele disse que não o encontraríamos, que ele entraria em contato, mas até agora nada.

15 - Festa de igreja

A professora Maria Eulália não concordou em conversar com o grupo de documentaristas na igreja no dia seguinte. Como a Irmã Aparecida estava envolvida com os preparativos para a festa de Santo Agostinho na sexta-feira, dia 28 de agosto e faltavam apenas dois dias, a igreja estaria cheia de senhoras da cidade ajudando na decoração, organização etc. A festa seria uma tradicional festa de igreja, na praça, em frente à igreja de Santo Agostinho, tomando também as ruas laterais e boa parte do pátio. Havia muito o que fazer, como enfeitar tudo com bandeirinhas e nisso os homens também ajudariam, e os preparativos para as barraquinhas. Recolher fundos para a igreja e caridade eram o principal objetivo, mas manter a tradição parecia ser o que contava para todos aqueles voluntários. Mesmo sem um padre para rezar a missa, teriam a quermesse.

A Irmã Aparecida parecia incansável em seu hábito muito quente para os dias mornos de Recanto Sereno. Pela primeira vez, pôde ser vista fora da reclusão da casa paroquial, zanzando pela cidade, percorrendo os armazéns, mercados e demais casas de comércio em busca de donativos e ajuda para realizar a festa. A opinião sobre a freira parecia ser unânime: era a criatura mais estranha e feia que já haviam visto por ali.

No entanto, todos pareciam felizes em ter sua festa de Santo Agostinho. O sumiço de dois padres, um pouco tempo depois do outro, tinha deixado um vazio no lugar e uma sensação de mau agouro, como se a cidade tivesse cometido um grande pecado e estivesse de certo modo amaldiçoada. Não ter a tradicional festa contribuiria para intensificar aquela péssima sensação, como se eles não fossem mais dignos de receber as bênçãos do santo. Talvez por isso a população em geral estivesse tão solícita, tão disposta a cooperar, tanto em trabalho como em ajuda financeira. Irmã Aparecida não se fez de rogada e aceitou tudo de bom grado.

A própria professora Maria Eulália ajudou no que pôde após seus horários de aula. Acabou marcando com Joice, ou Carina, na própria festa. Todos estariam lá e seria fácil conversarem no meio de todos, sem que houvesse suspeitas.

Entretanto, Dimitri e seus colaboradores não podiam ficar esperando aquela conversa para dar o próximo passo e decidiram explorar o território indicado no mapa naqueles dois dias. No dia anterior Dimitri tinha alugado um carro com tração nas rodas para que enfrentassem as estradinhas de terra até onde

pudessem, antes de chegar ao trecho de mata que teriam que percorrer a pé. Levaram suprimentos e água e saíram cedo. Quase metade do dia se passou antes de chegarem ao trecho de risco na mata, onde o mapa indicava que ficariam os acampamentos.

Com binóculos, Carina viu homens armados de fuzis montando guarda e fez um sinal e sussurrou para que todos se abaixassem ou se escondessem. Embora ainda estivessem longe, se os homens usassem binóculos como ela fez, logo os veriam. Ela passou os binóculos para Dimitri. Ele fez o mesmo e passou os binóculos adiante para Willian, que por fim passou para Tarcísio. Todos viram o que ela sinalizava.

Moleque suava em demasia e dominava o medo a muito custo. Ao contrário de seus colegas, ele não tinha nenhuma experiência em situações de risco.

– O que vamos fazer, Dimitri? – perguntou Carina.

Dimitri abaixou a cabeça e pensou por um instante.

– Primeiro, Willian vai fazer imagens daqui com o zoom da câmera. Precisamos filmar aqueles homens armados.

Willian nem esperou por mais palavras, começou a filmar imediatamente.

– Eu e você, Carina, vamos até lá.

– Com a cara e a coragem? – indagou a ex-loira.

– Com a cara e a coragem. Vamos bancar os desavisados e ver o quão grave é a ameaça. Quero medir a hostilidade, sondar o terreno. Nós vamos com um celular ligado para gravar o áudio, se eles nos ameaçarem, quero tudo gravado. Depois damos um jeito de colocar o áudio com as imagens que Willian vai fazer.

– Mas isso... não é... muito arriscado? – Tarcísio estava muito nervoso.

– É o que fazemos, Tarcísio. Talvez eu não devesse ter trazido você...

– Eu tô legal! – argumentou o jovem. – Mas estou preocupado com vocês. E se eles simplesmente atirarem em vocês?

– É um risco que vamos correr – afirmou Carina sem titubear. – Olha, querido, na minha doutrina, eu acredito que todos temos uma data de validade aqui e só morremos quando chega nossa hora... Quando nos arriscamos, isso pode ser antecipado e pode até ser considerado suicídio. Mas se o que fazemos é importante e pode ajudar alguém, então não é suicídio. Porque alguém tem que fazer alguma coisa. Se atirarem na gente e morrermos, te peço duas coisas: primeiro, reze por nossas almas; segundo, coloquem a boca no trombone e denunciem isso aqui, veiculem as imagens, chamem a Polícia Federal e o escambau, tá?

O olhar de Dimitri era de reflexão. Sem dizer mais nada, os dois se afastaram, indo em direção ao perigo. Com uma câmera fotográfica, Carina ia tirando fotos como uma turista desavisada da mata e de tudo a sua volta. Dimitri

a acompanhava. Tarcísio havia ficado sem reação com as palavras de Carina.

– Doutrina? Que doutrina? O que ela quis dizer? Tipo uma religião? Eu achava que os dois eram ateus...

Willian não sabia se o rapaz falava consigo mesmo ou se perguntava a ele. De qualquer forma, resolveu responder. Sem deixar de filmar nenhum momento, desligou o áudio da câmera e disse para o rapaz:

– Carina é espírita. Há quatro anos ela perdeu o marido e a filha num acidente de carro. Recebeu carta deles num centro espírita, aquele negócio de psicografia, sabe?

– Caramba! Nunca pensei que ela acreditasse nessas coisas... Nem você.

– Não disse que acredito. Mas também não desacredito. Minha família era de umbanda. Apesar de o centro da Carina ser kardecista, bem diferente, a umbanda também crê em alguns dos mesmos princípios... Eu prefiro manter uma dúvida saudável. Respeito e dúvida.

– Puxa! Perder uma filha... o marido... Que barra! Ela parece tão jovem... Nunca pensei...

– É essa uma das coisas que o Espiritismo da Carina me ensinou: a gente nunca sabe o que o outro sofre por dentro, o que carrega de peso em sua vida, por isso, não devemos julgar. Ela corre para o perigo querendo abreviar sua vida, na esperança de que possa logo encontrar o Tiago e a Carol... mas ao mesmo tempo morre de medo de estar cometendo suicídio... Vai entender! Parece que não tem coisa pior para os espíritas que o suicídio...

Tarcísio ainda estava sob o efeito das palavras de Willian, quando deu uma nova olhada nos binóculos e viu que seus parceiros estavam quase lá.



– Parados aí! Levanta as mãos! – ordenaram os homens armados.

– Calma! Calma! Nós somos estudantes de uma universidade do Rio de Janeiro e viemos fazer uma pesquisa sobre os pássaros da região. Só estamos tirando umas fotos e pesquisando... – respondeu Dimitri com os braços levantados e mantendo a calma.

– Por que tudo isso? Aqui não é só mata? – perguntou Carina atrevidamente.

– É propriedade particular. Desse ponto não passa ninguém.

– E se nós falássemos com o proprietário? – arriscou Dimitri.

Em resposta, os homens empunharam as armas mais ostensivamente e as engatilharam.

– Ôoou! Tudo bem. Já entendemos, estamos indo – apaziguou Carina levantando também as mãos com um gesto de rendição.

Dimitri e Carina se afastaram andando de costas, ainda com medo, medo de dar as costas e levar uma bala por trás. Quando a certa distância, viraram-se e caminharam o mais rápido que puderam, resistindo ao impulso de correr. Ao chegarem ao local onde Willian e Tarcísio estavam, sinalizaram para que eles se afastassem ainda mais.

Quando acharam que estavam seguros para conversar, Dimitri expôs seu novo plano.

– Vamos contornar o perímetro todo do acampamento e ver se por todos os lados há guardas armados.

A tarde foi longa realizando aquela missão de selva. O que já esperavam se confirmou. A toda volta do acampamento, a certa distância, havia guardas, até mesmo pelo lado do rio. Os guardas estavam acampados de um e outro lado da margem. Não se arriscaram mais num confronto, mas Willian fez imagens de tudo e Tarcísio foi transmitindo tudo para o computador e fazendo o upload das imagens. Não foi fácil conseguir a conexão dali, mas fora para isso que o trouxeram. Se havia alguém capaz de fazer aquilo era ele. Buscou uma conexão por satélite e logo tudo estava a salvo. Precisavam pensar no pior. Se morressem ou tomassem sua câmera, precisavam ter tudo já devidamente em segurança.

No dia seguinte decidiram descansar e pensar em novas estratégias. Começavam a cogitar acionar a polícia federal. Não podiam invadir... Pelo menos não sabiam ainda como...

A sexta-feira chegou e com ela a festa de Santo Agostinho. Dimitri estava ansioso para conversar com a professora Maria Eulália e também com a Irmã Aparecida sobre sua incursão na mata, isto é, se ela tivesse tempo durante a festa.

Uma celebração religiosa, ainda que não uma missa, presidida pela freira na igreja deu início às festividades. Às 18 horas, quando terminou, a festa na praça e ruas começou. Havia uma pequena orquestra que se revezava com um DJ e as músicas tocadas eram predominantemente de festa junina, algum forró e alguns hinos católicos populares.

Havia barraquinhas de artigos religiosos, comidas típicas, pescaria, jogos de argola etc. As pessoas chegavam de todos os cantos com sorrisos largos e roupas novas. Dimitri, Carina, Tarcísio e Willian chegaram juntos, mas combinaram de se separar e observar tudo e todos. Carina e Tarcísio o chamariam assim que encontrassem a professora.

Dimitri ficou sozinho e inspirou o ar da noite. O lugar era bonito. Afastou-se da praça e foi em direção às margens do rio. Ainda não havia caminhado pelo píer e decidiu ir até a ponta dele. Soprava uma brisa fresca que fazia voar discretamente a saia do vestido de uma moça que estava parada lá, no fim do

pier. Ela estava de costas para ele. O vestido era branco com pequenas flores rosadas. Calçava sapatilhas. Seus cabelos ondulados e escuros também seguiam a direção do vento. Foi inevitável pensar nela: NÁDIA. Os cabelos lembravam os dela... Sentiu-se estranhamente atraído para aquela figura que o fazia lembrar a mulher amada e perdida.

Sem perceber caminhou até ela e parou a seu lado. O cabelo cobria-lhe boa parte do rosto, ainda obra do vento.

– É bonito aqui – comentou para iniciar uma conversa. Sim, queria falar com ela.

A estranha voltou o rosto para ele e com as mãos prendeu os cabelos rebeldes atrás das orelhas. Dimitri ficou absolutamente surpreso. Sentiu uma forte emoção e uma dor no peito. Estava confrangido. Era ela! Era? Não podia ser. Não podia ser sua Nádia!

– Nádia? – Ele precisava checar.

Ela soltou uma risadinha baixa e sorriu. Dentes lindos, rosto maravilhoso e exótico como o de Nádia. Era ela! Só podia ser. Era como se lembrava, não era? Um tantinho diferente... Podia ter mudado com o tempo...

– Deve estar me confundindo com outra pessoa...

– Você não é a Nádia? Jura? Você jura para mim que não é ela? – falou com a voz embargada, sentindo que lágrimas começavam a se formar em seus olhos. Ele podia senti-las já ardendo, implorando para rolar por sua face.

– Meu nome é Maria Eulália. E não conheço nenhuma Nádia. Desculpe – disse fazendo um movimento para se afastar, com a nítida intenção de ir embora. O comportamento dele a tinha assustado.

– Espera! Por favor! Você é a professora Maria Eulália? A que falou com meus colegas Ricardo e Joice?

Funcionou. Ela se voltou para ele e continuou ali.

– É, eu falei com eles na escola. Então você é o Daniel? Ou o João?

– Daniel – respondeu estendendo a mão para um cumprimento. Ela cedeu sua mão e Dimitri a apertou com emoções confusas. Olhando bem para ela agora via que não era Nádia. Porém, a moça lembrava em demasia a garota do circo. Até a voz era parecida. Aquilo o desorientava, pois se sentia atraído por ela, mas não sabia se era realmente por ela, Maria Eulália, ou pela sombra de Nádia e a lembrança despertada.

– Bem, então, quem é Nádia? – Ela perguntou curiosa.

– É... – Dimitri sentiu-se desconfortável com a pergunta. Apesar de falar para todos sobre ela, já que nunca foi do tipo de guardar tudo só para ele, não sabia se seria certo falar para a sósia dela... Ainda mais se ele estivesse interessado nela... E isso o torturava... Ele estava interessado nela? Ou no quanto

ela lembrava Nádia? – Nádia foi uma garota que eu conheci uma vez e que tentei encontrar por muito tempo e não consegui... Você parece com ela. – Foi honesto.

– Hum... Ainda procura por ela?

– Não. Eu desisti tem um tempo. – Não ia dizer que há bem pouco tempo, na verdade. – Está claro que ela não queria que eu a encontrasse...

– Que pena! Era sua namorada?

– Era.

Um silêncio se instalou por alguns instantes enquanto um sondava os olhos do outro. A atração estava ali, claro. Os dois podiam senti-la.

– E por que você queria falar comigo? – Ela mudou de assunto e deu um passo para trás.

– Ah, é. Como meus colegas devem ter te falado, estamos documentando a vida de pássaros da região, queremos nos aventurar na mata... e você disse alguma coisa sobre...

– Não é uma boa ideia. Pode ser perigoso.

– Por que, Maria Eulália?

– Meus amigos me chamam de Lália.

– Lália, por quê?

Ela se virou de costas para ele e parecia que estava considerando o peso do que ia dizer para ele ou se deveria dizer. Então finalmente se voltou para ele.

– Eu e meu pai sabemos... Existem acampamentos de trabalhadores escravos nessas matas. Homens armados... Eu tentei avisar os padres... eles não me ouviram. Eram muito corajosos. Acharam que sendo padres, sei lá, fossem como super-heróis...

– As pessoas sabem e ninguém faz nada?

– Sabe, esta cidade já foi uma imensa aldeia indígena. Houve um massacre de índios e os brancos fizeram daqui seu “Recanto Sereno”, isso por volta do século XVII. Diz a história que os índios que sobreviveram e que foram feitos de escravos amaldiçoaram a cidade, logo depois eles se mataram. Não é um início muito glorioso para um lugar, não é?

– Quase todas as cidades do mundo foram construídas em cima de sangue – falou Dimitri não entendendo aonde ela queria chegar com aquela história.

– Mas muitas se libertam da energia negativa que ficou. Aqui não. Parece que tem sempre alguma coisa podre, muito palha, que só está esperando para vir à tona.

– O seu pai...

– Ele não tem nada a ver com isso – afirmou categórica. – Ele é médico. Só que ele já foi obrigado a ir a um desses acampamentos fazer partos das mulheres... Não podemos fazer nada senão nos matam. Eu tenho mais medo pelo

meu pai. Já falei para ele para irmos embora dessa cidade, mas... ele não quer. Ele diz que está velho demais para se mudar e prefere ficar aqui e ajudar no que pode. Tem um monte de gente pobre que precisa de médico. Eu tento fazer o mesmo na escola. O único jeito de mudar esse país e todas as mazelas é mudando a mente das pessoas. E isso, só a educação pode fazer.

– Eu lamento.

– Só estou avisando vocês para vocês não se embrenharem demais na mata. Se virem gente armada, voltem. Eles atiram mesmo.

– Obrigado – falou segurando as duas mãos dela. Naquele momento a orquestra na praça começou a tocar “Asa Branca”. Apesar de não ser uma música romântica, era melodiosa o suficiente para uma dança e Dimitri não quis perder a oportunidade.

– Vamos dançar? – convidou, puxando-a pelo braço.

A resposta da moça foi um sorriso e eles praticamente correram para o centro da praça onde os casais dançavam. Emendaram “Asa Branca” com “Xote das meninas” (Ela só quer/ Só pensa em namorar/ Ela só quer/ Só pensa em namorar...) e “Eu só quero um Xodó” (Eu só quero um amor/ Que acabe o meu sofrer/ Um xodó pra mim/ Do meu jeito assim/ Que alegre o meu viver...) todas do inigualável Luiz Gonzaga.

Enquanto os dois dançavam, Carina e Tarcísio apreciavam a culinária local provando dos quitutes das barraquinhas. A jornalista avistou Dimitri dançando com a professora. Estranhou. Depois olhou para Tarcísio. Sabia que o rapaz tinha se encantado com a moça e que não ia gostar de ver a cena. Mas às vezes é preciso um choque de realidade.

– É, parece que Dimitri encontrou sozinho a professorinha.

Não foi preciso dizer mais nada. Tarcísio acompanhou o olhar da amiga e chegou até o casal que dançava. A reação dele foi diferente do que esperava, em vez de sair dali chateado e sumir, provavelmente voltar para o quarto de hotel e para seu computador, o rapaz bebeu o último gole de seu refrigerante, jogou a latinha na lixeira da barraca mais próxima e foi para o local com uma decisão que Carina julgou estar cheia de testosterona.

Ele tocou no ombro de Dimitri e olhou profundamente para Maria Eulália. Ela sorriu para ele. Parecia feliz em trocar de par. Dimitri ficou surpreso e cedeu. Afastou-se e se juntou a Carina.

– Mas o que foi isso? – queixou-se emburrado.

– Você esqueceu que eu disse que o Moleque ficou apaixonado pela professorinha?

– Ah, é. É que eu ainda tô ligando ela à professora...

– Que vacilo, Dimitri! Com tanta garota bonita, você vai dar em cima da

paquera do Moleque! Ele viu primeiro!

– Foi sem querer... Ela lembra... Ela parece com ela.

– Ela? Ela quem? A tal?

– É. Ela é a cara da Nádia. Eu até cheguei a pensar que era ela. Deixa eu te mostrar. – Ele pegou o celular e colocou na única foto que tinha de Nádia. Carina observou a foto e depois olhou para a professora.

– Impressionante! MUITÍSSIMO parecidas! Será que são parentes?

– Acho que não. Deve ser só coincidência. Pelo menos agora que você concorda comigo, sei que não é só a minha imaginação me pregando peças.

– Dizem que todo mundo tem um sósia por aí... Mas olha. – Ela mostrou algo no retrato. – A Nádia tem a boca menor, vê? Aqui, as sobrancelhas também são... sei lá. Não é a mesma, mas parece pra caramba.

– Então você entende porque eu não vou poder deixar o caminho livre para o Moleque?

– Pera aí! Você está falando sério? Vai mesmo disputar a garota com o pobre do rapaz?

– Há sete anos não me interessa por ninguém assim... Eu não posso simplesmente ignorar isso. Eu vou conversar com Moleque.

– Eita! A coisa tá interessante! Mais aventuras que o esperado... Triângulo amoroso à vista!

– Por que você não circula um pouco e arruma um carinho pra você?

– Você sabe que eu não arrumo carinhas! – falou a moça séria e magoada.

– Desculpa, Carina. Eu esqueci. Mas talvez esteja na hora de você seguir em frente.

– E você sabe que eu não sigo em frente! O Tiago está me esperando. O nosso amor é eterno! Eu não preciso de distrações – terminou girando nos calcanhares e se afastando por completo até sumir na multidão.

Dimitri se sentiu mal. Por Carina e por Tarcísio. Procurou Tarcísio e a professora. Não estavam mais dançando. Sentados num banco riam e conversavam animadamente. Pareciam se entender muito bem. Mas poderia ser só amizade. De qualquer forma, não tinha o direito de interromper. Foi nesse momento que viu a Irmã Aparecida entrar na igreja. Até então ela estava de lá para cá auxiliando em tudo. Será que estaria cansada? Já teria ido se recolher? Sentiu vontade de ir até lá e conversar com ela. Mas não era o momento. A pobre idosa devia estar exausta. Decidiu comer alguma coisa e partiu para a degustação das delícias das barracas. Começaria com uma espiga de milho verde cozido.

Mastigou seu milho devagar e confrontou o rosto da professora Maria Eulália com o de sua querida Nádia... e foi tomado pelas lembranças.

– *Você não tem medo?* – *perguntou certa vez a Nádia, depois do*

espetáculo. – Você faz coisas tão perigosas...

Ela havia dado vários saltos mortais em meio a um número que envolvia luta, dança e facas com Tito.

– Não. Eu adoro tudo que faço no circo.

– Então nunca sentiu medo?

– Já – falou com o pensamento distante. – Mas no circo não. Aqui estou entre amigos...

– Mas eu fico com medo por você... de você se machucar. Fico querendo te resgatar, te pegar em meus braços e nunca mais deixar você se arriscar... – concluiu e a envolveu em seus braços, com o desejo de que ela ali ficasse para sempre. Temia sim, muito mais, que ela saísse de sua vida.

Dimitri fechou os olhos para se entregar àquelas lembranças e conseguiu reviver o aconchego e sentir o cheiro daquele abraço. Será que um novo amor o faria se esquecer de tudo? A semelhança de Maria Eulália, a Lália, com Nádia, seria o suficiente para lhe despertar os mesmos sentimentos? E assim se deixou levar pelas memórias por um tempo, num doce devaneio.



Um pouco mais tarde, Dimitri encontrou Tarcísio circulando pela praça como que à procura de alguém. Foi ao seu encontro.

– O que houve? Perdeu-se da professora?

– Eu fui ao banheiro e quando voltei... Não vejo a Lália em lugar algum...

Ambos percorreram o lugar com os olhos num giro de 180°, depois se viraram e completaram 360°. Dimitri identificou-a a distância por causa do vestido. Ela estava no píer... dançando com um homem que usava terno branco e um chapéu, da mesma cor, caído sobre a testa, cobrindo metade de seu rosto.

Mais uma de Luiz Gonzaga era tocada: “Vem, morena”. (Vem, morena, pros meus braços/ Vem, morena, vem dançar/ Quero ver tu requebrando/ Quero ver tu requebrar/ Quero ver tu remexendo...)

Dimitri sentiu que algo estava errado. A moça não podia ser tão volúvel. Dançou com ele, depois com o Moleque e agora, outro cara... Ou ela não levava nem ele nem seu amigo a sério ou ela...

– Lá, olha – disse mostrando com o braço estendido na direção em que a vira para o amigo. Pôde ver a decepção no rosto do rapaz, talvez até maior que a sua própria.

Ficaram lá parados vendo-a dançar com o estranho. Quando a música mudou, o estranho estendeu a mão para ela e ela a aceitou. Ele começou a guiá-la para fora do píer em direção às margens do rio. Alguma coisa estava errada. Lália parecia dopada, algo no seu andar lembrava um zumbi. Dimitri seguiu seus

instintos.

– Tarcísio! Corre! Vamos lá! Acho que o cara drogou ela e... – A cena que viu naquele instante lhe deu a certeza de que estava certo. O homem a estava levando para dentro d’água e ela não parecia ter consciência daquilo.

Os dois correram feito loucos. Quando chegavam à margem, alguém gritou do outro lado:

– Valha-me, meu Santo Agostinho! Que o moço de chapéu é o boto! BOTO! BOTO! BOTO!

Logo uma pequena multidão se deslocava para o lugar. Dimitri nem teve tempo, Tarcísio se atirou às águas do rio e nadou na direção do dito “Boto” que nadava arrastando a moça. Ganhando fôlego gritou o nome dela “Maria Eulália” e, naquele momento, o moço do chapéu, objeto que estranhamente não havia se soltado dele nem na água, olhou para a moça e pareceu levar um susto. Logo Moleque estava de frente para ele e já segurando Lália. O Boto fez um sinal afirmativo com a cabeça e soltou-a para que Tarcísio a levasse. O homem misterioso mergulhou e sumiu.

A multidão crescia e com ela Willian e Carina se aproximavam. O homem que gritara “Boto” continuava a falar sem parar para todos que chegavam que era o Boto. Que ele seduzira e levara a garota para a água como na lenda. Que vestia chapéu e roupa branca. Era o Boto com certeza... em dia de festa de...

– Mas a lenda diz que o Boto seduz mulher na festa de São João... – racionalizou uma mulher.

– Que importa se a festa é de São João ou festa de Santo Agostinho? Vocês não viram o que aconteceu? – falou outra mulher bem exaltada.

– Esta cidade está amaldiçoada! – gritou um homem parecendo meio bêbado.

– Todas as coisas sobrenaturais estão acontecendo aqui...

– É mesmo! O Capelobo, a Boitatá, o Mapinguari, a mulher do táxi...

– A Matinta Pereira!

– O Boto!

A discussão se estendia enquanto Tarcísio fazia a massagem cardíaca e a respiração boca a boca em Lália. Dimitri passava a mão pelos cabelos nervosamente. Ela respirava, mas ainda estava inconsciente. Nada indicava que tivesse se afogado, o Boto a arrastara com o rosto acima da água, mas Dimitri não se arriscaria a dizer aquilo a Tarcísio. Por via das dúvidas deviam tentar de tudo. O pai dela, um homem na casa dos cinquenta anos com aparência incrivelmente jovem, chegou ao local com uma ambulância. Identificou-se, perguntou o que ocorrera enquanto os enfermeiros a colocavam na ambulância. Tarcísio quis ir junto, mas o pai da moça agradeceu pelo salvamento, mas disse

que cuidaria da filha a partir dali. Eles poderiam vê-la depois.

A multidão se dispersou. A festa foi acabando aos poucos. Tarcísio ainda pingava encharcado, mas parecia desolado demais para se mexer.

– Vamos, Tarcísio – falou Dimitri colocando a mão em seu ombro.

– O que aconteceu aqui? – indagou Willian.

– Um homem arrastou a professora Maria Eulália para dentro do rio – explicou Dimitri.

– Arrastou? À força? – interrogou Carina.

– Seduzida – disse Dimitri.

– Drogada – corrigiu Tarcísio irritado.

– E o povo diz que foi o Boto – completou Dimitri jocosamente.

– Ih! De novo esse negócio de folclore virando realidade aqui nessa cidade... Isso é muito esquisito – comentou Willian.

– É, acho que temos que levar mais a sério as lendas e dar uma sondada. O tema vale um outro documentário... – concluiu Dimitri.

16 - A Iara

Após a festa, o grupo se reuniu novamente no hotel para conversar sobre o estranho acontecimento no píer.

– Eu disse que tinha uma coisa estranha nesta cidade... Essa coisa de folclore aqui é muito forte. O pessoal tá pirando... – comentou Willian.

– É, mas parece que alguém ou alguma coisa está fazendo eles pirarem. Todo mundo viu o cara de terno branco que sumiu na água – falou Dimitri muito sério e preocupado.

– Exatamente como na lenda do boto... – lembrou Tarcísio, já olhando para sua tela de computador com todas as informações disponíveis sobre a figura mítica.

– Bem, de duas uma: ou era realmente o Boto... ou alguém se deu ao trabalho de fazer uma encenação e tanto! – contemporizou Carina.

– Isso mesmo. O povo daqui é supersticioso e ouve essas histórias desde criança. Estão mais suscetíveis a acreditar. Mas nós só podemos concluir que se trata de uma farsa. Alguém que quer assustar o povo daqui – concluiu Dimitri.

– Mas as histórias que eles contaram diziam sobre os monstros estarem ameaçando pessoas em especial, cartas marcadas: os poderosos da cidade. Justamente os prováveis envolvidos no nosso caso de trabalho escravo. E a ameaça, que dizia que o Anjo Vingador está chegando, também era um aviso.. Seja o que for, vai atrás deles – sustentou Willian.

– Espera aí, cara! Você quer dizer que a Lália está envolvida com o lance do trabalho escravo? Isso é absurdo! Então, por que o Boto foi atacar justo ela? – reclamou Tarcísio.

– Por causa do pai dela – concluiu Dimitri muito sério e com ar pensativo. – O pai dela é médico. Ela me disse que ele vai aos acampamentos para cuidar de doentes e fazer partos. Mas ele é apenas um joguete nas mãos dos poderosos.

– E o tal vingador quer descontar logo na Lália? – Tarcísio era pura revolta.

– Acho que sim. Ele quis de alguma forma atingir o pai dela... – continuou Dimitri. – Mas... algo mudou. Ele não a afogou, podia ter feito, mas ele a entregou a você – falou olhando para Tarcísio. – Fez um sinal com a cabeça que estava cedendo e soltou. Como se tivesse visto alguma coisa nela...

– Viu que ela era inocente! – arriscou Carina.

– Calma aí! Isso quer dizer que estamos acreditando nessa história de Anjo Vingador? – Willian quis confirmar.

– Acho que alguém quer que todos acreditem. E que depois do show na

praça, muitos estão acreditando... – racionalizou Dimitri.

– Que doideira! Aonde viemos nos meter! – exclamou Carina.

– Tem mais alguém além de nós querendo fazer justiça pelos trabalhadores explorados – acrescentou Willian.

– Exatamente, Willian! Agora não sei se essa pessoa ou grupo pode ser um aliado ou inimigo... Mas com certeza essa história tem que entrar no nosso documentário!

– Então acho que as imagens do episódio na praça vão interessar, né? Já estou fazendo o download do vídeo... – anunciou Tarcísio sem levantar os olhos da tela do notebook.

– Pera! Que vídeo? – interrogou Carina.

– O que o “Jonas Teleco” postou no facebook há... uns vinte minutos?

– Tinha gente filmando lá com celular... Eu vi. – Carina corroborou com a informação de Tarcísio.

– Deixa eu ver isso – pediu Dimitri se movimentando para perto do rapaz. – Olha isso, gente. Procuramos por um sujeito jovem e bem magro. E ali, olha. O momento em que ele solta a Lália. Parece que levou um susto...

– Estranho... – soltou Carina.

– É, mas e os outros monstros? Procuramos também um com pele de tartaruga, um com cabelo vermelho, outro com aparência de cobra? – zombou Willian.

– São fantasias. Só pode ser – sugeriu Dimitri.

– Aqui na cidade não tem nenhuma loja de fantasias... – afirmou Willian.

– Acho que nenhuma vende esse tipo de fantasia, nem com tanta perfeição... Para ser tão convincente, tem que ser coisa profissional, tipo de cinema... – disse Dimitri enquanto raciocinava.

– E tem que ter vindo de fora... Alguém que veio de fora! – opinou Carina.

– Legal! Estou me sentindo na turma do Scooby! Pessoas andando por aí com máscaras para assustar... Genial! – divagou o hacker antes de se concentrar no problema em questão. – Alguém que veio de fora... Certo! Podemos procurar quem são os moradores mais recentes – sugestionou Tarcísio, enquanto já iniciava sua pesquisa. – É... Os últimos estão aqui há uns dois anos...

– Quem veio para cá para fazer isso, não ia esperar tanto tempo, né? – raciocinou Carina.

– Mas por que alguém de fora se importaria com o que acontece aqui? Isso parece coisa de vingança. Alguém que é daqui e quer dar um basta – opinou Willian.

– Tem razão, Willian. Então, para ter essas roupas... Hum. Alguém que era daqui e esteve um tempo fora.

- Isso vai dar trabalho... – anunciou Tarcísio.
- Quanto tempo? – perguntou Carina.
- Vinte minutos – respondeu o nerd.
- Deixando um pouco essa história de vingador folclórico pra lá, Dimitri, como ficamos com o acampamento armado? Temos que decidir nossos próximos passos. Não podemos ficar aqui com medo sem fazer nada – colocou-se Willian.
- Concordo – respondeu Carina.
- Eu posso! – falou Tarcísio levantando o braço de forma marota. – Eu posso ficar aqui e não estarei à toa. Definitivamente não estou ansioso para voltar ao acampamento na floresta.
- Antes de tomarmos qualquer decisão, quero falar com a Irmã Aparecida novamente. Acho que ela sabe mais do que me contou. E quero saber por que ela me deu o mapa e não nos avisou sobre os guardas armados. Também acho que deveríamos visitar a Lália e ver se ela pode nos dizer algo que ajude a esclarecer o episódio do Boto.
- Vamos todos juntos. Nada de separar. Nós também queremos avaliar essa freira. Tem muita coisa esquisita acontecendo e não podemos confiar em ninguém – falou Carina com decisão.
- É melhor esperar pelo domingo. Hoje a praça e a igreja vão estar cheias de gente desmontando e limpando as coisas da festa. Muita gente vai acordar tarde e depois a praça vai ficar movimentada. Amanhã eu vou fazer umas ligações, conversar com meus contatos da emissora a respeito de nosso furo jornalístico aqui e começar a negociar as transmissões e o documentário. E a gente tenta saber se a Lália já saiu do hospital. No domingo de manhã a gente tenta resolver tudo isso.



No dia seguinte, o sábado, ainda com os últimos raios da tarde, no rio que cortava a mata, Renato se esgueirava por sobre as pedras.

Ele estava em seu posto de guarda, quando escutou um canto. A voz era de mulher. Ele e seu colega de guarda se entreolharam com estranhamento. Renato se prontificou a ir verificar. Afinal, uma voz doce devia pertencer a uma mocinha, talvez bela... Cheio das piores intenções, caminhou até o local e viu a figura espetacular de uma mulher sereia. Esfregou os olhos a fim de dissipar uma possível alucinação. Mas ela ainda estava lá. Bela e exuberante, a figura mítica o encheu de medo e fascinação. Os cabelos longos e pretos cobriam os seios que ele adivinhava estarem desnudos e aquilo o moveu para as pedras. Queria alcançá-la e tomá-la para si. O rosto belo o convidava com um sorriso e o brilho de pedras das joias que ela usava em forma de tiara e pulseiras o cegavam de

desejo e cobiça.

Ela continuava cantando e com um gesto de dedos e mão o chamava. Quando ele, com água na cintura, finalmente se pôs ao lado da pedra onde ela estava, ergueu suas mãos para tocá-la. Não completou seu intento, entretanto. Num rápido movimento das mãos, a mulher-peixe golpeou-o no pescoço fortemente e em seguida o derrubou completamente na água. Logo que ele emergiu furioso e ainda surpreso, viu-se imobilizado e forçado a mergulhar a cabeça na água. Ela o afogava!

Meia hora depois, quando seu colega de guarda resolveu procurá-lo, chegou ao rio e só encontrou as roupas dele sobre uma pedra onde havia também um espelho de mão dourado.

17 - Plano audacioso

Como a Irmã Aparecida estava fazendo as orações da manhã com um grupo de pessoas na igreja, uma espécie de substituição para a missa de domingo, eles tiveram que esperar. Optaram por esperar na praça em frente à igreja.

Olhavam para o píer e o rio que na véspera haviam sido palco para um show bizarro, quando viram uma cena também incomum. Um homem só de cueca, amarrado a uma balsa de madeira que acabara de encalhar na margem do rio gemia e choramingava.

O grupo correu para lá, assim como outros curiosos. Willian foi quem o desamarrou e o levantou. O homem, porém, não conseguia se sustentar de pé e logo foi posto sentado na areia da beira do rio.

– Quem fez isso com você? – Willian perguntou enquanto todos reparavam nos machucados do homem. Ele parecia ter levado uma surra.

– A Iara... – falou num fiapo de voz.

– Quem? – perguntou Dimitri para confirmar o que acabava de ouvir.

– A Iara...

– Acho que é outra do folclore – deduziu Carina. – Não é a Mãe d'água? A sereia brasileira?

O homem confirmou com a cabeça.

– Ela me atraiu... Eu...

– Por quê? – perguntou uma pessoa do grupo de curiosos.

O homem não respondeu. Ao invés de falar, começou a chorar e balbuciar coisas sem sentido. Parecia louco.

Logo chegou a polícia e o levou para interrogatório.

– Ele viu uma mulher... – deduziu Carina.

– Das fortes e brabas... – ajuntou Willian. – Fez um estrago nele.

– Teorias, Dimitri? – questionou Tarcísio.

– Outro homem mau ligado ao acampamento de trabalhadores escravos. – Foi sua resposta.

– Sei que posso soar como doido, mas se cogitássemos por um minuto que há mesmo alguma coisa sobrenatural... – sugeriu Tarcísio receoso, fazendo com que seus colegas o encarassem. Por alguns instantes seus rostos sugeriram que realmente pensaram na hipótese. Contudo, em seguida, suas mentes racionais recusaram a ideia e balançaram a cabeça negativamente com risadinhas de incredulidade.

– Bem pensado, Moleque! Isso daria um ótimo documentário: o do enterro de nossas carreiras como profissionais sérios do jornalismo – disse Dimitri com sarcasmo.

– Acho que a reza terminou. Olha, as pessoas estão saindo da igreja – avisou Willian.

– Então vamos lá! – comandou o repórter.

Assim que os últimos deixaram a igreja, Dimitri e seus colegas entraram. A Irmã Aparecida recolhia as folhas de liturgia, um terço e uma Bíblia do altar. Ao vê-los, ela deixou os objetos e foi ter com eles.

– Bom dia, sejam bem-vindos. Só que as orações acabaram agora...

– Não viemos para rezar, Irmã – disse Dimitri.

– Imaginei que não – respondeu a religiosa com um sorriso de quem entendia tudo. – Venham, vamos até o meu escritório.

Ela os conduziu até o mesmo local onde havia se reunido com Dimitri pela primeira vez. Lá ela os fez se sentarem em cadeiras de madeira acolchoadas, antigas e luxuosas e se sentou por trás da mesa.

– Em que posso ajudá-los?

– Irmã, esses são Joice, João e Ricardo.

Cada um deles se levantou e apertou a mão da senhora, retornando em seguida a seus lugares.

– Nós estivemos na floresta. Usamos o seu mapa.

– E?

– Eles têm guardas armados. Ficou meio difícil nos aproximar.

– Eu sei.

– Por que não me contou?

– Eu lhe disse que era perigoso. – Ela falou enfatizando o “perigoso”.

– Pois então, agora precisamos pensar no próximo passo.

– Vocês não podem fazer nada mais sem arriscar suas vidas. Infelizmente só uma solução armada resolveria.

– É estranho ouvir uma freira falar uma coisa assim – comentou Carina.

– É uma realidade – desculpou-se a Irmã.

– Precisamos entrar no acampamento. Temos que filmar lá dentro. Caso contrário, não temos documentário! – afirmou Dimitri.

– Não tenho como ajudar. Ninguém pode entrar lá dentro.

– O pai da Maria Eulália pode – lembrou Tarcísio.

– É a moça que quase se afogou na festa, não é? – Quis saber a Irmã.

– É. É ela.

– O que vocês sabem sobre ela e o pai? – perguntou a religiosa estranhamente ansiosa.

– Nada de mais. Só que o pai dela é médico. E ele já foi atender pessoas no acampamento. Ele não teve escolha, não faz parte do esquema – Dimitri respondeu.

– Eu estou tendo uma ideia muito louca... – falou Carina com um sorrisinho matreiro. Ninguém perguntou, mas os olhares interrogativos a incentivaram a continuar e revelar seu plano. – Eu poderia me passar por enfermeira do doutor, levar nossa câmera espiã e fazer umas imagens de dentro.

– Muito perigoso – ponderou Tarcísio.

– E pra isso, precisaríamos da ajuda do doutor. Acho difícil... – resmungou Willian.

– Pode funcionar – disse a freira para a surpresa de todos. – Claro que é arriscado. Mas se foi isso que vieram fazer aqui...

Dimitri parecia considerar a ideia. Ficou calado e pensativo por alguns instantes.

– A gente pensa sobre isso depois – comunicou. – Irmã, eu estive pensando... A senhora concordaria em dar um depoimento para o nosso documentário? Falando sobre o sumiço dos padres, que acredita que eles foram assassinados? De como soube do acampamento...

– Não – respondeu firme interrompendo o restante da colocação do rapaz.

– Mas...

– Eu não posso – afirmou categórica.

– Entendo, a Igreja não permite...

– Eu não posso.

– Ok, a gente entendeu. Então, mais alguma coisa que devemos saber? A senhora pode nos ajudar de alguma outra forma? – Ele insistiu.

– Não no momento. Mas, me digam: como está a moça?

– Maria Eulália? – checkou Dimitri.

– É, como ela está? Está bem? – perguntou, parecendo bastante preocupada.

– Não sabemos ainda – falou Tarcísio num tom de aflição. Inclusive devíamos ir agora até a casa do doutor para ver isso.

– Vocês vão lá?

– Não que tenhamos sido convidados... – murmurou Carina.

– Será que eu poderia ir com vocês?

Diante do estranhamento do grupo a freira se apressou em justificar:

– Aquilo aconteceu na festa que eu organizei! Me sinto um pouco responsável...

– Tudo bem. Vamos então? – comandou Dimitri.



Doutor Helênio Fagundes não esperava visitas àquela hora da manhã. Não era nada comum e ele esperava que não fosse nenhuma emergência médica. Há tempos tentava convencer as pessoas de que ele não trabalhava aos domingos, para isso havia a emergência do hospital municipal. Mas o costume de ser gentil e querer ajudar sempre acabava arruinando seu pouco descanso semanal.

Quando chegou ao portão deparou-se com um grupo de estranhos e com a freira da cidade. Lembrou-se vagamente de ter visto alguns deles lá na festa, quando ocorreu o incidente com Lália. E um deles ele reconheceu como o salvador da filha. O rapaz que a tirou das mãos do suposto “Boto”. Foi a ele que ele se dirigiu primeiro.

– Você deve ser o Ricardo – falou estendendo a mão para um cumprimento que logo se seguiu. – Disseram que foi você que a tirou das mãos daquele homem estranho que queria afogar minha menina. Minha filha me falou sobre você também. Ela queria mesmo agradecer. Vamos entrar.

O grupo seguiu o anfitrião pela porta da frente, liderados por Tarcísio. A sala era grande, mas simples. Carina, Dimitri e Willian se acomodaram num sofá. A Irmã sentou-se numa cadeira e Tarcísio permaneceu de pé.

– Obrigado por nos receber, doutor... – iniciou Tarcísio.

– Helênio.

– Estes são meus colegas João, o professor do projeto, Daniel e Joice. – Helênio foi inclinando-se para cumprimentar todos com um aperto de mão. – E a Irmã Aparecida também veio para ver como a Maria Eulália está. – Ele pegou ambas as mãos da religiosa com delicadeza e apertou num cumprimento caloroso.

– A Lália acordou tarde hoje e está tomando banho – informou. – Ela está bem. Graças a você. Muito obrigado, meu jovem! Eu não tenho nem palavras nem meios... Não sei como agradecer...

– Imagina. Eu tinha que fazer alguma coisa. Qualquer um podia ter feito o que eu fiz...

– Mas foi você. Obrigado.

Tarcísio respondeu com um sorriso tímido e um aceno positivo de cabeça.

– O que foi que houve com ela, doutor? – perguntou Dimitri.

– O exame toxicológico no hospital indicou flunitrazepam, ácido gama hidroxibutírico (GHB) e cetamina. Um clássico “Boa noite, Cinderela”.

Todos soltaram exclamações e interjeições de lamento e surpresa, embora aquilo fosse exatamente o que esperavam.

– O mais estranho é que ela disse que a única bebida que tomou, um refrigerante, foi servida pela nossa Irmã Aparecida aí...

– O senhor certamente não está sugerindo...

– Claro que não, Irmã. Imagine! O que estou dizendo é que alguém colocou as substâncias depois ou diretamente dentro da garrafa do refrigerante – falou bem intrigado.

– Eu estava com ela quando pegamos o refrigerante... – disse Tarcísio. – Só que ela quis guaraná e eu preferi um de uva. Depois não foi, a não ser que o senhor ache que fui eu. Mas todos vimos o cara com o terno branco e sabemos que foi ele. Só não sabemos como.

– Aquele cara... O que foi aquilo? – questionou o médico mais para si mesmo que para eles.

– Bem, o povo está dizendo que foi o Boto – comentou Carina de bom humor para quebrar um pouco a tensão no ar.

– Não acredito nessas crendices – afirmou categórico. – De uns tempos pra cá parece que aqui virou o Sítio do Pica-Pau Amarelo! Tudo quanto é lenda folclórica criando vida...

– E hoje aconteceu de novo – acrescentou Willian.

– Hoje? – O médico estava surpreso.

– Mais cedo na praça. Um homem amarrado a uma balsa chegou à margem do rio. Depois ele ficou falando coisas meio sem sentido. Mas basicamente ele teve um encontro com a Iara e a Mãe d'água quase afogou ele – informou Willian.

– O senhor que é um professor universitário, o que acha disso tudo?

Willian pareceu refletir por alguns segundos e impostou a voz para falar.

– Acho que tem coisa aí.

Nitidamente o médico frustrou-se com a resposta. Ele esperava algo no mínimo mais elaborado. Nesse momento Maria Eulália adentrou o ambiente trazendo consigo um cheiro bom de sabonete floral. Ela vestia uma blusa branca de alcinhas e short jeans e tinha os cabelos molhados. Dimitri e Tarcísio contemplaram-na em absoluto fascínio. A Irmã Aparecida acompanhou os olhares de ambos, mas seu próprio olhar também observava a professora com um sentimento diferente.

Enquanto a moça cumprimentava todos, Dimitri divagava fantasiando que aquela seria Nádia. Chegou mesmo a fechar os olhos por alguns segundos imaginando que fosse ela. Naqueles breves instantes sentiu a presença daquela moça de sete anos atrás e a sensação o invadiu com uma certeza inexpugnável. Abriu os olhos no exato momento em que foi tomado pela comoção e a primeira coisa que ele viu foi o rosto da religiosa que o encarava seriamente. Que coisa estranha! Que sentimentos confusos!

Desviou o olhar dela e buscou Lália para seu campo de visão. Mas a convicção de antes o abandonou. Ela NÃO era Nádia. Parecidas? Sim. Seria

possível que ele se enganasse tanto? Que fosse ela e ele não a reconhecesse realmente? Mas então por que ela não admitiria? Absurdo. Por que e como Nádia se tornaria professora? Não, ela não era Nádia. Mas aquela presença...

Lália cumprimentou todos com um aperto de mão e seu sorriso ficou mais largo ao apertar a mão de Tarcísio. Ela pensou por um minuto, talvez por estar na presença de seu pai, mas pareceu decidida quando fez o movimento para abraçá-lo. Ele retribuiu o gesto para que o abraço fosse pleno. Enquanto estavam unidos, ela sussurrou em seu ouvido “obrigada”. Em seguida separaram-se um tanto constrangidos. Dimitri engoliu a seco, pressentindo uma derrota na disputa pela moça. Ela visivelmente preferia seu colega. Alguma coisa revirou-se em seu estômago e ele balançou a cabeça procurando livrar-se daquele dilema ou ao menos distrair-se dele um pouco.

O abraço durou mais que o socialmente permitido e quando se soltaram havia um constrangimento geral.

– Bem, é bom ver que você está bem. Nos deu um susto! – falou Tarcísio quebrando o clima de embaraço.

– Graças a você! – A moça respondeu sorridente.

– Lália, você já conhece a Joice, conheceu o Daniel... Bem, este é o João, nosso professor. E acho que já conheceu a Irmã... – Conforme ele anunciava, cada um acenava levemente com a mão. Na vez da freira, no entanto, a religiosa surpreendeu a todos se levantando e dando um abraço forte na moça.

– Maria Eulália. Deus te abençoe! – Foram as palavras da Irmã assim que o abraço chegou ao fim.

– Obrigada, Irmã.

– Fiquei bastante preocupada, todos ficamos.

– Já está tudo bem. Mas confesso que foi a coisa mais estranha que me aconteceu! Eu me lembro vagamente do tal homem de terno branco. Eu estava meio fora de mim e logo desmaiei... Essa história de “Boto”! Francamente! Isso só pode ser alguma espécie de pegadinha!

– Presumo que você não tenha inimigos... – arriscou Tarcísio.

– Bem, eu deixo o prefeito bem irritado com as minhas ideias! A direção da escola também já tem sua cota de reclamações da professorinha encenqueira aqui! Eu luto por uma educação de qualidade e as pessoas acomodadas e corruptas não têm interesse em conscientizar nem em fazer o povo pensar...

– Não sei se você ouviu falar sobre as assombrações do folclore...

– Ouvi. Quem não ouviu? Não se fala em outra coisa na cidade. Nem a presença de vocês, forasteiros, tem dado tanta conversa quanto essa história...

– Falam da gente, é? – Quis saber Carina.

– É, falam sim – disse ela de um jeito bem faceiro.

– O que dizem? – perguntou Dimitri.
– Nada de mais. Que acham estranho um documentário sobre pássaros por aqui... E que vocês são... – hesitou um pouco em dizer, mas o fez de modo jocoso – bonitos...

– Bonitos? Quem? – Carina quis esclarecer.
– Todos vocês. Os homens estão encantados com você, Joice. E as mulheres, bem... com os rapazes.

Willian bufou e cruzou os braços em sinal de contrariedade. Não acreditava que ele estivesse entre os “rapazes”, era o mais velho do grupo.

– Pois é. Mas, Lália, acreditamos agora que essa história de folclore está se tornando séria. Agora há pouco havia um homem no rio que foi supostamente atacado pela Iara, a Mãe d’água – explicou Dimitri.

– Hein?

– Parece que todas as aparições de seres fantásticos do folclore brasileiro têm a ver com pessoas poderosas e que podem estar ligadas ao trabalho escravo na região – concluiu.

– Lália! Você contou a eles! – repreendeu seu pai.

– Não, pai! Bem, mais ou menos. Eles têm uma câmera e estão fazendo um documentário, não custava de repente documentar um pouco dessa sujeira daqui e denunciar. É o único jeito!

O doutor Helênio pôs a mão na frente em um gesto de consternação. Removeu os óculos e fechou os olhos com força. Suspirou longamente antes de encarar o grupo novamente.

– Vocês não fazem ideia de onde estão se metendo!

– Fazemos sim. Só nos diga uma coisa, doutor: o senhor tem alguma coisa a ver com isso?

– Não! Claro que não! Eu abomino essa situação mais que tudo! Me deixa doente saber que isso acontece aqui tão perto! Eu odeio essas pessoas! – falou exaltado.

– Então, está na hora do senhor fazer alguma coisa. Sua consciência vai agradecer, o senhor vai conseguir ter paz – apaziguou Carina.

– Paz? Que paz? – disse levantando o tom de voz. – Vocês depois vão embora e eu e Lália vamos ficar à mercê dos bandidos que habitam esta cidade! A paz que vamos conseguir será aquela embaixo da terra!

– Se nos ajudar eles vão para a cadeia – continuou serenamente a ex-loira.

– Não acredito na justiça deste país – sentenciou o médico.

– Nem nós, mas o senhor pode ajudar a acabar com isso aqui e ir embora com a gente. Terá feito sua parte – emendou Willian.

– Estou velho para me mudar...

– Prefere presenciar atrocidades até o fim da vida? – duvidou Carina.

– Claro que não! Mas eu...!

– Pai, escuta o que eles estão pretendendo. Por favor. Eu não aguento mais viver desse jeito! – implorou Maria Eulália.

– Tudo bem – concordou.

– Nós temos um plano – anunciou Carina.

– Achamos que alguém mais está se movimentando para fazer justiça. Por isso os seres folclóricos estão assombrando apenas os envolvidos... É o momento. Tem alguém fazendo alguma coisa e nós também temos que fazer alguma coisa – começou Dimitri.

– E por que atacar minha Lália?

– Por causa do senhor. Acham que o senhor também é parte do esquema.

– Eu? Por que eu...? – iniciou o médico a princípio sem entender. – Ah. Claro. Entendi. Porque vou lá como médico – concluiu tristemente.

– Isso mesmo – confirmou Tarcísio.

– Então isso significa que eu sou o responsável. Minha filha quase morreu por minha culpa?

– De certa forma. Temos que entender que tem um justiceiro na cidade e não sabemos até que ponto ele está disposto a chegar.

– Meu Deus! – exclamou Lália horrorizada, finalmente se dando conta do que lhe tinha de fato acontecido. – Mas então vocês acham que é alguém vestido em fantasias?

– Provavelmente mais de um, já que mulheres também foram vistas. Tanto uma velha, a Matinta Pereira, quanto uma jovem e bela, como a Iara e a moça do táxi. É fácil se disfarçar de uma velha usando uma capa, já não se pode dizer o mesmo para uma sereia seminua... – concluiu Carina.

– Inacreditável! – extravasou a moça.

– E qual seria o plano de vocês? – Quis saber Helênio. – Vocês estão se arriscando demais para jovens universitários e um professor... Então, ele não é professor universitário de verdade, é? – Expôs suas suspeitas, referindo-se a Willian.

– Eu disse que eu não ia convencer nesse disfarce... – comentou Willian.

– Somos repórteres e viemos fazer um documentário. João é cinegrafista. Nosso plano no momento é o seguinte: Joice vai ao acampamento com você, doutor. Como sua enfermeira. Ela vai levar uma câmera espiã que temos e filmar o máximo possível lá dentro.

– Vocês estão loucos! – proferiu o pai de Lália.

– Pense bem, doutor Helênio. Ninguém vai perceber a câmera. Ela foi projetada para isso, estará embutida no relógio de pulso dela, mesmo que

revistem, não vão encontrar nada.

– É muito arriscado, além disso, nunca fui ao acampamento acompanhado de nenhuma enfermeira...

– O senhor inventa uma desculpa, diz que precisa da enfermeira para realizar algum procedimento numa mulher, para a mulher se sentir mais confortável... Diz que está velho, com problema de coluna e não pode se abaixar, que precisa de ajuda de algum jeito, sei lá! – sugeriu Dimitri.

– Eu nem mesmo sou solicitado lá com frequência. Eles só me chamam quando algum coitado está quase morrendo ou quando tem mulher dando à luz. Eu...

– Poderia dizer que precisa examinar aquela moça que está grávida de seis meses, que ela corre o risco de ter prematuro... – sugeriu Lália, enchendo-se de coragem e, embora preocupada com o pai, querendo que eles ao menos uma vez, fossem intrépidos.

– Tá. Vamos supor que eu faça isso. Eles provavelmente iam perceber que esta moça aí não é enfermeira...

– Não iam não, doutor – garantiu Carina. Antes de me tornar, quer dizer, antes de ir para a faculdade, eu me formei em técnica em enfermagem. Cheguei a estagiar por um ano.

Doutor Helênio e todos pareceram surpresos com a revelação.

– Ainda assim, mocinha, você teria que se disfarçar, não podem ver que é a forasteira... se bem que... a maior parte dos que tomam conta do acampamento nem saem de lá... É pouco provável que tenham vindo à cidade tempo o suficiente para ver você... Pode até funcionar... Mas isso me apavora. Não sei se tenho coragem...

– Deus vai te dar forças. Você vai conseguir fazer o que é certo – pronunciou-se a Irmã, que estava calada há bastante tempo.

– Eu vou pensar a respeito. Mas, sinceramente, vocês me digam a verdade! Vocês são repórteres e vieram para um documentário, mas não vieram aqui para documentar pássaros, não é? – concluiu o médico com sagacidade.

O grupo se entreolhou com sorrisos maliciosos.

– Não, doutor, Helênio – confessou Dimitri. – Nós viemos aqui para fazer exatamente isso que nós vamos fazer com a ajuda do senhor. Queremos também fazer justiça.

18 - Tumulto emocional

Ao saírem da casa do médico, a Irmã ficou para trás e disse que ainda queria trocar umas palavrinhas com o doutor sobre seu reumatismo. Todos se adiantaram e caminharam na direção da praça. Lália saiu para conversar com Tarcísio, com a permissão do pai, grato ao moço pelo salvamento. Dimitri parou no meio do caminho, vendo seus colegas já bem adiante e resolveu voltar para perguntar ao médico algumas informações específicas sobre o acampamento.

– Desculpe, doutor, Irmã, mas antes de vocês entrarem... quantas pessoas estão escravizadas lá?

O médico olhou para os lados, preocupado, pois estavam na varanda.

– 150 pessoas. Mas aqui não é lugar para falarmos sobre isso. Se eu resolver ajudar, eu entro em contato – falou aborrecido.

– Ok. Me desculpe, doutor. Já vou indo. Até mais, Irmã.

A Irmã pediu licença ao médico e se afastou puxando Dimitri com ela.

– Não se preocupe, Dimitri. Vou convencê-lo. Vocês vão fazer o trabalho de Deus!

Dimitri piscou duas vezes e suas feições se endureceram.

– De que nome a senhora me chamou, Irmã? – perguntou friamente.

– De que nome? – balbuciou, meio confusa. – De Daniel, claro.

– Não. A senhora me chamou de Dimitri. Por quê?

– Como eu poderia te chamar disso? Seu nome não é Daniel? – falou sorrindo, mas estava visivelmente sem jeito.

– A senhora me chamou de Dimitri e esse é o meu verdadeiro nome. Agora só resta me explicar como é que a senhora sabe disso... – falou entredentes.

– O doutor está me esperando. Passe na Igreja depois do almoço. Aí conversamos – falou mudando o tom.

Dimitri se afastou cismado.



Tarcísio e Maria Eulália passaram pelo centro da cidade e atravessaram a praça. Pensaram em sentar-se em um dos bancos dali, como fizeram no dia da festa de Santo Agostinho, mas prosseguiram em silêncio em direção ao píer. No meio do caminho, como que atraídas magneticamente uma para a outra, suas mãos se uniram. Sorriam um para o outro e caminharem de mãos dadas pareceu certo e natural.

Também passaram direto pelo píer, preferindo o refúgio da sombra de uma

árvore frondosa às margens do rio. Ali chegando, Maria Eulália recostou-se ao tronco, ficando de frente para Tarcísio. Este apoiou o braço direito no tronco, acima da cabeça da moça. Aproximou seu rosto do dela. Sua timidez natural ainda o freava, contudo julgava-se corajoso, pois jamais tivera tamanha audácia ao lidar com uma moça antes. Ela era especial. Tal sentimento lhe era inédito e dava-lhe ímpetos que desconhecia em si mesmo.

– Meu herói – falou ela num meio sorriso, uma mistura de seriedade e jocosidade.

– Até parece. Eu? Herói?

– É, você me tirou das mãos daquele... Boto...

– Não sei direito como... Nunca fui um cara de ação... Estou mais acostumado a fazer as coisas virtualmente...

– Virtualmente?

– É. Eu sou um hacker.

– Sério? – Os olhos dela brilharam de admiração. Ele confirmou com a cabeça. – Mas não do tipo que rouba, né...?

– Para falar a verdade, já fui preso por isso... – confessou, mesmo sabendo que corria o risco de perder qualquer chance com ela. – Fiz umas transferências... Tirei dinheiro das contas de políticos corruptos e joguei para instituições de caridade... – completou incerto.

– O que você fez foi errado – analisou seriamente, o que fez com que ele abaixasse o olhar em perfeito desolamento. – Mas acho que teve boas intenções... Um Robin Hood moderno!

– Tive mesmo! Eu juro! Não fiquei com nada para mim. – Levantou o rosto em busca de se defender e checar se ela o desprezava.

– Isso foi heroico – concluiu ela.

– Foi? – balbuciou hesitante. Em seguida respirou fundo e soltou o ar com alívio. Ele aproximou ainda mais seu rosto do da moça e fitou-lhe os olhos.

– Eu gosto de você, Maria Eulália – declarou muito sério.

– Também gosto de você – disse ela insegura, não do sentimento, mas da situação. Mordeu os lábios levemente, entreabriu-os e esperou pelo beijo que já sabia que viria. Era certo. Era um desígnio do destino.

Tarcísio só teve que vencer aquela distância mínima que os separava. Timidamente encostou seus lábios nos dela e ofegou dentro deles. Em seguida, sorveu-os num doido afã. Envolveu-a com todo o seu corpo. Ela retribuiu colando-se a ele, puxando-o ainda mais para si.

Logo o beijo tornou-se cáldo e inebriante. Suas línguas e salivas se misturavam e, de olhos fechados, entregavam-se à paixão daquele momento. Tarcísio acariciou-lhe a nuca com os dedos, que em seguida usou para

entrelaçar-lhe os cabelos. Ela também o abraçou mais e passou os dedos pelos cabelos do rapaz. No meio do beijo, os óculos do nerd viraram um estorvo e foram colocados de lado, pendurados na gola de sua camisa. Prosseguiram beijando-se mais e mais até o fôlego ser parcialmente perdido. Diminuíram o ritmo e terminaram por trocarem pequenos beijinhos na face um do outro.

– Eu acho que isso... – iniciou ele.

– Foi ótimo! – exclamou a moça eufórica.

– Eu estou encantado! Lália, eu...

– Eu sei, você não é daqui. Não vai ficar muito tempo...

– Não era isso que eu ia dizer...

– Então o quê?

– Não sei mais o que ia dizer... Não, espera, sei sim. Ia dizer que estou apaixonado por você. Não queria dizer logo, acho que é cedo. Mas isso tá transbordando aqui do meu peito... Pronto, falei.

A jovem professora olhou para ele totalmente enamorada e beijou-lhe os lábios levemente mais uma vez.

– Sei como é. Loucura! Mal nos conhecemos! Mas também me apaixonei por você.

– E o Daniel? Achei que estivesse interessada nele.

Ela balançou a cabeça baixa negativamente.

– Ele é um rapaz bonito também, interessante. Mas foi você que me conquistou... e não paro de pensar que você vai embora...

– Não vamos pensar nisso agora. Não vou tão cedo – falou carinhosamente, colocando os óculos novamente no rosto. – Eu te conquistei, é? A professora mais bonita que já conheci?

– Bobo! – Brincou ela dando-lhe um beliscão leve.

– Lália, – iniciou sério, mudando de assunto – você já sabe que não estamos aqui para um documentário qualquer, mas para denunciar o que está acontecendo nesse lugar...

– Sei. Isso me faz te admirar ainda mais...

– Então queria que soubesse meu nome, meu nome verdadeiro. Nós estamos usando nomes falsos, por causa do perigo que corremos aqui, entende? Mas não pode dizer a ninguém, tá?

– Que pena! Até que eu gostava de Ricardo – falou com beicinho, de forma carinhosa e brincalhona. – Só vou pronunciar ele no seu ouvido... Como é que você se chama?

– Tarcísio.

– Tarcísio – ronronou ela próxima ao ouvido dele, de um jeito sexy, que fez com que ele a envolvesse novamente e que se entregassem a um novo beijo

ainda mais acalorado.



Willian e Carina, de longe, perceberam o namoro dos jovens à sombra da árvore. Era possível ver o suficiente para saber que os dois estavam próximos demais para ser apenas uma conversa.

- Estou orgulhosa do Tarcísio. Passou a perna no Dimitri.
- Coitado do Dimitri... – resmungou Willian.
- Ele não estava interessado nela! Só a achou parecida com a Nádia...
- Não digo por isso... É que Dimitri não consegue tirar essa mulher da cabeça. Se ele se interessasse por outra, ainda que por ser parecida com a tal, podia fazer bem pra ele. Mas o Moleque chegou primeiro...
- Você não acha que ele ainda pode encontrar essa Nádia?
- Acho que não. Já faz sete anos. Ela nunca deu notícia. Nunca procurou por ele. Se ela gostasse dele, já tinha aparecido! Ele gastou tempo e dinheiro procurando por ela feito louco e, quando encontrou o circo, o pai não quis dizer o paradeiro da filha! Porque ela pediu! Que mulher faz uma coisa dessas com um homem?
- Sei não – falou Carina pensativa. – Acho que essa história pode ter um outro lado. Quem sabe? Um amor como esse, que não se apaga, só pode ser para a vida toda!
- Espero que não! Porque senão nosso amigo vai sofrer a vida toda também...
- E essa freira, hein? Sou só eu ou alguém mais acha que essa mulher é esquisita?



Dimitri esperou ansioso para encontrar a Irmã Aparecida. Nem voltou ao hotel. Perambulou pela cidade, almoçou num bar ali perto e às 12h30min estava rondando a porta da igreja. Seu desassossego era tanto, que se persignou, resolvido a entrar. Nunca fora de frequentar igrejas, contudo supunha ter uma boa relação com Deus. Acreditava nele e tentava sempre fazer a coisa certa. Rezava antes de dormir e destinava mensalmente quantias generosas a instituições de caridade.

O silêncio e a solidão do local o incentivavam a fazer uma prece. Aproximou-se do altar e ajoelhou-se. Em silêncio, pensou em Nádia e perguntou a Deus por que a tirara dele. Mas então percebeu seu erro: Deus nada tinha a ver com aquilo. ELE, Dimitri, tinha decidido há sete anos, não investir no relacionamento. Fora opção DELE seguir adiante e nem tentar. A alternativa do caminho da razão... A razão que lhe dissera que a esqueceria em pouco tempo,

que era muito novo para se amarrar...

Como se arrependia! “Se arrependimento matasse...” Entendia bem aquela frase tão popular. Pensando bem, arrependimento matava, matava um pouco a cada dia seu coração. Tudo culpa dele. “...por minha culpa, minha máxima culpa...” Lembrava ter ouvido essas palavras em algumas missas. Respirou fundo, elevou o olhar para a imagem do Cristo Crucificado no centro do altar e iniciou uma oração, primeiro apenas com o olhar de humildade, em seguida, em voz alta:

“Perdão, Deus. Perdão por ter deixado o amor que o Senhor me enviou escapar. Se puder me perdoar e me dar uma nova chance... Se pudesse colocar a Nádia no meu caminho de novo... – Emocionou-se ao externar seus mais profundos sentimentos e lágrimas começaram a correr de seus olhos. – Eu sei que talvez seja pedir muito... Talvez eu não mereça por ter deixado que ela se fosse... Mas se pudesse ter piedade de mim só um pouquinho... – falou com um sorriso triste e humilde, fazendo um gesto com o polegar e o indicador. – Eu seria eternamente grato. Deus, traz a Nádia de volta pra mim.”

Mal proferiu essas últimas palavras, assustou-se ao ver que a Irmã Aparecida o observava parada na porta de saída ao lado esquerdo do altar. Ele não havia reparado na chegada dela. O quanto ela teria ouvido da prece? Subitamente sentiu-se envergonhado e passou a mão rapidamente pelo rosto para se livrar dos vestígios de seu choro e levantou-se de pronto.

– Desculpe, Dimitri. Não quis interromper suas orações. Perdoe-me. Acabei escutando... Se quiser falar sobre isso...

– Não quero – disse ríspido.

– Pois bem. Então não vou perguntar quem é Nádia...

– Desculpa, Irmã, não quero ser rude. Talvez outra hora. Agora estou aqui para a senhora me explicar por que me chamou antes e agora, de novo, de Dimitri.

– Vamos lá para dentro.

A religiosa o conduziu para a mesma sala em que o havia recebido das outras vezes. Ela tomou seu lugar e esperou que ele tomasse o dele.

– Dimitri. É, eu o chamei de Dimitri. Foi um ato falho. Eu reconheci você logo que chegou à cidade e veio falar comigo.

– Reconheceu? – suspeitou ele.

– É. Reconheci. Você é um repórter famoso. Dimitri Arantes.

Ele ficou aliviado e preocupado ao mesmo tempo. Soltou um suspiro.

– Devo dizer que fica muito melhor assim, sem aquela barba horrível...

O rapaz estranhou a franqueza que denotava uma intimidade que não tinham. Ela pareceu perceber que o comentário não foi apropriado e que ele

estava desconcertado. Ele passou a mão direita pelo rosto, como que confirmando a ausência da barba.

– Mas, Deus te fez um rapaz muito bonito de qualquer maneira – emendou tentando dar um ar mais maternal ao comentário.

– Isso não é nada bom... – exteriorizou sua aflição.

– Não se preocupe. Você está muito diferente. Eu só reconheci porque sou boa fisionomista.

– Sei não. E a senhora também...?

– Sei também quem é a Joice. Carina Braga, a correspondente da outra emissora. Ela pintou e cortou o cabelo, mas...

– Caramba!

– Só não sei o nome dos outros dois... Não sei quem são...

– Melhor assim. Isso já é ruim o bastante.

– Não se preocupe, Dimitri – falou olhando séria para ele e com sua mão sobre a dele. O gesto tão natural surpreendeu a própria freira. Ela retirou a mão assustada. Foram apenas segundos, mas Dimitri sentiu algo muito estranho na pele enrugada da mão da religiosa. A textura... O que era aquilo? – Ninguém vai saber. Eu não vou contar e ninguém aqui vai descobrir. Como eu já disse, eu é que sou muito boa fisionomista. Seu segredo está a salvo comigo.

– Não tenho escolha. Tenho que confiar na senhora – falou com resignação.

– Afinal, até agora tem se mostrado uma aliada, com o lance do mapa e tudo...

– E sou. Estou do seu lado – falou de uma forma carinhosa. – Digo, do lado de vocês – corrigiu-se.

– Obrigado, Irmã. E, por falar nisso, conseguiu convencer o Dr. Helênio? Ele vai nos ajudar?

– Ele está com muito medo, especialmente por causa da filha. Mas vai sim. Ficou de nos avisar quando conseguir uma ida ao acampamento sem parecer suspeito.

– Ok, então. Mais uma vez obrigado, Irmã.

Mais tarde naquele dia, o grupo se reuniu no quarto de hotel para discutirem os últimos acontecimentos. Tarcísio, entretanto, visivelmente não se concentrava na conversa e tinha um sorrisinho de canto de boca que não se apagava. Aquilo irritou Dimitri.

– Qual o seu problema, Moleque?

– Problema? Nenhum – falou tranquilamente, sem se irritar com o apelido pela primeira vez.

– E esse riso bobo aí?

– O Moleque está namorando... – falou Willian em tom de gracejo.

– Bem, se todo mundo já está sabendo... – Tarcísio confirmou sem

nenhuma irritação, ao contrário, com ar orgulhoso.

– Namorando? Aqui? Quem?

– Quem?! – manifestou-se Carina. – Você tá brincando, né? É claro que é a professorinha!

– Maria Eulália?! Você tá namorando a Maria Eulália? – Dimitri inquiriu exaltado. – Você tá maluco?

– Qual o problema, Dimitri? – Tarcísio, num instante de pé, agora falava como um homem, grosso, firme, em nada parecia com o moleque de seu apelido.

– Nós não estamos aqui para isso! A Maria Eulália... Ela pode sofrer! E nós vamos embora depois e a garota... – Ciúmes? Dimitri não sabia o que estava movendo seu discurso de ressentimento. Não, não eram ciúmes. Tarcísio encontrava o amor agora numa situação bem parecida com a sua, sete anos atrás. Mas o rapaz ainda podia fazer uma escolha. Dimitri invejava isso. Ele queria poder voltar ao passado e escolher diferente.

– Perdeu essa, Dimitri! Os dois se gostam! – defendeu Carina.

– Eu não... Eu não tô falando por mim... – justificou-se o jornalista.

– Eu sei o que eu tô fazendo, cara!

– Você! Você! – falou Dimitri enfaticamente, colocando o dedo no peito do rapaz. – Acho bom mesmo que saiba o que está fazendo! Agora, só te digo uma coisa: se quando formos embora, você sentir que o que tem com essa garota tem uma mínima chance de ser amor, AMOR, cara! Leva ela com você ou fica! Não cai na besteira de deixar ela pra trás! Ou você vai se arrepender pro resto da sua vida! – completou, notadamente emocionado, segurando um choro iminente. Pegou sua jaqueta em cima da cama e saiu do quarto intempestivamente, batendo a porta com força, deixando todos atônitos.

Após instantes de silêncio em que todos absorviam o impacto das palavras do amigo, Tarcísio, ainda meio em choque, extravasou.

– Mas o que foi isso? Qual o problema do Dimitri?

– Senta aí. A gente te conta. É uma longa história.



Dimitri perambulou pelas ruas de Recanto Sereno tentando ordenar seus pensamentos. Não queria beber, queria estar bem no outro dia, talvez já tivessem que dar algum passo em relação ao plano. Mas seu lado fraco parecia pedir por um porre. Passou na frente de três bares, entretanto evitou entrar. Acabou pisando dentro do quarto bar, atraído não pela bebida, mas por uma máquina de karaokê. Não cantava bem, ele sabia. Também não cantava mal. Gostava de cantar e a atividade ajudava a espantar seus males. Contudo, as canções que queria cantar eram tão melancólicas quanto seus pensamentos naquele momento.

Comprou fichas e procurou por uma música no catálogo. Todos no bar tinham os olhos voltados para ele, já que era o único que ameaçava lhes roubar o silêncio naquela noite.

A primeira música escolhida foi “Impossível”, cantada pela banda Biquíni Cavadão, cujo refrão retratava exatamente o que ele carregava no peito: *Oh, oh, oh ... é impossível, é impossível esquecer você/ É impossível esquecer o que vivi/ É impossível esquecer o que senti.*

Seu desempenho foi além do que os frequentadores do estabelecimento esperavam ou a que estavam acostumados, o que lhe rendeu algumas palmas e sorrisos, além de ter desfeito os ânimos de hostilidade iniciais. Queria cantar ainda mais uma...

Amor igual ao teu/ Eu nunca mais terei/ Amor que eu nunca vi igual/ Que eu nunca mais verei...

A escolhida foi “Onde você mora?”, composição de Nando Reis e Marisa Monte, na versão gravada pelo grupo Cidade Negra. Dimitri cantava vibrando com cada nota e querendo dizer exatamente cada palavra daquela letra que parecia ter sido escrita para ele e sua sina: *Mesmo querendo ficar/ Agora eu sei/ Eu sei que eu fui embora/ Agora eu quero você/ De volta pra mim...*

Encerrado seu pequeno show, recebidos os aplausos dos bêbados, recolheu-se ao seu palco mental, onde as notas da canção ainda ressoavam e os últimos versos tilintavam dolorosamente: *Agora eu quero você/ De volta pra mim...* “Nádia, onde você está? Eu quero você de volta pra mim...”, pensou soturno.

Foi caminhando sem rumo e acabou se perdendo momentaneamente. Viu-se numa área afastada, com muita vegetação e poucas casas. Quando se deu por vencido, ou perdido, na verdade, tirou o celular do bolso para usar o aplicativo de GPS e encontrar o caminho de volta ao hotel. No instante em que olhava para a tela do aparelho, ouviu um trotar de cavalo. Olhou e viu algo que seus olhos não estavam esperando e, talvez por isso, não conseguiu identificar de pronto. Só entendeu o que estava vendo depois que a visão passou por ele: montado em um cavalo negro, um cavaleiro todo de preto, no que parecia uma espécie de armadura moderna, mascarado e de chapéu.

19 - O Anjo Vingador

- Então, você viu o Batman? – perguntou Tarcísio incrédulo.
- Tá me zoando, né? Não era o Batman! Era alguém numa fantasia...
- Do Batman? – completou o nerd esperançoso. – Cara! Eu adoro o Batman!
- Moleque! Acorda! Aqui: Recanto Sereno! Aqui: não Gotham City! – ironizou Dimitri gesticulando e já perdendo toda a paciência.
- E por que você tá falando assim? Pô! Era o Batman ou o Tarzan? Perdeu a graça toda! – reclamou o rapaz.
- Ô, Moleque! Para de nerdice e deixa o Dimitri falar! – reclamou Carina.
- A roupa é que lembrava a do Batman nos últimos filmes, uma espécie de armadura preta com os músculos desenhados – explicou Dimitri.
- É ele que tá falando de Batman agora! – defendeu-se Tarcísio infantilmente, atraindo os olhares impacientes e de repreensão dos amigos, ao que ele deu de ombros.
- Mas também usava uma máscara que cobria o rosto todo e um chapéu...
- E uma capa? – Tarcísio não se conteve.
- Não me lembro de capa.
- Com chapéu, se tiver capa é o Zorro... – concluiu Tarcísio.
- Posso bater nele? – resmungou Willian, perguntando para Dimitri e referindo-se a Tarcísio.
- Dimitri apaziguou Willian com um gesto, levantando as duas mãos.
- É o tal Anjo Vingador. Só pode ser. As entidades, personalidades do folclore, ou monstros, como vocês quiserem chamar, falaram sobre ele. Elas estavam anunciando sua chegada.
- Sinistro – comentou Tarcísio com um sorriso e estranhamente empolgado.
- Cara! Vou viver uma HQ aqui! Esta cidade é demais!
- Você não vai mais é viver se continuar interrompendo o Dimitri – ameaçou Willian.
- Foi mal! – desculpou-se.
- Mas você não acredita que seja de verdade, não é? Você viu, mas... – questionou Carina.
- Eu fico até arrepiado de lembrar! A sensação foi incrivelmente real! Se eu não fosse cético, se eu não fosse um cara de cidade grande... O que eu quero dizer é que... Se eu fosse um morador de Recanto Sereno, cheio de superstições, que acreditasse um pouco que seja nas lendas locais e, pior, se tivesse sido

visitado por um dos seres que visitaram os poderosos da região, com certeza eu não teria dúvidas... Real!

Tarcísio levou as mãos à boca como um gesto de controlar seu impulso de falar qualquer coisa, pois estava excitadíssimo com aquela história.

– O que acha que era? – indagou Carina.

– Sinceramente? Não sei. O que parecia? O Anjo Vingador. O que é? Provavelmente alguém fantasiado querendo fazer justiça de alguma forma...

– Mas nesse caso, não seria o Anjo Vingador mesmo? Me perdoe, Dimitri, mas o que é um super-herói, afinal? Não é alguém numa fantasia tentando fazer justiça? – racionalizou Carina.

A lógica da moça os pegou de surpresa. Ela tinha razão. De alguma forma, estavam num lugar onde havia um justiceiro, ou justiceiros em ação e aquilo era assustador e empolgante ao mesmo tempo. Parecia que finalmente eles estavam entendendo a severidade da situação. Um herói, lendas do folclore... Seria um documentário e tanto!

– Nosso documentário promete! Ele vai chegar bem além de trabalho escravo, vai ter lendas que se tornam realidade e um justiceiro mascarado... – concluiu Dimitri. – Pena que eu não consegui tirar nenhuma foto...

Um toque da campainha do quarto os assustou. Willian abriu. A moça da recepção queria entregar um envelope, que segundo ela, havia sido colocado por baixo da porta de entrada do hotel. Ele estava lacrado e tinha uma etiqueta em que estava digitado: “Para Daniel Arruda, quarto 104”. Willian agradeceu, recebeu o envelope e fechou a porta. Entregou-o a Dimitri.

– O que será isso? – pensou alto, revelando sua curiosidade que era a de todo o grupo.

De dentro do envelope retirou um pen drive e convites para uma festa de aniversário. Todos se entreolharam e o dispositivo foi logo entregue na mão de Tarcísio que, como de costume, estava com seu notebook ligado. Diante da telinha surgiram para eles fotos... as mais inusitadas e inimagináveis fotos: o Anjo Vingador tinha tirado selfies dele com todos os nomes visitados pelos personagens do folclore, toda a lista das pessoas supostamente envolvidas com a exploração de trabalho escravo naquela região. O vereador Asdrúbal Epaminondas aparecia amarrado a uma cadeira, ao redor de uma mesa de jogo, amordaçado e com cara de pânico. No peito ele tinha um cartaz colado, com os dizeres: “Vereador Asdrúbal Epaminondas, feitor de escravos”. Da mesma forma foi feito com os outros: o prefeito Policarpo Donizete, o capataz Manuel Dias, os fazendeiros Sebastião Vilela e João Vivaldo e Dona Augusta. Todos apareciam amarrados e amordaçados, apavorados, ao redor de uma mesa de jogo, mas as fotos eram individuais e havia uma que mostrava todos juntos e presos.

A equipe estava embasbacada. O tal Anjo Vingador queria publicidade!

– Eu não acredito nisso! – Dimitri foi o primeiro a se manifestar. – E acho até que sei onde aconteceu isso... Ouvi dizer que esse pessoal se reúne de vez em quando para jogar carteados na fazenda de Sebastião Vilela...

– Que filho da mãe abusado! – exclamou Carina. – Moleque, pode começar a tietar, porque eu vou te ajudar a formar o fã clube! Esse cara é muito fo...

– Um herói! Um herói de verdade e brasileiro! Não tô acreditando! Obrigado, Dimitri, por ter me trazido pra cá! É muita felicidade para um cara só! Conhecer uma garota incrível e um justiceiro mascarado no interior do Pará! Quem diria? – Tarcísio era pura euforia.

– Isso tá ficando cada vez mais estranho... – resmungou Willian.

– Tem um arquivo em vídeo também... – anunciou Tarcísio já rodando o primeiro que selecionou aleatoriamente.

Diante deles, Dona Augusta, com um ferimento na testa tremia, não sabiam bem se de raiva, de medo ou de desespero. Mas em seguida, sob o comando de uma voz metálica, partindo do Anjo Vingador, ela fazia uma confissão. Em poucas palavras se dizia cúmplice de todos os outros num esquema de trabalho escravo. Após esse, Tarcísio foi colocando os outros e, vídeo após vídeo, confissões dolorosas e pouco espontâneas surgiam na frente deles.

– Vocês viram isso? Modulador de voz! Esse cara usa um modulador de voz! Viram a voz dele como é? – comentou o hacker animado.

– Abre esse outro documento aí, Moleque. – Dimitri falou muito sério, referindo-se a um documento em Word que também figurava entre os arquivos do pendrive.

Era uma nota dirigida a eles: “Se querem seu furo de reportagem e suas próprias imagens, estejam neste endereço às 20h, na sexta-feira.” Em seguida vinha o endereço. Compararam o endereço que ele citava e o endereço dos convites para a festa e confirmaram que era o mesmo. Observaram também que a festa seria um baile de máscaras.

– Acho que esta senhora, Adélia Vivaldo, vai receber um mascarado em especial, fantasiado para sua festa... e não é um stripper – ironizou Carina.

– Mas quem...? – Tarcísio começou a interrogar.

– Não é óbvio? – falou Carina cinicamente.

– O Anjo Vingador – concluiu o jornalista. – Quem mais teria suas selfies? Mas a pergunta a se fazer é: quem é ele e por que está nos enviando esse material? E uma das respostas é que ele sabe o que estamos fazendo aqui e está se declarando nosso aliado. Quem sabe sobre nós?

– O médico, a professorinha e a freira – respondeu Willian.

– Não pode ser nenhum deles... – disse Carina pensativa balançando a

cabeça negativamente. – Aparentemente trata-se de um homem...

– A Lália é muito delicada... O pai dela é muito velho... – emendou Tarcísio.

– Tem velhos em forma... – cogitou Willian.

– Logicamente não é a freira sexagenária! – disse Dimitri rindo.

– Sei não. Acho essa freira muito esquisita e misteriosa. Tenho a impressão de que ela sabe mais do que diz... – comentou a jornalista. – E lembra a nossa lógica de que o tal Anjo Vingador devia ser alguém daqui, mas que teria voltado? Se fosse alguém que já estava aqui, por que agir só agora?

– Sério isso, Carina? Você consegue imaginar a Irmã Aparecida, uma senhora de certa idade, acima do peso... Ela nem caberia naquela roupa! Isso considerando que os músculos esculpidos sejam falsos, parte da armadura...

– Quem então, Dimitri?

– Não sei. Talvez alguém ligado a um desses três.

– Não podemos ir ao tal lugar gravar seja lá o que esse cara está pretendendo... – A moça ponderou.

– Por que não? – Willian quis saber.

– Vai estragar nosso disfarce, vamos nos expor como uma equipe de jornalismo investigativo e correr sérios riscos. Aí o plano com o doutor já era! – Ela explicou.

Eles pensavam sobre o que Carina expôs, quando o celular de Tarcísio começou a soar o tema de “Superman, o filme”, atraindo os olhares de todos e sorrisos de zombaria.

– Que foi? Adoro o Batman, mas o Superman é o cara! – explicou-se o nerd antes de atender a chamada. – Alô. Lália, oi, tudo! E você? Saudades! A gente vai se ver...? Ah, tá. Desculpe. Pode falar. É. Depois de amanhã? Já? Tem certeza? Sei... Tá tudo certo? Pela gente tá, claro. Com certeza! Pode confirmar sim. Claro que vamos. Não, está certo sim. Ah, é? Podemos sim. Logo mais na sua casa. Claro. Estaremos aí. Beijo!

– Vocês não viram nada. Precisam ouvir o toque do alarme despertador dele... – comentou Dimitri em voz baixa, enquanto o rapaz se despedia melosamente da namorada.

– Star Wars – juntaram Willian e Carina ao mesmo tempo, mostrando que aquilo não era novidade.

Ao desligar, Tarcísio tinha todos os olhares sobre si. Não se importou, porque o telefonema afinal não era pessoal.

– A Lália ligou. O Dr. Helênio arranjou um jeito de ir ao acampamento depois de amanhã. Parece que tem mais uma moça grávida precisando iniciar um pré-natal lá, anda passando mal. Ele quer pôr nosso plano em prática. Pediu para

que nós fôssemos à casa dele logo mais.

– Perfeito! – exclamou Dimitri. – É assim que a gente gosta, não é, Carina? Muita ação e tensão a caminho! Isso aqui tava muito parado pro nosso gosto! Amanhã a gente faz as imagens com Carina infiltrada. Mandamos no mesmo dia para o Ministério do Trabalho e do Emprego com uma denúncia e para a Polícia Federal, para o nosso servidor e também para a emissora dar o furo. Daí, o caldo já vai estar entornado. Vai estar nos noticiários e tudo mais. A polícia vai ter que investigar e nós ficamos um pouco mais protegidos. Depois de amanhã nos assumimos como repórteres investigativos e abraçamos o risco todo e fazemos as imagens do nosso herói em plena ação. Também não vamos mais nos preocupar em nos proteger tanto, então vamos poder ir atrás de todos os nomes dos envolvidos e visitados pelas figuras do folclore, pedindo declarações, entrevistas... – falava empolgado.

– Adoro quando o caldo entorna! – Carina embarcou no mesmo estado de espírito de Dimitri. Willian apenas bufou, enquanto Tarcísio fez cara de que a coisa não ia prestar.

– E lá vamos nós – resmungou Willian.

– Gente! Lembrei de uma coisa! Alguém deve ter visto... Deve ter fofoca rolando na cidade sobre o que aconteceu essa noite! Temos que nos informar. Sobre a visita do Anjo Vingador aos poderosos e como eles estão reagindo... – acrescentou o jornalista.

– Sabemos que ele não mata. O cara tava vivo na foto! Então ele é um herói de verdade! – comentou Tarcísio.

– E quem garante que depois que tirou a foto ele não...? Créu? – falou Willian com a mesma frieza de sempre.

– Acho que não. Eu tô com o Moleque nessa! O cara é um herói. – especulou Dimitri.

– Mas ele tortura e bate de boa! Viu o estado dos desgraçados? Não que eles não merecessem... – comentou o cinegrafista.

– Pensei em uma coisa agora! E o cara que te enviou o e-mail, te ligou, que te falou para vir para cá fazer esta reportagem? Deve ser ele! Ele nos queria aqui para dizermos ao mundo o que está acontecendo! – observou a moça.

– É... Bem pensado! Era Jonathan... Jonathan Melo – tentando se lembrar. – Mas quando o Moleque rastreou o IP dos e-mails, cada um era de um computador diferente, de lugares diferentes... Provavelmente de cyber cafés, LAN houses... Foi uma das primeiras coisas que pedi pro nosso hacker fazer, além de procurar por esse nome nesta cidade. Mas nada. Nenhum Jonathan Melo. E ele não me procurou como prometeu...

– É um nome falso com certeza – insinuou a jornalista. – Talvez o doutor e

sua filha...

– Ei, deixa a Lália fora disso! Ela não é o Anjo Vingador... – disse para em seguida refletir por algum tempo. – Ou será que é? Minha doce e linda Lália, uma heroína...? Será que ela aprendeu a lutar com alguma sociedade secreta... ou com vídeos pela Internet...? Virou Ninja...

– Ixi! Sintonizou a estação Rádio Nerd de novo! Cara! Você já se ouviu? – censurou Carina.

– Nós vamos perguntar a ela e também vamos perguntar à Irmã Aparecida – declarou Dimitri.

– Se elas são ninjas? – indagou Tarcísio com um jeito abobalhado.

– Não, né, Moleque! Vamos trazer o nome Jonathan Melo à tona e ver se algum deles demonstra qualquer hesitação ou emoção. Por agora, é nos separar e sair pela cidade em busca das fofocas sobre essa noite! E Moleque verifica nas redes sociais dos moradores.

– Dimitri, agora, sério, cara. Temos que dar um jeito de tirar a Lália e o pai da cidade antes que o caldo entorne, ou vai respingar neles, e feio! – pediu Tarcísio.

Uma batida forte na porta os assustou. Carina atendeu e era da polícia. Eles estavam sendo intimados a prestar esclarecimentos na delegacia.



– Já disse, Seu Delegado. Nós só viemos para fazer um documentário.

– Sobre pássaros? – A pergunta veio de forma incrédula e debochada. O delegado era um homem de meia idade, com um rosto cheio de marcas e nada simpático.

– Do que afinal estão nos acusando? – perguntou Carina.

– De nada. São só algumas perguntas. Vocês são os únicos que vieram de fora ultimamente e isso é muito suspeito, logo quando em nossa cidade aparece um justiceiro...

– Nós nem sabemos nada disso... – defendeu-se Dimitri. – Mas pelo que ouvi dizer esse justiceiro, Anjo, foi anunciado por figuras folclóricas... E essas figuras começaram a aparecer bem antes de nós termos vindo para cá...

– É. Mas mesmo assim... não sei direito. Vocês parecem encrenca. Acho bom que não tenham nada a ver com isso mesmo... Caso contrário...

– Está nos ameaçando, Delegado? – desafiou Dimitri.

– Considerem um aviso. Inclusive, com tudo que vem acontecendo aqui, vocês deveriam terminar esse documentário rapidinho e ir embora logo. Quem avisa, amigo é.



Voltando para o hotel, Dimitri estava bem pensativo. Tudo parecia tão complicado e os próximos passos que dessem podiam ter resultados inesperados. Olhou para Tarcísio observando o jeito do rapaz, que de tempos em tempos trocava mensagens com Lália pelo celular. Tinha observado também que Willian, apesar de toda a sua frieza aparente, sofria por ter se separado de Selma. Dimitri sabia que o amigo cinegrafista não estava respondendo às chamadas e mensagens de sua companheira. Ora, qual a mulher que deixa friamente um cara e depois fica querendo falar com ele o tempo todo? A história estava mal contada. Tomou uma decisão corajosa logo que entraram no quarto. Ele precisava ter uma conversa. Com os dois.

– Willian, Tarcísio, sentem aí. A gente precisa levar um papo.

Os dois estranharam, mas se sentaram, curiosos.

– Willian, eu sei que você conhece a história, mas me permita repetir aqui para o nosso amigo Tarcísio. Cara, me desculpa aquele dia eu ter surtado contigo por causa da Lália. Eu sei que esses fofoqueiros aí já devem ter te contado sobre a Nádia...

– Imagina, cara, tudo bem. Eu entendo.

– Não, eu acho que não entende. Eu não estava a fim da Lália. Achei que estava, mas só porque ela lembra muito a Nádia – concluiu, para em seguida, respirar fundo. Era sempre doloroso mexer no passado. – Quando eu tinha vinte e um anos, fui cobrir uma matéria numa cidade do interior de São Paulo e lá conheci uma artista de circo, Nádia. Eu me apaixonei perdidamente por aquela mulher. Nós ficamos juntos apenas por vinte e um dias. Eu achei que não podia ser pra valer, sabe? Ela só tinha dezoito e eu não tinha nada para oferecer e ela também dizia que tinha uns planos aí e... Bem, eu acreditei que não seria para sempre. Eu acreditei que eu esqueceria essa garota em poucos meses... – Parou, olhou para baixo. Respirou profundamente por alguns minutos. Precisava de fôlego. – Advinha só? Eu não esqueci. Em sete longos anos eu NÃO esqueci! Eu me lembro dela todos os dias e dói! Cara, dói muito! A saudade parece que me corrói por dentro. O trabalho é a minha única salvação, mas já estive por um triz, sabe?

Willian e Tarcísio ouviam tudo muito sérios e atentos, porque viram o quanto o amigo estava emocionado e o quanto estava sacrificando em orgulho para se abrir com eles.

– Então, o que eu quero dizer para vocês é: eu me arrependo. Eu me arrependo demais de ter me despedido dela. Eu queria ter tido coragem de ter pedido a ela que fosse comigo. E eu penso nisso todos os dias... Se ela não estaria do meu lado hoje se eu tivesse tido a coragem. E isso é horrível! Então, Tarcísio, quando essa merda toda aqui acabar, não entra numa de “Lália, a gente

se vê um dia!”. Pega essa garota e enfia ela num avião com você. Não deixa o amor te escapar, porque ele só vem uma vez! Você está me entendendo? – Dimitri falava alterado com o tom de voz ríspido e ao mesmo tempo cheio de dor. – E você, Willian! Pelo amor de Deus! Atende quando a Selma te ligar. Escuta o que ela tem pra te dizer! Responde às mensagens dela. Dá uma chance.

– Dimitri, a Selma me deixou quando eu fiquei desempregado. Ela era interesseira.

– Cara, você não pode tá falando da mesma Selma que eu conheci! Isso não é possível. Pode ter havido um mal-entendido. Se é assim, você ainda tá desempregado, por que ela tá te ligando?

Willian pareceu ver alguma lógica naquilo, mas manteve-se impassível.

– Willian, a Selma pode não ser perfeita. Você também não é um anjo de candura! Mas vocês estão juntos há um ano! Pensa nisso, cara! Porque se depois de sete anos, ainda pensar nela, vai se arrepender de não ter nem ao menos escutado o que ela tinha a dizer.

Tanto Willian quanto Tarcísio pareciam pensativos com as palavras do amigo. Dimitri parecia esgotado, quando anunciou que ia sair para tomar um ar.

Tarcísio pôs-se a mandar mensagens carinhosas para a namorada e Willian resolveu avaliar as mensagens de Selma:

“Willian, precisamos conversar”; “Me liga”; “Atende, por favor”, “Willian, pelo amor de Deus, temos que conversar”; “Willian, você entendeu tudo errado”; “Willian, vamos conversar?” Eram mais de cinquenta mensagens. Ele ficou pensativo e chegou a digitar uma mensagem. Mas apagou. Seu orgulho e teimosia ainda estavam vigorosos apesar das palavras de Dimitri. Chegou a teclar o número, mas interrompeu a ligação assim que começou a chamar. Ele não era como Dimitri. Não podia ser.



Em toda a cidade não se falava em outra coisa. O Anjo Vingador era o assunto do momento. Uma mistura de medo, fascínio e misticismo tomava conta de todos. Para muitos, o cavaleiro encapuzado era um fantasma. Os empregados da fazenda de Sebastião Vilela estavam apavorados. Tanto os que encontraram o patrão e os convidados naquele estado deplorável, quanto os que foram rendidos na noite do ocorrido, antes que o Anjo pudesse chegar ao seu objetivo.

Os dois homens que vigiavam a casa como seguranças desde que o fazendeiro tivera o encontro fantasmagórico com o Curupira, não conseguiram ser discretos como lhes havia pedido o assustado patrão. Contaram para Deus e o mundo sobre como o tal vulto negro os desarmou com facilidade e deu golpes precisos. Nas palavras deles: “coisa de ninja, coisa de filme americano...”

Não deu outra: o Anjo Vingador já era a nova lenda de Recanto Sereno.

20 - Observando pássaros

Depois que o sol se pôs naquela tarde, a reunião foi na casa de Dr. Helênio. Tarcísio já havia preparado a câmera espiã para Carina. Ela vestiria um jaleco branco para caracterizar-se como enfermeira e usaria os cabelos presos e óculos para disfarçar seu visual atual. Acertaram os últimos detalhes. Ela e o doutor tiveram que conversar entre eles durante muito tempo repassando procedimentos, combinando o que dizer e como proceder. Enquanto eles tinham sua reunião de planejamento a um canto da sala, Tarcísio estava longe de poder ficar a sós com sua namorada. Dimitri e Willian, junto dele, queriam saber se a moça teria sido responsável pelos e-mails que levaram Dimitri a resolver ir para Recanto Sereno.

– Não! Claro que não! Nem conhecia vocês! Nem sabia seus nomes verdadeiros! Como ia enviar um e-mail para você, Daniel? Digo, Dimitri!

– Não poderia ser seu pai então? – perguntou o namorado, carinhosamente.

– Não. Meu pai jamais cogitou fazer algo a respeito do que acontece aqui até vocês convencerem ele...

– É que é muito importante achar quem enviou esses e-mails. A pessoa disse que eu não o encontraria, ele é que ia me encontrar. Bem, até agora, só temos tido como aliados você, seu pai e a Irmã. Então, pensamos se um de vocês não poderia ser o Jonathan Melo... – falou Dimitri tentando avaliar a reação da moça para ver se ela mentia.

– O quê?! – A moça espantou-se e fez-se lívida. Precisou sentar-se tamanho foi o choque que sentiu.

– O que foi, meu amor? – acudiu Tarcísio, genuinamente preocupado, inclinando-se para segurar-lhe a mão.

– Nada. É que... esse nome...

Dr. Helênio interrompera a conversa ao ouvir o referido nome e perguntou:

– Vocês estão dizendo que Jonathan Melo enviou um e-mail para vocês?

– Bem, na verdade, para o Dimitri – explicou Carina.

– Meus Deus! Não pode ser! – falou Dr. Helênio, emocionado.

– O que está havendo? Quem é Jonathan Melo afinal? – indagou Tarcísio.

Pai e filha entreolharam-se e aquiesceram em silêncio, apenas com um gesto da cabeça. Pareciam ter concordado em contar tudo.

– Jonathan Melo era meu pai – iniciou Maria Eulália. – Ou é, não sei. Vocês acabam de me dar esperanças de que ela esteja vivo. Eu pensava, nós

pensávamos que ele estivesse morto há muitos anos...

– Lália não é minha filha biológica. Ela e a família, os pais e uma irmã, viviam no acampamento. Eles, como quase todos os que lá foram parar, têm uma história parecida. Vieram de outro Estado, no caso deles, de Alagoas. Viviam na miséria por lá, e um “gato”, um aliciador, iludiu o pai de Lália com oferta de trabalho aqui. Eles aceitaram e vieram. Costuma ser assim: a promessa de um futuro melhor logo se transforma em pesadelo, porque já no primeiro ordenado são cobradas as despesas da viagem de Alagoas para cá e custos de alimentação. Já no primeiro mês eles estão endividados e não podem ir embora sem pagar. Aí, só piora. Só podem comprar do armazém do acampamento, pagam caro, a dívida só aumenta. Os documentos são retidos como garantia do pagamento que eles sabem que jamais ocorrerá. Os que fogem são caçados como animais por capangas armados.

Foi isso que aconteceu com os pais de Lália. Foram baleados na fuga. Eu encontrei Lália também baleada, caída numa moita, quando eu estava voltando do acampamento – falou sentindo um aperto no peito e deixando uma lágrima correr. Ela era tão pequenininha e magrinha... mal nutrida, murchinha... Fiquei com tanta pena... Ela tinha dez anos. Carreguei ela pro hospital e cuidei dela. Depois entrei numa briga para ficar com ela. Ameacei botar a boca no mundo se me tomassem aquele anjinho à força. Adotei. Meu silêncio foi o preço. Não sei se agi bem. Agi do jeito que deu. Eu tinha que salvar a minha pequena aí – falou esticando a mão para a filha, para segurar a dela, que retribuiu o gesto e deu-lhe um sorriso de gratidão banhado em lágrimas.

Aproveitando a pausa na narração, embargada pela emoção, veio a pergunta da boca de Dimitri:

– E os pais morreram? A irmã também? Então Jonathan Melo não poderia estar vivo...

Foi Lália quem respirou, recompôs-se e estava pronta para responder.

– Minha irmã se perdeu na fuga. Não cheguei a ver ela morrer. Nossos pais já estavam mortos e continuamos correndo. Meu Deus! Será que meu pai não estava morto? E nós deixamos ele lá? – falou com profunda tristeza e comoção. – Aí eu caí com o tiro e não vi mais nada...

– Para o acampamento ninguém voltou, disso eu sei – falou Dr. Helênio. – Sempre achei que estavam todos mortos. Eles sumiam com os corpos. Mas, o que você está me dizendo...? Que podemos ter esperanças...?

– Meu Deus! Meu pai! Será possível? – Lália estava muito emocionada. Doutor Helênio compreendia bem aquele sentimento, embora não deixasse de ser confuso para seus próprios sentimentos, afinal, ele se considerava o pai de Lália. Foi difícil de combater aquela centelha de ciúme. Mas ele precisava estar

do lado dela e ajudá-la.

– Não podemos afirmar nada. Mas nesse caso explicaria a vingança. Desde o início achamos que quem poderia estar por trás dos ataques por entidades do folclore seria alguém que teria ido embora e voltado para se vingar... Isso se encaixa perfeitamente.

– Então o ninja é o pai de Lália? – interpelou Tarcísio, mas foi ignorado.

– Para a idade que ele teria hoje, ele teria que estar incrivelmente em forma para fazer o que disseram que o tal Anjo Vingador fez – comentou o doutor. – Bem, ele era mais novo que eu... E quando a pessoa tem um propósito na vida... Possivelmente tem se preparado para isso a vida toda... – externou seus pensamentos.

– Mas alguém deve estar ajudando – concluiu Dimitri.

– Meu pai está vivo! – disse a moça em júbilo abraçando o namorado que a acolheu em seus braços. – Mas então, ele pode se machucar! – refletiu e revelou preocupação. – E ele não sabe que estou viva... Ou será que sabe? Se ele sabe, tinha que ter vindo me ver... E ele pode se machucar...

– Mas ele não está sozinho! E ele nos pediu ajuda. E estamos aqui para ajudar – proferiu Dimitri.

– Hora de entornar o caldo – completou Willian.

– Depois de amanhã é dia de observar os pássaros! – ironizou Carina. – Eu vou ser a observadora de pássaros! – falou com um sorrisinho sardônico levantando o braço como quem se voluntaria. – Depois, doutor, precisamos falar sobre você e sua filha deixarem a cidade por um tempo, para sua própria segurança. Temos também que acertar os detalhes das provas que o senhor disse que ia nos fornecer e sobre seu testemunho.



A quarta-feira chegou com o momento de colocar os planos traçados e revistos ao longo de toda a terça-feira cuidadosamente.

Carina reforçou as orações pela manhã antes de saírem. Pediu proteção a Deus, a Jesus e aos amigos espirituais. Depois ligou sua sintonia na louca Carina Braga, a repórter doidivanas que a segunda maior emissora do país transformara em quase uma estrela. Nesse espírito de “medo? o que é isso?” foi que ela entrou no acampamento com o Dr. Helênio.

Logo à entrada, olhares desconfiados dos guardas e um escrutínio por parte de Zezão, uma mistura de jagunço e capataz que parecia comandar o show por ali.

– Doutor Helênio, seja bem-vindo – falou arrastado com um tom que carregava sempre na possibilidade de um outro sentido em que pairava uma

ameaça velada. – Quem é a moça? O senhor sabe que tem que vir aqui sozinho...

Carina ficou apreensiva, assim como todos da equipe que recebiam a transmissão também em áudio naquele momento através de um ponto de escuta. Dimitri praguejou baixinho, Tarcísio respirou fundo e Willian bufou.

– Meu caro Zezão, eu estou ficando velho e cansado... Preciso de ajuda. Sou médico e não enfermeiro. Tem tarefas que não me competem, que podem muito bem ser feitas por uma enfermeira. Além disso, as mulheres se sentem mais à vontade com outra mulher por perto, quando vão fazer o exame ginecológico e obstétrico. Ela me poupa de procedimentos de preparo...

– Diacho. O trato nunca foi esse – afirmou de modo hostil, ainda examinando Carina dos pés à cabeça.

– Há quantos anos eu venho aqui fazer o meu trabalho? Vocês já não sabem que podem confiar em mim? – Doutor Helênio estava nervoso, mas em nada deixou transparecer para aquele homem. Dominou-se e conseguiu passar a tranquilidade necessária para ter credibilidade. – Dona Mercedes é de confiança também. Ela vem me ajudado muito ultimamente e não se importa nem se interessa pelo que possa ver aí dentro... Ela só está aqui para fazer seu trabalho.

– Ê, ê, ê. Enfermeira? – questionou o homem ainda cismado. – Como é que eu nunca vi essa moça antes?

– Zezão, a cidade é pequena, mas nem tanto que você tenha que conhecer todo mundo. E, cá entre nós, você não sai muito daqui, não é?

– Ela é muda? – implicou ainda.

– Não, senhor – adiantou-se Carina, estendendo a mão para o homem num cumprimento. Ele a apertou enquanto ainda a olhava franzindo o cenho. – Me chamo Mercedes. Vim ajudar o doutor.

– Mais essa! Ela é carioca! Fala chiando...

O grupo do outro lado quase prendia a respiração de tanta tensão. Doutor Helênio temia o pior, contudo mantinha-se sereno.

– Zezão, ela veio para visitar uma tia e acabou ficando por aqui... A vida no Rio de Janeiro não tá fácil... – falou tentando parecer natural, soltando até uma risadinha.

– Como se aqui em Recanto Sereno fosse um paraíso... – O comentário acompanhado de um sorriso mais relaxado trouxe alívio para todos os que participavam ou acompanhavam a cena.

– Pois é. Mas cidade pequena é mais sossegado, né? – comentou Carina.

– Sossego e serenidade. Não é à toa que a cidade se chama Recanto Sereno – emendou o médico.

– Tirando a maldição indígena... Ultimamente, égua, meus homens estão começando a acreditar nela e em tudo que é lenda besta que tem por aí... E para

completar: agora temos um fantasma...

– Fantasma? – Estranhou o doutor.

– Deixa pra lá. Égua, não vamos perder tempo com fofoca de gente supersticiosa. – Olhou novamente para Carina, ainda parecendo indeciso, para em seguida dar o veredicto: – Ela vai com o senhor, doutor. Mas é sua responsabilidade.

– Entendido. Obrigado.

O homem moveu-se para o lado, dando passagem a eles e com acenos de cabeça sinalizou isso para o médico e para os homens armados que embarreiravam o caminho. Passaram por eles adentrando a área que fora proibida antes para Carina e seu grupo.

As primeiras imagens que seu cérebro registrou já a chocavam. Para entrar no acampamento, tiveram que passar por parte da área de extração do dendê, um campo de trabalho, onde ela viu homens, mulheres e crianças cadavéricos, sujos e malcheirosos, dedicando-se ao trabalho sob a mira de armas de verdadeiros feitores modernos. Com o ânimo de zumbis e o olhar da total falta de esperança, refletiam o que parecia ser uma visão do inferno.

Carina pôde ainda reparar nas cicatrizes que muitos traziam, nitidamente resultados de castigos corporais que ela suspeitou trazerem grande semelhança à chibata. Carina sentiu-se enojada com tudo aquilo. Pensara ter visto já de tudo o que a maldade humana era capaz, contudo, surpreendia-se ainda ao constatar que o odioso tronco, grande flagelo dos negros até o século XIX no Brasil, ainda podia existir por ali.

Caminhou em silêncio ao lado do doutor, com quem vez ou outra trocava olhares, entre os quais o médico conseguiu ver comoção e retribuiu com ânimo e coragem. A câmera espiã fazia já o seu trabalho e todo o horror que as pupilas de Carina testemunharam também foi captado pelo aparelho sofisticado.

Para atender à gestante, seguiram até uma tenda. Lá dentro encontraram uma mulher magra e barriguda. A barriga contrastava soberba com a magreza crua exposta ali. Ela tinha vinte e seis anos, mas aparentava quarenta, tamanha a degradação de sua pele curtida pelo sol e evidentes maus tratos e falta dos mínimos cuidados femininos. Carina ajudou a preparar a mulher para os exames e ao mesmo tempo fazia imagens. Evitava focar a mulher em si para preservar sua intimidade e se afastou tão logo o doutor pôde iniciar o procedimento. Caso alguma imagem inadequada tivesse sido feita, por conta da posição do relógio, seria apagada, o filme editado.

Tudo estava bem com a mãe exceto uma quase certa anemia, que confirmariam com o exame do sangue que Carina coletou, além do evidente peso abaixo do esperado para uma gestante com cinco meses de gravidez.

Doutor Helênio fez recomendações a Zezão para que ela fosse melhor alimentada, que a família tivesse mais crédito para poder comprar mais comida. Sabia, no entanto, que nada fariam nesse sentido. Eles simplesmente não se importavam. Ele deixou com a futura mamãe um frasco de vitaminas e prometeu trazer mais na próxima visita.

Carina fez muita força para não andar apressada como queria, pois isso despertaria suspeitas. Desejava correr para fora dali porquanto havia o receio de serem descobertos e a sensação claustrofóbica de estar em uma zona umbralina. Saiu de lá desolada e envolvida em profunda apatia.

Quando já deixavam os limites do acampamento, a voz de Zezão soou às costas deles, alarmando ambos e também a equipe que ainda estava conectada a eles.

– Doutor, espere.

Voltaram-se um tanto preocupados. Teria ele suspeitado de algo? Eles estariam encrencados?

Ao chegar mais próximo, o homem estendeu sua mão que segurava o estetoscópio do médico.

– O senhor esqueceu.

– Obrigado – agradeceu com cortesia, sentindo um enorme alívio.

Despediram-se mais uma vez e suspiraram relaxados somente quando chegaram à cidade. Lá, separaram-se para evitar suspeitas e marcaram de se encontrar uma hora depois na igreja com todo o grupo. Seria menos suspeito do que o médico ir até o hotel. Passaram uma mensagem para a freira, avisando sobre a reunião.

Logo que Carina entrou em seu quarto de hotel, dirigiu-se imediatamente para o chuveiro. O banho foi rápido e apressado pelas batidas na porta. Vestiu-se rápido com básicos jeans e camiseta e atendeu à porta ainda passando o pente pelos cabelos molhados.

Seus colegas invadiram o quarto, ansiosos.

– Caramba, Carina! Por que não veio direto falar com a gente?

– Eu precisava tomar um banho para me livrar de toda aquela sujeira – falou fechando a porta atrás de si. Todos entenderam muito bem ao que ela se referia.

– O áudio foi impressionante – comentou Tarcísio.

– Vocês têm que ver as imagens. – Ela concluiu tristemente.

– Agora mesmo – anunciou o hacker, recolhendo o relógio com a câmera e iniciando seu trabalho com o notebook. O upload iniciou no mesmo instante em que eles assistiram às cenas iniciais. Mais tarde ele faria uma edição, entretanto precisava garantir que tudo estivesse seguro.

Apesar de seus esforços para manter o profissionalismo, o quadro que se desenrolou à frente deles era por demais infame para que ignorassem os sentimentos que lhes eram despertados. Um silêncio pesado de tristeza profunda se instalou no ambiente.

Carina olhava para o lado. Recusava-se a testemunhar novamente o horror. Após a exibição funesta, entreolharam-se e, mais uma vez, preferiram o silêncio. Dizer o quê?

O encontro na igreja serviria para providenciarem a partida do médico e de sua filha. Após o doutor Helênio ter feito o que fez, assim que o furo de reportagem saísse, eles deveriam estar longe, ou correriam grande risco.

Irmã Aparecida recebeu-os, como de costume, em seu escritório. Eles a puseram a par do desenrolar do plano e pediram o carro dela para ajudar a tirar seus aliados da cidade. Dr. Helênio e Maria Eulália chegaram de carro, com a bagagem já no porta-malas. Eles iriam em seu carro até o aeroporto de Carajás, mas Willian e Tarcísio usariam o carro da freira para acompanhá-los até Xinguara, metade do caminho para Carajás, por segurança. Eles pegariam um voo para Belém, onde a Polícia Federal cuidaria do depoimento e da segurança deles.

- Eu não quero deixar meus alunos – protestou Maria Eulália.
- Não tem outro jeito. Podemos voltar se todos forem presos, mas até a poeira baixar, é melhor, filha.
- Eu sei, pai. Mas largar tudo assim?
- É pro seu bem, Lália – ajuntou Tarcísio segurando-lhe as mãos.
- Não queria me afastar de você...
- É por pouco tempo, meu anjo – falou o rapaz emocionado.
- Promete que vocês vão encontrar o Jonathan Melo? O meu pai, se ele realmente está vivo...

- Nós prometemos – afirmou Dimitri.

Dimitri e Carina despediram-se de pai e filha agradecendo sinceramente.

- Obrigado, doutor – agradeceu o jornalista. – Não teríamos conseguido as imagens se não fosse pelo senhor. Lamento estar prejudicando a vida de vocês desse jeito. Faremos todo o possível para ajudar vocês a recomeçarem em outro lugar se quiserem, ou voltar pra cá, depois que tudo acabar. Vou usar todos os meus contatos e influência para isso. – E voltando-se para Lália – Desculpe por qualquer coisa – falou um pouco desconcertado, referindo-se a suas investidas logo que a conheceu. Terminou apertando a mão de ambos.

Carina abraçou pai e filha, sem nenhuma reserva. Logo depois seguiram para o pátio nos fundos da igreja com Willian, Tarcísio e a Irmã, que ia mostrar o carro, entregar as chaves e explicar as peculiaridades de sua “lata velha”, como

ela chamou o seu modelo antigo de Chevrolet. A freira despediu-se do Dr. Helênio com um aperto de mão, mas deu um abraço em Maria Eulália. Forte. Longo. De olhos fechados. Com um carinho e emoção que chamou a atenção de todos. Sorriu ao soltar a moça e disse:

– Vai com Deus!

Enquanto isso, Dimitri ligava para a emissora, acertava o furo de reportagem e posterior documentário. Incluiu nas negociações a reconstrução de Willian.

O comboio partiu e nessa etapa Tarcísio conseguiu que a namorada fosse com ele no carro da freira, enquanto Willian ia com o doutor em seu veículo. Eles foram conversando amenidades. Lália gostava também de filmes, livros e séries e o papo geek do rapaz em nada lhe era desagradável, ao contrário. Quando faltava pouco para o ponto de separação, ela precisou abordar o assunto.

– Tarcísio, eu vou ver você de novo?

– Vai – garantiu sem tirar os olhos da direção. – Quando tudo isso terminar, eu vou te procurar.

– Vai mesmo?

Diante da seriedade da conversa, ele saiu da estrada e procurou o acostamento. Parou o carro e desligou o motor.

– Lália, eu não vou deixar você sair da minha vida. Meus amigos me contaram uma história recentemente, sobre alguém que não acreditou na seriedade de um amor, deixou ele ir e perdeu esse amor. Isso me serviu para reafirmar minha decisão. Eu não sou esse cara. Sou mais esperto.

– Você falou de amor?

– Não é assim que se chama?

– É novidade pra mim.

– Pra mim também.

– Meio que assusta dizer, né?

– O quê?

– Eu te amo. Eu te amo, Tarcísio.

– Também te amo, Lália.

– Não é muito cedo?

– Pra quê? Pra dizer o que a gente tá sentindo? Só não pode ser é tarde...

– Tem razão. – Ela falou sorrindo satisfeita.

Encostaram suas testas, depois os narizes, que roçaram levemente um no do outro. Em seguida inclinaram a cabeça para encaixar os lábios em um beijo que celebrava aquela declaração.

21 - A marca do Anjo Vingador

Já era tarde da noite quando Willian estacionou o carro no pátio da igreja. Tarcísio, que veio dormindo de boca aberta e babando, acordou no instante em que o colega desligou o motor.

– Já chegamos? – Era uma pergunta retórica.
– Olha aquilo, Moleque.
– O quê? – perguntou passando a mão no rosto a fim de se livrar dos vestígios de sono.

– O trailer da freira.
– O que tem?
– Não acha esquisito uma freira ter um trailer?
Tarcísio fez uma careta de quem não sabia de nada e nem entendia nada.
– Vamos dar uma olhada?
– Quê? Por quê? – falou em protesto.
– Você não acha que essa freira estar assim do nosso lado tão depressa... bem, meio suspeito? A Carina acha ela esquisita e eu também acho – concluiu saindo do veículo.

Caminhou em direção ao objeto de sua curiosidade, sendo seguido pelo colega, que olhava para os lados, preocupado em ser flagrado pela Irmã.

– Quando eu era criança, estudei em colégio de freiras – falou nervosamente.

– E eu com isso? – devolveu Willian irritado.
– Elas me dão medo. E depois, deve tá trancado.
– Aposto que esta outra chave aqui junto com a chave do carro abre a porta – disse o cinegrafista erguendo o chaveiro para mostrá-lo ao nerd.

Com efeito, a chave era dali. Willian entrou e acendeu a lanterna do celular para enxergar. Tarcísio o seguia apreensivo, mas fez o mesmo. Olhou em volta e viu os mantos e objetos sacros.

– Viu? Tudo coisa de igreja. Vamos embora – disse apressado.
– Espera. Não acha que já era para ela ter desempacotado isso aqui? – expressou sua desconfiança e em seguida levantou um dos mantos. Caixas. Havia caixas de papelão. Willian pediu ao colega para segurar seu celular enquanto ele abria a caixa que estava bem fechada.

– Cara! A gente vai mexer nas coisas da freira? Pode ser... tipo... coisa muito pessoal... E a gente pode ir para o inferno por isso, sei lá...

– Não tenho tanta certeza se ela é mesmo uma freira... – falou segurando

algo peludo, que tirou de dentro da caixa.

– Uôou! O que é isso? – falou assustado retraindo as mãos junto ao peito e quase derrubando o celular.

– Não sei não – disse displicentemente e com ironia. – Mas me parece um... Capelobo ou Mapinguari... algum peludo desses... E olha, aposto que se abirmos as outras caixas, vamos encontrar o resto da turma do sítio...

– Willian! – sussurrou o rapaz em alerta, depois de reparar que uma luz do pátio se acendeu. – Acho que a Irmã está vindo!

Rapidamente Willian guardou a fantasia dentro da caixa e colocou de volta ao lugar. Apressaram-se em deixar o trailer e trancá-lo. Correram para o carro, entraram novamente nele e em seguida saíram devagar e foi assim que a Irmã Aparecida os viu assim que saiu para o pátio. Entregaram-lhe as chaves, agradeceram, deram boa noite e saíram dali normalmente, ou quase. Willian teve quase certeza de que a Irmã tinha uma cara desconfiada. Já Tarcísio estava confuso e amedrontado.



Dimitri e Carina ainda não tinham ido se deitar. Estavam conversando no quarto dos rapazes, esperando pela volta dos colegas para que pudessem dormir sossegados. Apesar de terem recebido mensagens dizendo tudo estar bem, precisavam ter certeza. Também já sabiam de seus contatos e pelo próprio Dr. Helênio, que eles já haviam embarcado no avião. Por isso, sorriram quando os viram entrar. Contudo, o sorriso murchou quando perceberam uma perturbação nos semblantes dos amigos.

– O que foi? Tudo bem? – Carina quis saber.

– Willian, Tarcísio. O que foi? Tudo bem com a Lália e o doutor?

– Com eles sim. Nós por outro lado... – começou Tarcísio.

– Dimitri, temos que conversar. É sobre a sua amiga freira.

Dimitri e Carina espreitaram os olhos de surpresa. Irmã Aparecida? O que tinha ela? Ele precisava perguntar.

– Está tudo bem com a Irmã, Willian?

– Cara! Essa mulher está nos enganando. Ela está metida com os monstros...

– Nós vimos tudo! Eu não queria, tenho o maior respeito por gente da igreja, mas o Willian pegou a chave e abriu, aí, tava tudo lá! – Tarcísio estava alvoroçado.

– Ah? O que vocês estão dizendo?

– Nós entramos no trailer da Irmã, Dimitri. E ela tem as fantasias das coisas guardadas lá... – explicou o cinegrafista.

– Nós não vimos todas, só uma. Mas havia outras caixas. Não deu para ver, porque a Irmã estava vindo e ia nos pegar.

– Nem precisa, né, Moleque? Se tinha uma, tinhas as outras... – resmungou Willian.

– É, mas até que eu gostaria de ter visto a fantasia de Iara e a da Mulher do Táxi... – conjecturou o nerd, já sabendo que seu comentário seria ignorado.

– Meu Deus! – exclamou Carina. – Eu te disse, Dimitri! Eu te falei que sempre achei essa Irmã esquisita...

– Então... a Irmã faz parte do esquema do justiceiro? – O jornalista perguntava a si próprio em voz alta. – Estando na igreja, no centro da cidade, seria uma boa localização para ajudar o justiceiro... E quem seria ele?

– Alguém que veio junto com ela? – sugeriu Carina.

– Eu já pesquisei. Ninguém veio junto com ela – atalhou Tarcísio.

– Então ele já estava por aqui antes... Talvez o Jonathan Melo, o pai da Lália, provavelmente usando outro nome. Ele é o nosso Anjo Vingador.

– E nós vamos encontrar essa celebridade depois de amanhã, ou, bem amanhã, já que passa da meia noite... – acrescentou Carina.

– O que vamos fazer com a freira, Dimitri? – questionou Willian. – Se é que ela é freira... – Vamos colocar ela contra a parede e ver se ela canta?

– Está falando sério, meu amigo? Você consegue se imaginar ameaçando física ou verbalmente aquela senhora, seja ela freira ou não? – espantou-se Dimitri.

– E vamos deixar ela na boa? – revoltou-se.

– Você se esquece, Willian, que quem trabalha com o Anjo Vingador é nosso aliado, não inimigo. Os caras maus são os que mantêm aquelas pessoas presas lá no meio da mata. E foi pra isso que viemos: para denunciar esses caras, não queremos prejudicar os sujeitos mascarados que estão infernizando a vida daqueles! Aqueles desgraçados merecem! – ponderou Carina.

– Primeiro vamos ver o que acontece. Mas é bom manter os olhos abertos em relação à nossa amiga religiosa... – decidiu Dimitri. – Agora, galera, o que a gente precisa é dormir, precisamos estar muito bem-dispostos para o que vem por aí. Durante o dia ainda vamos ter muito para ajeitar para sexta.

Todos concordaram e o cansaço e o avançado da hora os levou cada um para a sua cama.



Durante o dia, o hacker descobriu um pouco mais sobre a festa através das redes sociais. Tratava-se do aniversário da esposa de João Vivaldo. A festa seria no pátio da fazenda, a céu aberto, com churrasco, muita bebida, forró com

músicos ao vivo e presença de todas as personalidades da cidade.

– Perfeito. O Anjo Vingador vai atacar quando todos eles estiverem reunidos novamente. A essas alturas, o depoimento do doutor e as provas que ele disse que tinha contra todos os nomes envolvidos, como depósitos de pagamento para ele por cuidados no acampamento já estão nas mãos das autoridades... – comentava Dimitri.

– Meio descuidado da parte deles não terem feito os pagamentos em dinheiro... – comentou Willian.

– Você se esquece que essa gente não tem medo da justiça. Eles se acham intocáveis, contam com o medo das pessoas... Não acreditam que alguém vai fazer alguma coisa... Depois de anos, não ligam mais para o doutor – alegou Carina com tom de revolta.

– O que me intriga é o que esse Anjo pretende... Como vai atacar sozinho uma festa com seguranças... de um rico fazendeiro...? A não ser que ele vá com um exército – ponderou o nerd.

– Realmente. Provas ele não conseguirá. Não pode fazer tantos confessarem ao mesmo tempo, principalmente na frente de tanta gente, além de que, ele já tem as confissões em vídeo – admitiu Willian. – Só não sei se vão ser aceitas. É óbvio que houve uso de força, coação.

– Eu acho que o que ele quer é apavorar, criar pânico, desestabilizar emocionalmente essas pessoas. Ele quer que elas se caguem de medo... Afinal, toda a história com as lendas, criando uma nova, o Anjo Vingador, isso mexe com o inconsciente coletivo, com o psicológico das pessoas. E quem deve, teme – concluiu o jornalista.

– E ele quer que seja um show. Um espetáculo transmitido para todo o país. Por isso ele nos chamou. Vai ligar ainda mais os nomes e as caras dos malfeitores ao mal que eles fizeram, para que o processo contra eles não fique esquecido e arquivado como tantos outros em nossa justiça. Com a mídia em cima, com os holofotes voltados para esse circo, eles não terão escapatória – raciocinou Carina.

– É! É isso! – falou Dimitri como quem diz “eureka”. Moleque, consegue transmitir ao vivo?

– A conexão eu consigo... Se a emissora... – respondeu sem ainda entender direito.

– Você tá louco, Dimitri? – questionou Carina.

– Completamente doido! – concordou o cinegrafista.

– Se transmitirmos ao vivo, tudo vai aparecer! Não vai ter como borrarem as caras daqueles covardes para protegerem eles, não dá tempo de advogado fazer nada. Ao vivo é de emergência, ninguém pode falar nada!

- Mas e nosso documentário? – indagou Willian.
- Acho que teremos muito material ainda para isso depois que colocarmos todos na cadeia. Mas se não der, não deu. O mais importante é a notícia, a denúncia.
- Concordo. – Carina estava decidida.
- Mas precisaremos de mais de uma câmera para acompanhar tudo de ângulos diferentes. Uma com Willian, outra com o Moleque, que vai ao mesmo tempo transmitir. Eu e Carina vamos noticiar, fazemos o que fazemos: sermos repórteres.
- Bem, já fomos convidados para a festa – ajuntou Tarcísio.
- Como será que o Anjo Vingador conseguiu os convites? – questionou Willian. Não acho que ele seja bem-vindo...
- Isso não importa – emendou a garota do grupo.
- Como o povo daqui diz, temos que dar nossos “pulos”, o nosso jeito – disse Dimitri sorrindo, como sempre fazia quando tinha um plano. – Temos convites. Mas vamos entrar com as câmeras, então se formos questionados quanto a isso, diremos que estamos ajudando a equipe de filmagem da festa. Vamos chegar bem cedo...
- E se não der, a gente entra na marra – sustentou Willian falando entredentes.
- E a Irmã? Não vamos falar nada com ela antes? Nem meter ela no plano, né? – colocou Carina.
- Não. Vamos tratar com ela depois. Suspeito que ela já vai estar bem ocupada esta noite com sua própria equipe, auxiliando o Anjo Vingador.
- Gente! Tem um babado sobre a festa aqui no facebook da mulher do fazendeiro! – anunciou Tarcísio que nunca se separava de seu notebook ou se desconectava.
- O que é? – Carina quis saber.
- A festa vai ser um baile de máscaras, como diz no convite. Só que o João Vivaldo não queria, depois da história do folclore, mas parece que era um sonho antigo da esposa, teve uma discussãozinha aqui na rede social... e ele teve que ceder. Esses caras estão facilitando... Um baile de máscaras quando eles têm um inimigo mascarado – falou rindo. – Eles estão pedindo, não estão?
- E essa agora! Onde vamos arrumar máscaras em Recanto Sereno? – Dimitri pensou em voz alta.
- Onde qualquer cidadão aqui vai...? Por isso mesmo, a dona da festa providenciou. Vão distribuir máscaras masculinas e femininas na entrada... Tá aqui na página do evento... – continuou Tarcísio.
- Então é só caprichar na roupa – sentenciou Carina de bom humor.



Dimitri e sua equipe chegaram cedo à festa. Os rapazes vestiam ternos e Carina trajava um vestido vermelho. Enquanto para eles era bem fácil esconder as armas, ela trazia sua pistola presa a um coldre de perna embaixo do vestido. Não tinham a intenção de usá-las. Estavam lá como repórteres, deixariam todo o heroísmo para o Anjo Vingador, mas tinham que estar prontos para eventualidades.

A sensação de estarem em um filme de espionagem foi inevitável. Para Tarcísio, que nunca saíra a campo, era uma experiência assustadora, todavia libertadora e excitante, muito parecida com as que seus heróis da ficção viviam.

Willian carregava sua câmera profissional e Carina trazia a menor. Tarcísio trouxera a maleta com o notebook. Toda aquela parafernália realmente chamava a atenção, então a explicação de estarem ajudando a equipe de filmagem teve que surgir logo à entrada, onde também receberam suas máscaras. Daí por diante era torcer para que nenhum dos convidados os reconhecessem ou percebessem o que estariam lá para fazer.

Tarcísio se posicionou com o notebook e a câmera menor numa mesa de canto junto com Carina. Dimitri e Willian tomaram outra mesa afastada. A festa em pouco tempo lotou, o que era bom, pois no meio de tanta gente, eles não chamariam tanto a atenção.

Quando começaram a servir, Dimitri sentiu-se estranhamente atraído por uma garçonne do bufê. Ela tinha cabelos loiros curtos, na altura dos ombros, um tanto artificiais. Ele não lhe percebeu as feições, pois como todos na festa, ela usava também uma máscara. Esta era um pouco diferente das que foram distribuídas, era cor-de-rosa claro e maior, só deixava mesmo olhos e boca transparecerem. E que boca! Um batom rosado completava a obra de arte. Recriminou-se mentalmente por estar tentado a flertar, por estar se distraindo com uma mulher, quando estavam em meio a uma missão.

Mesmo sem querer, seu olhar a acompanhava enquanto ela servia refrigerante para os seguranças da festa, identificados pelo terno preto e aparelhos de rádio. Passou a ansiar que ela se aproximasse de sua mesa. Não aconteceu. Ela olhou para ele um instante e foi intenso, mas tomou outra direção.

Willian fez algumas imagens da festa, mas o que realmente interessava exigiria paciência. Dimitri não largava o olhar da loira e começou a ficar irritado por ela nunca se aproximar de sua mesa. Levantou-se num impulso, quando a viu se dirigir à cozinha, ainda com alguns copos cheios na bandeja. Correu para alcançá-la, deixando Willian perplexo. Quando ela entrou na área coberta, ele a alcançou. Tomou-lhe a dianteira e empenhou seu melhor sorriso.

– Evitando me servir, senhorita?

Observou o movimento dos lábios que ela entreabriu surpresa e achou-os deliciosos. Que loucura era aquela? Ele jamais se comportara daquela maneira! Parecia um adolescente sem controle de seus hormônios. Algo naquela mulher o fazia esquecer Nádia, ou lembrar dela, não sabia bem.

Sustentando um olhar atrevido para a moça, suas curvas e depois retornando para os lábios, flertando ostensivamente, ergueu o braço para a bandeja e pegou um copo com bebida. Ela arregalou os olhos por trás da máscara mostrando pasmo e desespero. Ergueu a mão para evitar, mas foi tarde, ele tomou um bom gole. Ainda assim, ela agiu. Deliberadamente derrubou o copo da mão dele com violência.

Dimitri ficou em choque com o ato e o barulho do vidro se espatifando no chão. A moça olhou para os lados e temerosa de que alguém aparecesse ali, deixou a bandeja em cima de uma banquetta do corredor e segurou o rapaz pelo braço, puxando-o consigo para fora dali.

Ainda desnorteado, foi deixando-se conduzir enquanto sentia uma pontada de dor de cabeça e tontura. Ela o guiou para longe da casa grande e da festa, entrou com ele no que parecia ser um estábulo de cavalos. Ela parou, colocou-o de frente para si e o sacudiu.

– Você bebeu! Não era para você ter bebido! Como está se sentindo?

– Eh... Foi só um gole. Por quê? O quê...? Quem é você? – balbuciou.

– Foco! Concentre-se. Responda: você está se sentindo bem?

– Tô legal – falou meio zozado, ainda consciente, inauditamente fascinado por aquela voz espantosamente familiar e por aqueles lábios... Tocou-os com as pontas dos dedos. A moça o repeliu, contudo ele insistiu no toque.

– Você está louco? Isso aqui não é lugar nem hora!

Mal terminou a última palavra, teve seus lábios cobertos pelos de Dimitri, que a envolveu com paixão e desvario. A princípio, ela resistiu, tentou empurrá-lo. Logo, porém, cedeu e o beijou de volta. Beijaram-se com ardente aflição até ficarem sem fôlego. Inebriados de desejo, num insensato afã, levaram-se um ao outro até um canto onde caíram por sobre um monte de feno.

Amaram-se sem nenhuma consideração ou lógica, sem pensar em consequências. Dimitri estava com sua consciência meio turvada e não raciocinava com clareza. No meio do ato foram-se as roupas e foi-se a peruca loira que a moça usava, deixando visível um coque de cabelos castanhos logo desprendidos em cachos escuros. Todavia, as máscaras permaneceram.

Foi instintivo, atávico, primitivo. Foi poético, primordial e também anímico: um encontro, que mais parecia um reencontro, de corpos e almas. Fundiram-se movidos por uma necessidade intrínseca e urgente. Sensibilidade e

emoção esmagaram qualquer centelha de razão.

Tudo não levou mais que meia hora em tempo cronológico, embora de minutos incontáveis e incomensuráveis naquele microcosmo particular comandado pela paixão. Ao final, Dimitri, exaurido e tonto, acabou perdendo os sentidos.



Willian começou a ficar nervoso com a ausência de Dimitri e impaciente com a espera de algum tipo de acontecimento. Passou a notar então, que algumas pessoas estavam desacordadas, com a cabeça caída por sobre a mesa e um burburinho de comentários sobre o fato iniciou a se espalhar. De pronto, viu que a exceção de um, todos os seguranças da festa estavam caídos no chão... Opa! Alguma coisa já estava acontecendo. Olhou para Carina e Moleque e viu que eles também estavam apreensivos. Carina começou imediatamente a agir como repórter e, para a câmera de Tarcísio disparou seu discurso em voz baixa, apenas para o microfone discreto que tinha na lapela:

“Boa noite, estamos ao vivo, de Recanto Sereno, Pará, da fazenda do Senhor João Vivaldo, em que está acontecendo no momento a festa de aniversário de sua esposa, Adélia Vivaldo. Nós estamos aqui por conta de denúncias de que nesta festa, teríamos o ataque do chamado Anjo Vingador, uma espécie de justiceiro, que está aterrorizando os poderosos da região envolvidos numa denúncia de trabalho escravo. Isso mesmo, eles estão sendo acusados de manterem por volta de 150 pessoas em regime de trabalho escravo em um acampamento no meio da mata aqui na região.

Já podemos constatar que alguma coisa começa a acontecer por aqui na festa. Pessoas estão desmaiadas, principalmente os seguranças da festa. – Imagens da câmera de Willian também eram transmitidas alternadamente com a outra câmera, permitindo uma visão de mais de um ângulo. – E a qualquer momento, esperamos então a aparição do Anjo Vingador. Seria ele um herói? Um bandido? Nós estamos aqui ao vivo e vamos deixar vocês, telespectadores decidirem. Enquanto aguardamos, vocês vão ficar aí com as imagens que foram feitas dentro do acampamento...”

A transmissão foi cortada temporariamente e os apresentadores do telejornal anunciaram as imagens que exibiriam em seguida, como tendo sido de trabalho investigativo dos jornalistas na cidade. O Brasil parou. Em todos os pontos, todas as cidades em que um aparelho de tevê estivesse ligado, as pessoas silenciavam diante da telinha contemplando as imagens do horror. Passado o estupor e minuto de luto espontâneo, um bombardeamento de mensagens pelas redes sociais e pelo celular convocavam todos a ligarem a televisão e verem. Os

mais tradicionais ligaram por telefone mesmo. Em instantes, a emissora de Dimitri alcançou audiência quase que total.

Além das imagens do acampamento por dentro, também foram exibidas aquelas nas quais homens armados impediram Carina e seu colega de se aproximarem. Os nomes dos denunciados foram enumerados, além de algumas poucas informações sobre cada um deles. Na sequência vieram as fotos feitas pelo Anjo Vingador e foi quando os âncoras contaram a história sobre as visitas dos personagens do folclore e apareceram as imagens do suposto Boto daquele vídeo amador feito por um morador e as fotos que Willian fez do capanga Renato, que apareceu espancado pela Iara. Também levantaram as suspeitas sobre o desaparecimento dos padres e de jornalistas naquela região, mostrando fotos dos desaparecidos.

Enquanto isso, na festa, muitas pessoas estavam recebendo também mensagens e telefonemas, sem dúvida de conhecidos que estavam assistindo à televisão. Súbito, o telão que exibia patéticas fotos da aniversariante em diferentes fases da vida, passou a transmitir algo bem diferente: um vídeo em que o Anjo Vingador ameaçava os culpados e a seguir, as mesmas fotos que ele enviara aos repórteres. Quase que instantaneamente, a transmissão ao vivo voltou justamente para mostrar o telão e as imagens que dificilmente teriam sido escolhidas pela aniversariante. Esta estava aos prantos, dando um ataque entre choro e gritos. O único segurança que ficou de pé, constatava, ao tentar reanimá-los, um a um, que seus colegas tinham sido drogados.

Naquele instante, Dimitri apareceu meio cambaleante, com as roupas amarrotadas, cabelo despenteado e com fiapos de feno. Willian não parou de filmar, mas deu-lhe um olhar de repreensão. Observando o cenário caótico que se instaurava, o rapaz acordou de vez, sob efeito de adrenalina.

Em meio a toda a confusão que já havia se instalado, alguns convidados já até se retiravam, mas todos ainda tiveram tempo de ver o vulto negro que de longe vinha trotando um cavalo também preto. A figura mascarada assustou, causou gritos e pânico geral. Os músicos pararam de tocar e recolheram seus instrumentos com sofreguidão. O cavalo saltou por sobre as mesas, derrubando algumas delas. Pessoas saíam correndo e gritando.

Os alvos principais não haviam sido drogados. Estavam de pé, sustentando o orgulho sem muita convicção, apavorados, como se aquele fosse o cavaleiro do apocalipse. De fato, ele representava uma espécie de justiça, ainda que não divina, porém avassaladora e impiedosa, algo que jamais supuseram ter de enfrentar. Em seus delírios de poder e ilusão materialista, nem cogitavam uma vida futura espiritual, ou, em suas insanas e deturpadas lógicas, bastaria um pedido de perdão a Deus no final das vidas para alcançarem uma glória celestial

imérita, como se Deus pudesse ser de alguma forma enganado ou manipulado devido à sua infinita benevolência. O Anjo Vingador, dessa forma, assumia as feições de uma justiça mística e justamente por isso, aterradora.

O segurança que estava de pé fez alguns disparos com sua arma na direção do cavaleiro, assim que teve uma mira limpa, sem pessoas correndo na frente. Ainda assim, não atingiu o objetivo, mas acertou um convidado. O Anjo disparou no homem, mas era um dardo tranquilizante. Ele cambaleou e foi ao chão. Manuel Dias e Sebastião Vilela tinham armas consigo e se puseram a atirar. O cavaleiro correu dos tiros, jogou facas e uma atingiu o braço de Manuel Dias, que temporariamente se afastou para retirá-la, sentindo muita dor. Ainda sendo alvo de muitos disparos, o Anjo rodeou a casa da fazenda sumindo de vista. Os atiradores ficaram desorientados olhando na direção para a qual o vulto foi. João Vivaldo correu para a casa para buscar armas e Dona Augusta e o Prefeito foram com ele. Adélia Vivaldo estava em estado de choque, sentada embaixo de uma das mesas, toda encolhida, com o rosto borrado pelo choro que destruiu a maquiagem.

O local já estava quase deserto, os convidados e músicos haviam debandado. Os garçons do bufê não se atreveram a sair da cozinha desde o começo da confusão. O fotógrafo e os que faziam vídeo correram para dentro da área da cozinha.

Já nesse ponto, Dimitri também havia assumido seu papel de repórter e havia feito algumas falas com a transmissão ao vivo:

“... as cenas foram impressionantes! Acho que todos vocês devem ter visto a audácia do Anjo Vingador, que fez jus ao seu nome e mostrou ao que veio. Impressionante. Todos aqui estamos quase sem respirar em expectativa, imaginando qual será o próximo passo desse herói... Será que podemos chamá-lo de herói?”

Uma pausa na transmissão ao vivo mostrou o resultado, até aquele momento, de uma enquete que a emissora estava promovendo para os telespectadores, que deviam responder à seguinte pergunta: “Para você, o Anjo Vingador é um herói?” 80% disseram que sim, 15% disseram que não e 5% disseram que não tinham uma opinião formada ainda. Em seguida, a emissora exibiu em reprise as cenas de toda a ação do Anjo Vingador.

Voltaram ao vivo com Dimitri comentando a situação toda, tudo sob a mira das câmeras e, portanto, de todo o Brasil. Sebastião Vilela e Manuel Dias sustentavam ainda suas armas em punho enquanto o vereador Asdrúbal Epaminondas escondia-se atrás deles, procurando proteção. Sorrateira e imperceptivelmente, o Anjo Vingador agarrou o vereador por trás, aplicando-lhe uma gravata. O gesto fez com que os outros dois se virassem prontos para atirar.

O Anjo desarmou Sebastião habilmente com um golpe marcial e Manuel foi imobilizado por Dimitri, que agiu instintivamente e de repórter, passou a coadjuvante naquelas cenas que lembravam um filme de ação. Imediatamente Carina assumiu o papel de Dimitri narrando toda a cena: “... e nosso repórter *Dimitri Arantes ajudou o Anjo Vingador! Ele A-JU-DOU! Num ato de heroísmo, já bem próprio do Dimitri que nós conhecemos! O Dimitri que já foi baleado, o Dimitri que já sobreviveu a bombas e granadas no Oriente Médio, mais uma vez, nosso Dimitri!*”

Depois de desarmá-lo, o Anjo Vingador nocauteou o fazendeiro com golpes que um conhecedor de artes marciais identificaria como sendo de Kung Fu. Depois tirou Manuel Dias da imobilização de Dimitri, acertando-o com um chute. Prosseguiu o feito com uma sequência de lindos chutes e golpes de mão aberta, diante de um Dimitri embasbacado, até que o capataz do fazendeiro também tombou.

Um tiro de espingarda chamou a atenção dele e de todos. Era João Vivaldo que viera da casa grande se sentindo poderoso. O Anjo jogou-se no chão levando Dimitri junto, a fim de protegê-lo. Em seguida rolou para debaixo de uma mesa. Mais disparos foram feitos. Dimitri afastou-se, sacou sua própria arma e buscou abrigo atrás dos banheiros que ficavam numa construção à parte no pátio da fazenda próximo à área usada para a festa. Ele havia levado um tiro de raspão e estava sentindo muita dor. Mesmo se protegendo, Willian continuava fazendo as imagens, Tarcísio transmitindo e Carina agora narrando.

O Anjo Vingador não parava, lançou seus dardos, mas não acertou nenhum, ainda assim, com cuidado e se protegendo, ia aos poucos se aproximando do atirador. Dimitri também atirou, embora sem intenção de matar, o que distraiu o fazendeiro e o fez fazer disparos que não na direção do herói. O Anjo percebeu e esperou que a munição do vilão acabasse. No que o homem ia esconder-se para recarregar, chegou com saltos mortais e o atingiu com um chute na garganta. Jogou a arma para longe e seguiu com os golpes. Semelhante ao que ocorreu com os outros, o homem não conseguia nem se defender nem atacar, apanhou até perder os sentidos.

Sirenes de carros de polícia e ambulâncias puderam ser ouvidas se aproximando. Mas foi um tiro inesperado que fez palpitar corações e gelar a alma de mais de uma pessoa ali. Todos os olhares se viraram e viram que Dona Augusta havia atirado em Carina. A velha havia se aproximado dela, de Tarcísio e Willian, que trabalhavam juntos naquele momento, e mandado que parassem de transmitir. De jeito nenhum eles fariam o que ela mandava. O Brasil tinha que saber. Assim como agora sabia e via aquela mulher desesperada e vil que ainda segurava a arma fumegante, que acabava de assassinar Carina Braga, a valiosa e

destemida repórter, como seria descrita pelo âncora da emissora, assim que a transmissão se encerrasse.

Willian, dividido entre pular em cima da assassina e continuar seu trabalho, largou a câmera com Tarcísio e escolheu a primeira opção. Sacou sua arma e apontou para ela. Aproximou-se da mulher e com rapidez e destreza tomou-lhe a arma. Seu primeiro impulso foi pagar na mesma moeda. Apontou para ela a pistola com os dentes rangendo de raiva. Apertou a coronha com força e indecisão. Porém, não era assassino. Guardou as armas e aplicou-lhe um soco tão certo e forte, que a nocauteou. Tarcísio, muito abalado, continuava a transmissão e a filmagem sem saber o que fazer e com a imagem de Carina e uma poça de sangue no chão turvando sua visão e ameaçando fazer com que ele desmaiasse. Teve que respirar fundo e buscar uma força que não tinha. Willian ajoelhou-se perto de uma Carina inerte ao mesmo tempo em que Dimitri também chegou para abraçar a amiga. Nesse instante as transmissões foram encerradas.

Chegaram representantes das polícias Federal, Civil e Militar. Eles vinham para contornar a situação, mas também efetuar a prisão de todos os envolvidos no escândalo da exploração de trabalho escravo. Chegaram junto com eles também carros de outras emissoras de tevê, de jornais de circulação e outros meios de comunicação. Detiveram todos os nomes citados na denúncia que já fora aceita pelo Ministério Público do Trabalho. Outros foram intimados a depor. Trouxeram autorização e mandados para revistarem tudo, vasculharem computadores, papéis... Outras equipes estavam fazendo o mesmo nas propriedades dos outros envolvidos e o acampamento estava sendo desmantelado naquele exato instante.

As ambulâncias cuidavam de convidados que passaram mal e não tinham conseguido fugir da festa, dos que foram drogados e dos que foram baleados. Os paramédicos chegaram para socorrer Carina, entretanto, só pelo olhar deles ao primeiro exame, todos souberam que as chances eram mínimas. Por isso deram alguns instantes para os amigos antes de removê-la para a maca, pois nem a isso ela poderia resistir.

Dimitri e Tarcísio choravam copiosamente. Só Willian, durão até os ossos, deixou cair uma única e emblemática lágrima.

– Vamos, Carina, reage! É só um tiro! Quantos você já levou! Não vai me aprontar essa, né? – Dimitri disse em tom brincalhão em meio a muito choro.

– Amiga, por favor! Quem vai cuidar das minhas roupas pra eu não me vestir que nem um jeca? – lamentou Tarcísio.

– Alguma coisa estava me avisando... – disse a moça com dificuldade. – Quando pus os pés nessa cidade... Mas foi bom. Fizemos justiça. Valeu a pena!

– Para! Não faz isso não! – reclamou Willian fazendo muito esforço para

não chorar.

– Dimitri, eles estão aqui... – Ela murmurou com um sorriso de pura felicidade, espantoso para aquela situação. – Eles estão aqui... – repetiu com lágrimas de felicidade.

– Quem? – perguntou o colega em pleno estupor.

– O Tiago e a Carol. Eles vieram me buscar... Quanta felicidade, meu amigo! Por favor, rezem por mim, mas não sofram. Deixem-me ir sem angústia. Pensem em mim com alegria. Assim vocês me ajudam e tornam mais fácil o meu desencarne...

– Não, não, não... – protestava Dimitri em meio a um choro convulsivo.

– Por favor, Dimitri, não se culpe. Eles estão me dizendo que você vai se culpar, por ter me trazido – falava com cada vez mais dificuldade. – Não é culpa sua. Chegou a hora, só isso. Não fosse assim, seria de outro jeito. Também tem que dizer ao Anjo Vingador o mesmo. Eles disseram que ela, ele, isso está meio confuso... Bem, eles estão me dizendo que ele também vai se culpar. Por favor diga a ele – completou com extremo esforço.

Naquele momento, foi que Dimitri se lembrou do Anjo Vingador. Olhou em volta e nada dele. Evaporara. Claro. A polícia com certeza o prenderia. Quando olhou de volta para a amiga, ela já havia partido.

– Carina! Carina! – gritava o jornalista segurando o rosto da amiga com as duas mãos. Depois fechou os olhos, abriu-os novamente em pranto, acariciou-lhe os cabelos e soluçou. O choro intensificou-se, porém ele o controlou, buscou forças para despedir-se da amiga. Depositou-lhe um beijo suave na testa e em seguida manteve sua própria frente encostada a dela. – Adeus, amiga. Vai com o Tiago e Carol. Seja feliz no plano espiritual. Algum dia a gente se vê de novo.

Levantou-se e deu a vez aos outros colegas para se despedirem. Willian ajoelhou-se, colocou a mão sobre a testa da amiga e murmurou apenas:

– Foi uma boa luta, companheira. Oss!

Por fim, Tarcísio também se abaixou para se despedir. Beijou-a em ambas as faces. Chorava de mansinho e murmurou junto ao rosto dela:

– Não te conheci há muito tempo. Só recentemente, para esta missão. Mas nesse pouco tempo, ganhei uma grande amiga. Obrigado. Espero que você esteja certa aí na sua doutrina e, nesse caso, boa viagem. Fala bem de mim lá pro chefão, tá?

Levantou-se lentamente. Os três amigos entreolharam-se e dirigiram novamente o olhar para amiga sem vida. Ninguém se atrevia a se mover ou falar nada. Os paramédicos apenas constatarem o óbito e o corpo foi levado.

– Você acha que é possível? – perguntou Tarcísio.

– O quê? – manifestou-se Dimitri totalmente desolado.

– Que os espíritos do marido e da filha estivessem mesmo aqui? Que tenham vindo buscar a Carina?

– Eu acredito sim. Eu PRECISO acreditar – respondeu em nítido sofrimento. – Ela me explicava uma porção de coisas sobre isso. Eu nunca formei uma opinião definitiva, mas muito do que ouvi dela me consolou em momentos horríveis de mortes que presenciei. Tem lógica, sabe? Porque se não for assim, nada nessa vida faz sentido. Que diferença faz ser bom ou mau? Ser uma pessoa como a Carina ou um lixo como essa Dona Augusta, se no final tudo acabasse em um nada absoluto? Simplesmente o que a Carina falava faz mais sentido...

Calaram-se novamente por alguns instantes com o olhar vago e os pensamentos soltos e desorganizados.

– Ela disse para eu não me culpar, mas me sinto culpado. Eu que chamei a Carina para vir com a gente...

– Não entra nessa não, cara! – falou Willian colocando a mão no ombro do amigo. – Por ela. Ela te pediu. Se não fosse aqui, podia ser em qualquer parte do mundo. Igualzinho a gente, ela só vivia se metendo em confusão...

– Eu sei, mas...

– Esse desgraçado desse Anjo Vingador! Se alguém é culpado é ele! Qual a necessidade desse circo? – Tarcísio falou com revolta e ainda chorando. – Foi só para a Carina morrer!

– Ué? Ele não era seu herói brasileiro de HQ, nerdezinho? – provocou Willian.

– Pra sua informação, eu prefiro o termo geek! E um herói pode facilmente enveredar por...

– Pelo amor de Deus! Vocês dois! – pediu o jornalista ainda com lágrimas nos olhos. – Pela Carina! Ela pediu! Ela também não culpa o Anjo Vingador! A única culpada é aquela mulher odiosa que atirou nela e essa corja de gente suja desta cidade! E nós e o Anjo acabamos com eles!

– Tá. E agora? – perguntou o nerd.

– Agora a gente vai continuar o trabalho. Quando acabarmos, vamos cuidar do funeral da Carina. Willian, liga a câmera. Moleque, reestabeleça a conexão para voltarmos ao vivo. E vamos começar com uma tomada em zoom daquela marca lá! – falou apontando para as enormes letras AV cravadas a faca e cobertas por tinta spray preta na parede da casa grande.

– AV? Hum. Claro. Anjo Vingador.

22 - Perdas e danos

“O Anjo Vingador deixou sua marca. Nunca mais esta cidade se esquecerá desse dia. A todas as lendas do Pará, mais uma será acrescentada: a do Anjo Vingador. Os homens maus o temerão. E se for preciso, para fazer justiça, ele voltará. Infelizmente, no meio disso tudo, houve uma vítima fatal: Carina Braga, repórter correspondente, investigativa, jornalista, colega de profissão e uma amiga. Foi uma perda irreparável... Mas quantas vidas já não foram perdidas também naquele acampamento, por maus tratos, por doenças ou vilania? E quanta barbaridade havia por aqui? E por esse Brasil afora? Assusta pensar em quantas mais pessoas podem neste exato momento, ainda serem vítimas de escravidão em pleno século XXI. Carina se foi, mas a causa foi nobre e nos lembraremos dela com orgulho. Eu sou Dimitri Arantes, de Recanto Sereno, Pará.

Encerraram definitivamente as transmissões ao vivo, já tarde, considerando que estavam indo ao ar interrompendo a programação normal da emissora, já que o jornal de âmbito nacional havia passado do horário e tinha sido encerrado. No entanto, ainda havia muito trabalho a ser feito. Precisavam filmar pensando também no documentário. Fizeram mais imagens do local após toda a bagunça. Entrevistaram as pessoas que ainda estavam por lá, na maior parte, aquelas que se esconderam na cozinha e não viram muita coisa. Mas precisavam colher todo material possível e as impressões e emoções que cada um havia passado também renderiam bons momentos a serem selecionados posteriormente.

Dali, foram para o local do acampamento. Em plena madrugada, a floresta estava cheia de luzes devido à grande quantidade de lanternas, holofotes, imprensa e polícia. Eles chegaram ainda a tempo de filmar grande parte da caravana de ex-escravos deixando o que fora sua senzala por anos. As cenas eram fortes e comoventes, acentuadas pela predileção da câmera por mulheres carregando crianças de colo e outras pequenas sendo conduzidas pela mão. A equipe teve que ceder a novas lágrimas, o que confirmou que aquela com certeza era a noite mais triste e dramática de suas existências.

As pessoas eram conduzidas pelas trilhas da mata até a estrada onde carros iam e vinham buscando-as e levando-as até a cidade. Em sua mente, Dimitri elegeu uma trilha sonora para aquele momento: “Admirável gado novo”, de Zé Ramalho. Chegou a escutar em sua cabeça os versos mais pungentes: “Vocês que fazem parte dessa massa/ Que passa nos projetos do futuro/ É duro tanto ter que caminhar/ E dar muito mais do que receber/ E ter que demonstrar sua coragem/

À margem do que possa parecer/ E ver que toda essa engrenagem/ Já sente a ferrugem lhe comer/ Êh, ôô, vida de gado/ Povo marcado/ Êh, povo feliz! E a música em sua cabeça ardeu em seus olhos e trouxe o pensamento de que jamais chorara tanto em sua vida em tão curto espaço de tempo.

Acompanharam a última leva até a cidade, para ver o que seria feito de toda aquela gente. Eles estavam sendo instalados provisoriamente na quadra de uma escola pública e Tarcísio lamentou que Lália não estivesse ali para ajudar, era o tipo de coisa que ela adoraria fazer. O sol começava a nascer e o cor de rosa no azul junto com um frescor da manhã soprava a esperança de um novo tempo. A expressão passou pela cabeça do rapaz mais jovem e com ela veio a lembrança de uma letra de Ivan Lins, Novo Tempo: *No novo tempo, apesar dos castigos/ Estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos/ Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer/ No novo tempo, apesar dos perigos/ Da força mais bruta, da noite que assusta, estamos na luta/ Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver...* A canção dominou seus pensamentos e ele começou a assoviá-la, atraindo os olhares de estranhamento dos amigos. Mas logo eles entenderam. Tudo parecia mesmo apontar para uma nova direção e novos rumos naquele dia. “Novo Tempo...”

Os rapazes sentiram o estômago reclamar por um café da manhã reforçado devido a uma noite insone, todavia, o rosto faminto daquelas pessoas sendo alojadas na quadra tornou a fome deles muito egoísta e menor. Tarcísio foi encarregado de ir providenciar café da manhã para todos. Dimitri não queria saber quanto aquilo ia custar. Ele tinha bastante dinheiro. Embora não pensasse sobre isso, sabia que era rico. Então aquilo lhe pareceu um gesto ainda muito pequeno, quase uma obrigação.

Enquanto o rapaz saiu em sua diligência, Dimitri e Willian continuavam o trabalho. Entrevistaram o máximo possível das pessoas. Um intervalo foi feito uma hora depois, quando Tarcísio chegou acompanhado da dona de um restaurante pequeno da cidade e seus funcionários, carregando cestas e mais cestas de pães e outros alimentos. Foram servidos café, leite, suco, água, pães com manteiga e frutas.

O cansaço era visível nos rostos dos três documentaristas, mas ainda havia trabalho a ser feito. Serviram-se dos alimentos para o corpo e nutriram suas almas com as cenas daqueles seres que comiam com satisfação e a sofreguidão de quem não está acostumado com fartura. A dor estampada nos semblantes exibia esperança, porém com a desconfiança de quem nunca recebeu nada da vida sem pagar muito caro em troca.

Já era hora do almoço quando terminaram de entrevistar todos os refugiados que se dispuseram a falar. Também conversaram com delegados e

oficiais de polícia. Dimitri foi informado de que não precisava se preocupar. O governo forneceria as refeições dali por diante. Assistentes sociais seriam designados para acompanhar todo o processo de inserção daquelas pessoas na sociedade. Documentos novos seriam providenciados se os retidos pelos criminosos não fossem encontrados. E como próximo passo, seria feita a recolocação dos trabalhadores em empregos legais.

Numa das conversas com um delegado da Polícia Federal, descobriram que o Prefeito da cidade havia escapado. Todos foram presos menos ele.

– Filho duma égua! – rosnou Willian, assim que se afastaram do delegado.

– É, égua entrou mesmo no vocabulário do Willian, está quase virando paraense! – debochou Tarcísio.

– Melhor que o que ele costumava dizer antes... – falou Dimitri com o primeiro sorriso em 24 horas.

– Temos que pegar esse cabra, Dimitri! – continuou o cinegrafista ignorando os comentários sobre seu vocabulário.

– Agora já deve estar longe... – lamentou Tarcísio.

– Bem, o delegado me garantiu que estão patrulhando as estradas e aeroportos mais próximos. O que podemos fazer é enviar uma foto dele para a emissora exibir em rede nacional. Isso vai ajudar, porque as pessoas podem denunciar. Faz isso pra mim, Moleque?

– Pra já.

Naquele instante, o celular de Dimitri tocou. Ele identificou quem era e seu rosto se tornou uma máscara torturada pela dor novamente.

– É a tia da Carina. A única parente que ela tinha lá no Rio... – anunciou antes de se afastar para falar ao aparelho. Voltou alguns instantes depois, não menos triste. – Ela queria saber quando o corpo vai chegar ao Rio para o sepultamento. Temos que providenciar... Vamos ter que ir... Temos que... comprar passagens, o mais rápido possível. Hoje à noite no máximo. Moleque...

– Pode deixar, chefe! Eu vejo isso tudo – disse e partiu em sua nova e triste missão.

– E nós, Dimitri? O que falta?

– Ouvi dizer que o Anjo deixou as marcas AV na casa de todos os envolvidos e no obelisco da praça. Vamos fazer imagens disso. Depois do enterro vamos ter que voltar para finalizar ainda mais algumas coisas... Mas vamos! Ainda dá tempo para mais imagens. E eu ainda preciso... Deixa pra lá. Isso fica para depois.



Algumas horas antes...

O Prefeito de Recanto Sereno, Policarpo Donizete, conseguiu dirigir até Xinguara, onde dormiu algumas horas no sítio de um amigo político. Logo pela manhã, pegou a estrada novamente, precisava chegar o mais rápido possível ao aeroporto em Carajás para fugir em definitivo. Uma temporada na Europa com o dinheiro de sua conta na Suíça não seria nada mal.

Deixaria as coisas se acalmarem, conversaria com seu advogado e prepararia sua defesa. Por enquanto, julgou prudente evitar uma prisão... Prisão! Tinha horror àquela palavra! Tinha cabimento? Um político preso? Em seus tempos de meninice isso era inconcebível! Seu pai fora deputado e prefeito e deixava rastros muito mais descuidados que os seus e jamais fora acusado de nada! No entanto, tantos de Brasília estavam sendo presos ultimamente nas tais operações anticorrupção... Será que o país estava realmente mudando? Será que a corrupção e desonestidade no Brasil estariam com os anos contados?

Não acreditava. Temia. Mas não acreditava. Pelo menos ele se encarregara de que a educação em seu pequeno município continuasse defasada, deficiente, precária! O suficiente para o povo continuar ignorante e para ele e seus aliados permanecerem no poder levando todas as vantagens que quisessem recebendo os votos daquela população que pouco sabia, pouco conhecia e pouco raciocinava.

Assim pensava enquanto seu motorista, que era também seu segurança, dirigia um carro emprestado do amigo, a fim de não ser tão facilmente localizado pela estrada que nunca lhe parecera tão longa e sem fim. Mais adiante, alguns cones e uma placa sinalizavam um desvio por uma estradinha lateral. Aquilo não estava nos planos...

- O que é isso?
- Sei não, patrão. Nunca peguei desvio por aqui...
- Égua não! Tenho que chegar o mais rápido possível lá na caixa prego! O aeroporto ainda tá longe! Putisganga!
- Pode ter acidente mais à frente... Deve ter motivo... Muito palha...
- Então “bora” logo! “Borimbora”!

Seguindo pelo desvio, a estrada ficou mais estreita, sem asfalto, com muitos buracos e desceu de nível. Dos lados, só vegetação alta. Subitamente um ronco de motocicleta rugiu segundos antes da moto em si surgir diante deles com uma figura toda de negro que fez o prefeito sentir o ar lhe faltar aos pulmões. Ele reconheceu o Anjo Vingador, o terror do qual fugiu naquela festa. Tinha sido o mais esperto. Em vez de enfrentá-lo, fugira. Fizera bem, considerando que chegou a ver a caravana de carros de polícia que se dirigiam ao local. Escapulira não só do mascarado, como também da lei. No entanto era ele que o prefeito mais temia. As leis eram feitas por pessoas como ele, Policarpo Donizete, para

beneficiar a eles mesmos...

Mas o que era aquilo ali? Um justiceiro? Ou um fantasma? Tinha ME-DO! Muuuuito! Desde aquela cobra gigante! Até aquele dia ainda não conseguia esquecer todo o cagaço que sentira ao vislumbrar a Boiúna! Nem tinha explicação lógica. Somente o sobrenatural era plausível. E se a Boitatá era real, aquele ali também... Um anjo vingador de Deus? Para puni-lo pelos seus crimes? Ou enviado pelo diabo para carregá-lo para os quintos dos infernos? Um tremor tomou conta de seu corpo e em seguida ouviu o primeiro tiro. O cavaleiro na moto rodeava a frente do carro não o deixando prosseguir. Ele empinou a moto e rodou com ela sustentada somente na roda de trás. A destreza e movimentos audazes do motociclista só aumentavam o pavor do prefeito, que se via diante de algo inédito e possivelmente atribuído a forças desconhecidas. O motorista puxou sua arma e fez um disparo com a mão esquerda, sem largar a direção que controlava com a direita.

– Passa por cima, homem! – gritou o político em desespero. – Acelera e atropela!

O homem ia obedecer, mas antes que acelerasse para cima do Anjo, este acertou seus pneus com uma pistola. Ele tentou assim mesmo acelerar, porém o carro com os pneus estourados empacou num pedregulho que agarrou a primeira roda. Policarpo Donizete sacou sua arma e saiu do carro quase ao mesmo tempo que seu empregado. O Anjo continuou a rodear com a moto, jogou-a de lado, derrapando para cima deles. Pulou dela antes que ela fosse em cima do segurança, que teve sua perna seriamente machucada presa pela roda do veículo. A poeira seca do barro da estradinha lançada para todos os lados pela moto antes de tombar prejudicou a mira do prefeito, que errou mais dois tiros.

Aproveitando-se disso, o Anjo Vingador deu um chute impulsionado que acertou o homem no rosto, fazendo-o perder o equilíbrio tempo suficiente de desnorteio para que ele o pudesse desarmar e chutar para longe o revólver. No mesmo instante o mascarado percebeu que o segurança preso à roda ainda o tinha na mira e lançou uma faca que o feriu na mão ao mesmo tempo que o desarmou. Apanhou a arma dele do chão e a pôs na cintura. O mesmo fez com a outra que chutara. Voltou para o segurança caído e acertou-lhe a cabeça com um chute giratório. O homem desfaleceu na hora.

Em seguida avançou para o prefeito.

– Não! Pelo amor de Deus! Tenha misericórdia! – implorou o patife.

– A mesma misericórdia que teve de Jonathan Melo e sua família? E de todas aquelas famílias que manteve como escravas? – soou a voz artificial e metálica do Anjo.

Nada mais disse, apenas encarou o olhar de desespero de Policarpo e

desferiu vários golpes: chutes laterais, socos e golpes de mão aberta. Bateu até o homem cair sem sentidos.

Duas horas depois, uma camionete despejou os dois homens feridos e inconscientes, enrolados em fita isolante grossa diante de um posto da Polícia Rodoviária. Uma folha de A4 colada junto a eles dizia: “Com os cumprimentos do Anjo Vingador” e trazia o AV desenhado bem grande. Um carro da polícia ainda tentou seguir a camionete, mas encontrou-a abandonada logo após a primeira curva numa parada de caminhoneiros. Perguntaram por ali, todavia ninguém sabia de nada.



Tarcísio chegou com novidades à praça. Willian filmava Dimitri que comentava a marca do Anjo Vingador no obelisco. Semelhante às demais, era cravada com faca e coberta com tinta spray preta. Distintamente das outras que encontraram em todas as casas dos bandidos, no entanto, esta trazia abaixo uma frase desenhada em letra de forma: “Se preciso, eu voltarei”. O rapaz esperou que eles desligassem a câmera.

– É, o Anjo quis deixar um recadinho para as futuras gerações de canalhas. Moleque, tudo resolvido?

– Tudo. Nosso voo sai amanhã. Aluguei um carro para a gente ir até o aeroporto e providenciei o transporte do corpo. Precisamos dormir esta noite.

– Beleza.

– Agora, vocês não vão acreditar!

– O quê?

– Eu meio que interceptei os rádios das polícias, sabe? E descobri que prenderam o prefeito.

– Isso é ótimo! – exclamou Dimitri.

– Mas não foi a polícia...

– Como assim?

– Foi o Anjo Vingador. O cara já tinha passado de Xinguara e o Anjo apareceu numa moto e pá, pum!

– O quê? Como?

– O prefeito fugiu com um motorista e os dois estavam armados, mas o Anjo furou os pneus com bala e caiu de porrada em cima deles! Foi o que eles disseram para a polícia que prendeu eles. Isso depois que o Anjo jogou eles em frente a um posto da Federal com um bilhete assinado “Anjo Vingador”! Demais! – falou rápido e com aquele tom de empolgação de fã.

– Ih! Já vi que voltou pro fã clube do herói. Acabou a raiva dele, é? – provocou Willian.

– Se a Carina acha que não foi culpa dele... Ele foi culpado, mas sem querer... Ele só queria fazer justiça. E pegou o desgraçado do Donizete! – falou ensaiando uns socos no ar.

– Bem, é bom saber que ninguém vai sair impune, a não ser pelas já normais impunidades de nossas leis, né? Quanto a isso, nós estaremos com toda a mídia, de olho, vigiando e criticando – comentou Dimitri.

– E agora, Dimitri? Podemos ir para o hotel, comer alguma coisa e dormir? – perguntou Willian. – São três da tarde, mas eu dormiria até amanhã...

– Vocês podem ir, meus amigos. Eu já estou virado mesmo e só vou dormir à noite. Preciso ainda resolver duas coisas.

– A Irmã Aparecida! – sentenciou Willian.

– É uma delas.

– E a outra?

– É uma mulher misteriosa que estava na festa...

23 - Rastros

Willian e Tarcísio não contiveram a curiosidade que acabou vencendo o cansaço. Foram com Dimitri até a igreja confrontar a freira. As portas da igreja estavam trancadas. Contornaram a construção e entraram pelo pátio dos fundos. A primeira coisa que notaram foi a ausência do carro e do trailer da Irmã. Entreolharam-se já suspeitando do que descobririam.

– O carro tudo bem, mas aonde a Irmã iria com o trailer? – indagou Tarcísio levantando a hipótese que começavam a confirmar.

– Embora – respondeu Willian. – Aposto que a velhinha se mandou.

Entraram pela porta lateral que estava apenas encostada. Lá dentro, o silêncio que era quebrado apenas pelos passos deles no assoalho da igreja. Foram até o escritório da Irmã, onde ela sempre os recebia. As gavetas estavam vazias. Entraram na casa paroquial e não havia nenhum sinal dela nem de seus pertences.

Willian e Dimitri olharam para tudo, até para o teto, entretanto nada lhes dava nenhuma pista. O último lugar a ser revistado foi o quarto da Irmã. Tarcísio sorriu com cara de quem teve uma lâmpada se acendendo por sobre a cabeça. Sumiu dentro dos aposentos e voltou com um saco de lixo que pegara no banheiro.

– Mas que mer... – iniciou Willian.

– Nos seriados de tevê, os peritos sempre procuram pistas no lixo... – explicou o rapaz.

– Eles têm luvas – rosnou Willian com cara de nojo.

– Tá, espera! – disse e sumiu de novo, voltando com sacos de lixo vazios que colocou como luvas em suas mãos. Pôs-se a revirar o lixo sob o olhar curioso de Dimitri e de asco, de Willian.

– Só papel higiênico e mer... – comentava o mais velho fazendo uma careta.

– Olha isso – falou retirando do lixo alguns frascos de produtos de maquiagem vazios. – Que eu saiba, freiras não usam maquiagem... As irmãs do meu colégio não passavam nem batom...

Dimitri pegou os frascos sem nem se preocupar em proteger as mãos e leu que se tratava de espécies de base, mas algo profissional, nada parecido com o que as mulheres normalmente usavam, pelo menos não com o que as garotas com quem saía costumavam passar.

– É, não acho que a Irmã estivesse preocupada em esconder rugas... Acho

que ela criava rugas... Nossa Irmã pode ser bem mais jovem do que aparentava...

Tarcísio pegou o notebook e pesquisou sobre o produto achado.

– Isso aí é usado por maquiadores de cinema para acabamento e contornos de máscaras...

– Caramba! Isso significa que ela não só ajudava o Anjo Vingador, tipo dando guarida... Ela usava as máscaras do folclore! – concluiu Willian.

– Ou alguma delas... – minimizou Tarcísio.

– Na verdade, acho que Irmã Aparecida era uma máscara! – deduziu Dimitri em meio a sua própria estupefação. – Ela pode nem ser uma mulher! Pode ser um homem vestido como uma velha... Pode ser o próprio Anjo Vingador!

– Caraca! É mesmo! – surpreendeu-se Moleque. – Tipo “Vovó... Zona”, né? – emendou. – Por isso ela era tão feia. Sinto-me melhor sabendo que não é uma freira de verdade, eu a chamava de horrorosa em minha cabeça sem querer e achava que podia ser pecado, sei lá.

– “Vovó Zona”? É, tipo isso – disse Dimitri sentando-se na cama do quarto que devia ter sido onde a Irmã, ou sabe-se lá quem fosse dormia. Ele estava exausto e seu raciocínio estava a mil. Precisava se sentar por alguns instantes. – Ela era realmente estranha... Moleque, vê aí no teu possante um contato seguro com a diocese que supostamente enviou a Irmã. Precisamos de uma confirmação. Assim que conseguir alguma coisa nos avisa.

Levantou-se e deu por encerrada a excursão à igreja.

– Aonde agora, Dimitri? – perguntou o amigo mais velho.

– Ao bufê que trabalhou na festa da Adélia Vivaldo. Preciso saber sobre a garota.

– Que história de garota é essa? – Quis saber Tarcísio.

– Por incrível que pareça, o Dimitri arrumou uma namorada na festa... – zombou Willian.

– É sério, Willian. Não estou correndo atrás de rabo de saia, bem, talvez esteja, a garota causou uma impressão... Mas ela está envolvida com o Anjo... Foi ela quem drogou os seguranças na festa e me drogou...

– Você foi drogado? – surpreendeu-se o rapaz.

– Foi só um gole e não era para ser. Ela tentou me impedir de beber.

– E depois disso ele me deixou plantado sozinho no meio da festa, no meio de uma missão! Para namorar!

– Não foi bem assim, Willian! As coisas ficaram confusas... Eu estava fora de mim, sei lá.

– Mas me esclareça uma coisa, Dimitri. Você quer achar a garota ou o Anjo Vingador? – Tarcísio queria entender. – Porque acho que nunca encontraremos o

Anjo. E nem devemos querer encontrar. Para quê? Para entregá-lo para a polícia? Ele só fez coisa boa, tirando a cagada da morte da Carina, né? Mas não foi culpa dele... Bem, teve a cagada do Boto com a Lália também! Mas eu entendo, ele achava que era filha de um vilão...

– Eu quero, eu preciso... encontrar... os dois.

A garota. Ele PRECISAVA achar a garota. O Anjo que nada! Tinha curiosidade sim, queria saber, embora não tivesse intenção nenhuma de denunciá-lo. Ele deveria permanecer um mistério e se tornar uma lenda, algo que amedrontaria os injustos apenas pela lembrança...

Quem era ela? Alguém que poderia fazê-lo esquecer de Nádia? Desde Nádia, jamais fizera amor como fez com a estranha... Estranha? Esdrúxulo era aquele sentimento de que ela não tinha nada de estranha, como se a conhecesse... como se fosse Nádia... Impossível! A privação de sono após ter sido drogado em pequena dose que fosse devia estar afetando seu bom senso e julgamento. Precisava dormir...

– Vocês dois, vão para o hotel. Eu vou ver isso e depois vou também.

– Música para meus ouvidos – concluiu Tarcísio fechando o notebook.

Os rapazes tomaram então rumos diferentes ao deixar a igreja.

Dimitri chegou à sede do bufê, sentindo-se um trapo humano, um soldado em uma última missão. Foi bem recebido, era uma celebridade agora, depois das emoções da noite anterior transmitidas pela tevê. Mesmo assim, colaborando de bom grado e nitidamente falando a verdade, ninguém ali pôde ajudá-lo. Como ele já esperava, não haviam contratado nenhuma mulher loira, ou com peruca loira. Deram-lhe até mesmo acesso a todas as fichas das meninas que trabalharam na festa e outras funcionárias. Olhou todas as fotos e teve a certeza de que não era nenhuma delas. Segundo deduzira sozinho, ela provavelmente se infiltrou entre as moças na hora da festa e sumiu depois...

Derrotado, voltou para o hotel. Fez o check-out do quarto da amiga falecida e foi para o quarto dos rapazes. Encontrou-os dormindo profundamente, o Moleque, de boca aberta e babando. Tomou um banho rápido, vestiu uma bermuda e jogou-se na cama totalmente exaurido. Eram 18h.



Tomaram o café da manhã do hotel no limite do horário, devido ao tão tarde que acordaram. Renovados em suas energias, partiam de Recanto Sereno para o Rio de Janeiro para um difícil encargo.

Após horas de viagem de carro, já no aeroporto, o som de “Superman, o filme” anunciou o toque do celular de Tarcísio.

– Alô. Lália! Meu amor! Que saudades! É, eu sei. Foi horrível. Desculpa,

eu não pude, foi tanta coisa que aconteceu! Depois eu precisei dormir. Desculpa amor, não ter te ligado, acho que fiquei meio zonzinho com tudo e precisava sair daquela cidade primeiro antes de falar com você. Vai? Mesmo? Que bom? Quer dizer, bom que vamos nos encontrar, não bom pelo enterro... o enterro é ruim. A morte é ruim. A morte é... Ah, deixa pra lá! Então, tá! Até lá, meu amor. Prometo. Prometo que vou mandar mais mensagens sim... De meia em meia hora. Tá.

Quando desligou, viu os olhares jocosos dos amigos sobre ele.

– Que foi? Eu tenho uma namorada agora, né?

– Ela está bem? – perguntou Dimitri.

– Está. Ela vai para o Rio para o funeral. Vamos nos ver.

Nesse momento outro toque atraiu a atenção de todos. Era o de Dimitri. Tia Berê estava quase surtada de tanta preocupação depois de tudo o que viu pela tevê. Ele havia desligado o celular desde a festa e só havia religado na viagem de carro, na qual passou a maior parte retornando ligações de pessoas da emissora. A tia acabara sendo esquecida temporariamente. Ele foi carinhoso e garantiu à tia que estava tudo bem com eles, tirando o ocorrido com Carina. Falou sobre o enterro e deu as informações para a tia.

– E você, Willian? Ninguém te ligou? – perguntou Dimitri.

– Muita gente. Respondi por mensagem: estou bem. Ponto. Pra que mais?

– Ninguém especial? – insistiu.

– 30 chamadas perdidas da Selma.

– Você não vai ligar de volta? Ver o que ela quer?

– Quem é Selma? – Tarcísio estava de novo à margem da conversa, porque Carina ficou de lhe informar da outra vez, mas acabou não o fazendo.

– É a mulher dele – explicou.

– Mulher coisa nenhuma. Nunca casei no papel. Graças a Deus.

– Não quer ouvir o que ela tem a dizer? Vocês se gostavam tanto! Quem sabe ainda tem jeito?

– Dimitri, só porque você gosta de chorar de amores por mulher pelos cantos, não fique achando que eu vou fazer o mesmo. Ela foi embora. Foi escolha dela. Acabou. Não corro atrás de mulher.

– Vai ver era isso que ela queria. Ela queria ver se você iria atrás dela, lutaria por ela...

– Então se deu mal. Vai ficar esperando. Ela disse: “eu vou embora”. Eu disse: “vai”. E ela foi.

– Mulher pensa diferente... – meteu-se Tarcísio. – Por que ela foi embora?

– Porque eu perdi o emprego na tevê.

– Ah, então você tá certo. Era interesseira – falou o garoto dando razão ao

amigo.

– Você não sabe de nada, Moleque – disse Dimitri. – Quando o Willian me falou na primeira vez eu fiquei meio assim, mas depois pensando, isso não faz sentido porque a Selma é uma pessoa muito bacana. Parece que o Willian não aproveitou nada daquela nossa conversa...

– Vocês querem cuidar da vida de vocês? – respondeu ele irritado.

Naquele momento, Tarcísio recebeu outra chamada.

– Sim. Sou eu. Foi, foi sim. É, eu precisava saber. Ahã. Entendo. Sei. Ahã. Tá. Muito obrigado, padre. É certo isso, né? Ahã. Tá. Muito obrigado.

O garoto desligou e ficou olhando para Dimitri com cara de novidades. Respirou fundo para dar a notícia.

– Era da diocese. Eu enviei um e-mail ontem, liguei. Ficaram de me retornar. Com certeza nunca nenhuma freira foi enviada para Recanto Sereno. Desde os padres que sumiram, eles não enviaram ninguém. E também não existe nenhuma freira com nome de Irmã Aparecida na diocese, nem nenhuma que corresponda à descrição que eu dei dela. Então...

– O que já suspeitávamos. A Irmã não era Irmã e pode ser qualquer um, homem, mulher, de qualquer idade e talvez nem fosse gorda... Nunca vamos...

– Ei! Lembrei de uma coisa! Eu tirei uma foto da placa do carro e do trailer. Com toda a confusão tinha até esquecido – anunciou Willian.

– É mesmo! – lembrou-se também o nerd.

– Perfeito! Depois do adeus a Carina, vamos procurar a Irmã Aparecida, que no momento está desaparecida...

– Mas você não vai entregar o Anjo Vingador...? – suplicou Tarcísio.

– Moleque, não vou. Mas você não tem curiosidade de descobrir até onde vai essa trama e quem está por trás dela? E se é o Jonathan Melo, não acha que devíamos encontrá-lo para a Lália?

– Você tem razão.



Durante o voo, Dimitri e Willian sentaram em poltronas lado a lado, enquanto Tarcísio sentou-se na fileira de trás. O rapaz adormeceu logo. Apesar de Willian ser uma pessoa fria e dura, Dimitri o considerava um bom amigo e desde a festa queria falar sobre algo que o estava incomodando.

– Willian, sabe a garota da festa?

– A garçonete loira e gostosa que distraiu você...

– Na verdade ela distraiu mesmo, muito. Nós transamos.

– Putz! Cara, você ficou maluco? No meio de uma missão? Por isso demorou tanto! Pensei que era porque estava desmaiado.

- Também. Eu apaguei depois. Mas antes rolou...
- Tô com vontade de socar a sua cara! – falou irritado.
- Olha...
- Não é por você pegar a garota... Mas lá? No meio do que estava acontecendo! Eu aflito com o seu sumiço! Que sacanagem, Dimitri!
- Desculpa aí, meu! Não foi nada pensado! Aliás, pensar foi tudo o que eu não consegui fazer. Não sei o que deu em mim. Tá tudo meio misturado, sabe? Porque teve a droga, mas pouca quantidade, então não sei até que ponto as coisas são como me lembro... Foi muito louco, não deu para controlar...
- Já foi, né? Agora já era! Ainda bem que deu tudo certo. Bem, quase tudo – corrigiu-se ao se lembrar de Carina.
- Eu nunca me perdoaria se ela tivesse morrido no momento em que eu estava com a garota..., mas não foi assim.... Ainda bem. Ainda bem que eu voltei a tempo de ver tudo o que se passou...
- Tá. E como foi? Gamou nela? Deu para esquecer a Nádia?
- Aí é que tá! Não sei direito... Em todos esses anos, com todas as garotas... eu nunca consegui ter nenhuma relação nem mesmo física que se comparasse... Mas com essa menina... foi estranho...
- Que merda, cara! Logo agora que encontra uma que pode te fazer esquecer a outra, essa também desaparece e é tão misteriosa quanto a primeira! Que sina, hein!
- Pode ser por causa da droga, não sei... Mas em alguns momentos... eu podia jurar que era ela: a Nádia!
- Ih... Foi a droga, cara, com certeza! De repente nem foi grande coisa. O bagulho te deixou tão doidão que você pensou na bandida e aí..., pensando nela que ficou bom, né não?
- Pode ser... Não tenho certeza de nada. E isso tá me matando... Porque ter sentido o que eu senti, depois de tantos anos, de um jeito ou de outro, foi bom demais! E agora essa agonia de não saber se é por causa da lembrança da Nádia ou se é essa garota nova que me fez sentir aquilo...
- Eu que não queria ter a sua vida amorosa! Muito complicada.
- Por falar nisso, a Selma...
- Não quero falar da Selma – sentenciou, virando o corpo e a cabeça para o lado e fechando os olhos como se fosse dormir. Dimitri soltou um suspiro e resignou-se. Fechou também os olhos, embora não acreditasse que fosse dormir.

24 - Reajustes

Chegando ao Rio, os três amigos surpreenderam-se com o que encontraram no aeroporto: muita gente! Uma multidão para recebê-los como se fossem astros do rock. Havia gente com faixas “Bem-vindos, heróis da mídia!”; “Nós amamos vocês!”; “Dimitri, Willian e Tarcísio na Terra e Carina no céu”; “Heróis modernos!” etc.

Os seguranças do aeroporto e a polícia haviam sido mobilizados e faziam um cordão de isolamento, caso contrário os três não teriam como passar por toda aquela gente. Ainda que surpresos e sem clima para festas e simpatia de celebridades, procuraram ser gentis, autografaram, sorriram para fotos de fãs e outras emissoras e jornais. Responderam a algumas perguntas da mídia e acenaram.

– Nós estamos muito tristes pela perda de nossa amiga Carina. Então apesar do clima legal de vitória aqui instalado, gostaria que compreendessem que passamos por um momento difícil – declarou Dimitri a um repórter.

– O Anjo Vingador é um herói. Vocês alguma vez já leram gibis? Foram ao cinema assistir a filmes de super-heróis? Pois então, acho que eles existem afinal. Eu vi um de perto. E vocês viram pela tevê – falou Tarcísio ao ser interrogado sobre o que tinha achado do Anjo Vingador.

– Eu filmei a morte de uma amiga, então não fica me perguntando sobre as melhores imagens que eu fiz... – resmungou o cinegrafista temperamental para um jornalista, sendo logo puxado por Dimitri, antes que ele acabasse dizendo algo antipático para a mídia.

Entre as muitas pessoas que estavam no aeroporto, os rapazes localizaram três mulheres que os aguardavam juntas: Tia Berenice, Maria Eulália e Selma. Por uma fração de segundo, Dimitri viu Nádia, mas era Maria Eulália. A semelhança da moça, que acabou sendo conquistada pelo amigo, parecia uma espécie de capricho do destino para torturar ainda mais seu coração.

Dimitri sentiu uma inveja controlada. Seus amigos eram recebidos por namoradas. Ele, por sua tia. Como ele adoraria ser recebido por uma namorada! Se ao menos ele conseguisse gostar de alguém o suficiente para ter uma relação que durasse mais de uma noite... Nádia... Só ela... e a estranha com a peruca loira...

Maria Eulália jogou-se nos braços de Tarcísio e os dois se entregaram a um beijo apaixonado e cheio de saudades. Tia Berê abraçou-o efusivamente e pôs-se a tagarelar sobre o quanto estava preocupada com ele. Ele sorriu agradecido pelo

carinho e tentou tranquilizá-la como pôde. Viu que Willian se afastou com Selma.

– O que veio fazer aqui, Selma? – Willian olhou-a tristemente. A mulher pareceu-lhe ainda mais bonita que da última vez em que a vira. Era uma morena bem talhada, de cabelos cacheados e grandes olhos cor de mel. Estava na casa dos quarenta, mas aparentava bem menos.

– Eu vim ver você.

– Já me viu. Pode ir embora.

– Willian, precisamos conversar.

– Agora que eu fiquei famoso nós precisamos conversar... – ironizou.

– Pelo amor de Deus, Willian! Eu estava preocupada com você!

– E com a grana que você podia perder por ter me dado o fora, né?

– Meu Deus! – falou num suspiro. – Você entendeu tudo errado, como sempre. Quando eu fui embora, eu lhe disse que precisava viajar por um tempo e que precisava de dinheiro.

– Muito dinheiro!

– É, eu sei. Era muito dinheiro. Aí você quis saber para quê e eu pedi que confiasse em mim, que não podia dizer para quê no momento.

– E eu disse que não tinha tanto dinheiro, que tinha sido demitido. E aí você disse que ia arrumar o dinheiro em outro lugar e foi embora!

– Não foi assim, Willian. Eu disse realmente que precisava tentar arrumar o dinheiro de outra forma, em outro lugar... Que precisava ir por um tempo... para isso...

– E eu disse vai e você foi. Viu como me lembro bem? – concluiu cinicamente.

– É, de certa forma. Mas se você me escutasse, eu queria te dizer aonde fui e por quê.

– Não me interessa.

– Tem certeza? Não gosta nem um pouquinho de mim? Nem o suficiente para me ouvir? Porque eu gosto muito de você e está difícil ficar longe...

– Gostar... Esse negócio de gostar só dá problema... – resmungou.

– Gostar? Eu te amo, Willian! Pode me ouvir? Depois, se você disser “Selma, não te quero mais, vai embora”, eu vou e você nunca mais vai me ver ou ouvir falar de mim.

Willian olhou para os lados e viu Dimitri, que olhava em sua direção e lhe fez um sinal de encorajamento com a cabeça e o olhar.

– Tá. Fala aí – tentou ser o mais seco que pôde.

– Você deve se lembrar que eu morei um tempo nos Estados Unidos quando era adolescente...

– Sei.

– O que eu não te contei é que naquela época eu tive um filho. Naquela época eu tive uns problemas com drogas e perdi a guarda da criança para o pai, que é americano. Eu fiquei limpa, mas meu visto expirou e fui deportada.

Willian franziu o cenho diante das revelações. Jamais poderia adivinhar tal coisa. Tentava mentalmente dizer a si mesmo que era tudo mentira, mas a sinceridade e comoção no rosto da mulher que por tanto tempo chamou de sua, convenciam-no da verdade e ele se enterneceu pela história tão emocionante.

– Todos esses anos, eu o visitei e mantive contato. Desisti de tentar conseguir a guarda... O Tom era um bom pai...

– Era?

– Quando eu te pedi o dinheiro era para ajudar o Tom. Ele precisava fazer uma cirurgia muito cara... O Michael, Michael é o meu filho, ele me ligou e me pediu para ajudar. O Tom estava brigado com a família e não tinha a quem recorrer... Michael estava desesperado.

– Mas você não me contou. Me escondeu que tinha um filho!

– Nós estávamos juntos há um ano apenas... Eu ia contar, mas... eu tinha vergonha. Não de ter o Michael, mas de ter que dizer o motivo que me fez perder ele: as drogas... Sei como odeia drogas e eu escutava o modo como falava de viciados... Sempre achei que no momento que eu te contasse que já fui viciada você me chutaria sem pensar...

– É, eu faço um bom trabalho bancando o cara insensível, né? – Ele falou se sentindo mal por ter sem querer afastado Selma de si, por causa de seu temperamento e sinceridade ácida. – O Tom morreu? Não conseguiu o dinheiro para operar...

– Eu consegui sim. Depois que me mandou embora, nem tive tempo para chorar. Procurei todos os amigos que tinha... Levantei algum, mas ainda não era o suficiente. Viajei para os Estados Unidos e procurei a família dele. Eles tinham que ajudar! Era filho deles afinal. Aí consegui. Ele operou, só que não resistiu... – concluiu com uma lágrima no olhar.

– Eu sinto muito – falou sinceramente. – Você vai trazer seu filho para cá? Ou ele já veio? Está morando com você?

– Willian, você prestou atenção quando eu disse que tive esse filho na adolescência? Michael já é um homem. Ele tem a vida dele lá... Não ia querer vir morar com a mãe no Brasil...

– Certo – falou sem jeito olhando para o chão.

– Ele vem para o Natal. Então é isso. Eu posso ter tido um passado complicado, mas eu não sou uma vaca interesseira como você me acusou. Desculpe por não ter te conta...

Selma nem terminou a frase. Willian cobriu seus lábios com os seus, apaixonadamente, abraçando-a com firmeza. De longe, Dimitri sorriu satisfeito pelo colega, abafando a pontada de inveja que se instalava nele. O beijo foi longo e saudoso. Quando se desgrudaram, Willian parecia com ânimos renovados e com um bom humor que não lhe era comum.

– Perdão, Selminha! Eu é que tenho que me desculpar! Você me perdoa por ser tão cabeça dura? Tão insensível?

– Claro. Quem sou eu para julgar alguém? E sempre amei você, mesmo com esse seu jeito rabugento e difícil...

– E eu nunca sequer disse que te amo...

– Willian, você não precisa...

– Mas eu quero. Eu quero dizer o que sinto. Não me impeça agora, pode ser que amanhã eu volte a ser o cara durão que não fala de sentimentos e aí eu já quero ter dito tudo o que eu tenho que dizer pra você agora. EU TE AMO! Eu sempre disse “gosto de você...”. Gosto é o caramba! Eu te amo pra cacete, entendeu?

Em resposta, Selma balançou a cabeça positivamente. Depois, como que acordando para o mundo exterior, viram que eram alvo de atenções e fotos. O assédio da mídia e fãs da recente fama continuava. Willian fez sinal para os colegas para que todos saíssem logo dali. Pelo jeito, levaria um tempo até que os esquecessem...



O cemitério ficou lotado. A fama recente tornou Carina uma celebridade muito querida e sua morte causou uma comoção geral. O funeral foi rápido e o enterro logo em seguida. Colegas do centro espírita de Carina fizeram as orações. Os amigos tornaram a verter lágrimas em seu adeus ao corpo.

A tia da jornalista chorava exageradamente e soluçava. Dava sinais de passar mal, quando uma senhora de meia idade, com semblante sereno se aproximou e tocou-lhe a fronte, murmurou algumas palavras e a mulher pareceu se aquietar. Deixou-a e se encaminhou para Dimitri, que usava um elegante terno preto e óculos escuros.

Ele estava cercado por seguranças, que foram necessários para garantir seu ir e vir, bem como de seus amigos desde que se tornaram célebres, chegar até ele não era uma missão fácil. No entanto, a mulher possuía uma presença de espírito tão forte e demonstrava algo de urgência e importância na sua postura, que só seu olhar foi o bastante para que a deixassem passar.

– Meus sentimentos, Seu Dimitri.

– Obrigado. Quem é a senhora? Do jeito que veio até aqui...

– Eu conheci a Carina em vida. Mas vim falar com o senhor porque ela se comunicou comigo depois do desencarne. – A mulher esperou que ele se recuperasse do choque. Ele sabia que Carina era espírita, portanto aquilo devia ser uma coisa comum... para eles. Mas daí a ele acreditar... – Meu nome é Noemi. Eu sou médium. Carina pediu para lhe dizer que não é para você se culpar nem é para o Anjo Vingador se culpar. – Dimitri estremeceu, porque fora exatamente aquilo que Carina lhe dissera antes de morrer. – Ela está bem, com a família. Está se recuperando. Pediu que eu lhe dissesse também que você não pode desistir do seu amor... Que a moça, seu amor, precisa de você. Você tem que encontrá-la, porque ela está se sentindo culpada... Ela ia ao seu encontro, mas por causa de Carina, ela se sente culpada. Ela não virá. Você tem que ir até ela. Não desista.

– Noemi, né? Ela quem? Que moça?

– Você sabe quem – falou e caminhou novamente para trás do cordão de isolamento perdendo-se no meio da multidão.

Dimitri sentiu-se aparvalhado e um arrepio percorreu-lhe os braços. Perdeu a mulher de vista e ficou meditando sobre o que ela lhe dissera.

– O que a moça queria? Autógrafo? – brincou tia Berê que se aproximou dele.

– Nada. Só me dar as condolências...



Quando saíram do cemitério, foram tia Berê, Willian e Selma, Tarcísio, Lália e o Doutor Helênio para o apartamento de Dimitri. Tia Berenice tinha oferecido o almoço e eles aceitaram. Além disso, Tarcísio tinha informações para Dimitri, quem ele agora, de forma brincalhona, chamava de “chefe”.

Após o almoço, tia Berê e Selma lavavam a louça, enquanto os demais estavam na sala, pois Tarcísio tinha o que lhes falar.

– Eu achei o trailer e o carro da freira, chefe.

Os rostos se abriram em expectativa e antecipação.

– Onde? – perguntou Lália.

– No Pará mesmo. A algumas cidades de Recanto Sereno. Eu fui buscando imagens em câmeras de trânsito e fui traçando o possível trajeto. Por fim, busquei imagens de satélite e vi que tanto o trailer quanto o carro estão estacionados e parados no mesmo lugar desde o dia em que pegaram o prefeito.

– Então eu vou para lá! Hoje mesmo! – anunciou Dimitri.

– Calma, Dimitri! Ela pode ter simplesmente abandonado tudo por lá. Pode estar a quilômetros de distância!

– Só sei que tenho que ir. Não tem só a ver com a falsa freira ou o Anjo

Vingador! Tem a ver com o pai biológico de Lália e tem a ver com a garota do bufê e com Nádia! Não sei como, mas tem! Eu recebi uma mensagem de... Deixa pra lá, vocês não vão acreditar!

– No quê? – indagou Willian.

– Carina me mandou um recado através de uma médium.

– Eu acredito. Carina era ligada mesmo nessas coisas. – O comentário de Willian desencorajou a quem quer que fosse manifestar dúvidas. Se aquele homem mal-humorado e durão acreditava e dizia...

– E o que dizia o recado? – Quis saber Maria Eulália.

– Para eu ir atrás dela... do meu amor...

– Mas o que isso tem a ver...? – Tarcísio quis perguntar.

– Não sei ainda, mas de alguma forma tem uma ligação...

– Então, vamos. Amanhã? – propôs o doutor Helênio.

– O senhor iria por quê? – colocou-se Dimitri.

– Não há maiores perigos para mim ou para Lália. Eu gostaria de voltar para Recanto Sereno e reassumir minhas funções no hospital de lá. Mesmo os amigos e parentes dos envolvidos e presos não se atreveriam a fazer nada contra mim no momento. Meus amigos de lá dizem que todos ainda estão com muito medo do Anjo Vingador e que ele volte e faça novas vítimas. E também quero saber o resto da história...

– Eu não sei ainda se vou voltar para a escola lá... – disse a professorinha. – Dependo de meu namorado aqui definir como vamos fazer para ficar juntos. Amo meus alunos, mas posso dar aulas em outro lugar e não quero desgrudar do meu gato... – completou segurando a mão de Tarcísio com força.

– Aliás, isso é um ponto, seu moço, a ser questionado. Que eu saiba o senhor não tem emprego fixo... – questionou o doutor Helênio fazendo as vezes de pai zeloso pela filha.

– Doutor, com todo o respeito, eu trabalho para mais de dez empresas e agências além de pessoas físicas e não preciso nem sair de casa. Dimitri é uma delas. Meu trabalho é no mundo virtual, não preciso sair de casa todos os dias para ir a algum lugar pra isso...

– Acredite nele, doutor. Eles não vão ter problemas financeiros... – confirmou o amigo.

– Lália pode dar aulas em qualquer lugar, eu posso trabalhar de onde for. Mas ficar aqui no Rio me facilitaria algumas transações... Por isso ainda vamos conversar sobre isso, não é, amor? – completou, dirigindo-se a Lália.

– Só quero o melhor para minha filha... – resignou-se num suspiro.

– Voltando ao assunto, Moleque, o trailer está próximo de algum lugar em especial?

– Interessante você perguntar isso, chefe, porque está sim. Junto a um circo. Ao ouvir a palavra “circo”, Dimitri sentiu uma emoção forte.

– Qual o nome do circo? – Quis confirmar.

– Ah, eu não me lembro. É Circo... – o rapaz fazia esforço para se lembrar.

– Gran Circo Pavel? – sugeriu Dimitri deixando-se cair no sofá parecendo esgotado de energias.

– Isso mesmo! Como você sabe?

– É o circo da Nádia – explicou Willian.

Diante do silêncio e prostração de Dimitri, os outros conversavam entre si sobre o que haveria de relação entre a amada de Dimitri e a Irmã Aparecida e o Anjo Vingador. Foi ele que teve que acabar com a discussão e questionamentos.

– Eu tenho minhas desconfianças, mas tudo parece absurdo e sem sentido. Então, vou para lá e ver o que descubro. Nádia de alguma forma tem relação com tudo o que aconteceu e eu tenho que resolver este mistério.

– Ah, mas não vai sozinho! – anunciou Willian.

– Não mesmo! – sentenciou Tarcísio.

– Eu quero saber ainda se podemos descobrir alguma coisa sobre meu pai e então também vou – declarou Lália.

– Eu já vou voltar para o Pará mesmo... – completou o médico.

– Não vou me livrar de vocês, não é? – admitiu Dimitri mesmo em dúvidas se não devia cuidar daquilo ele próprio, sozinho. No entanto, eles eram seus amigos. Não queria afastá-los. E, em caso de novas decepções, seria bom contar com amigos para não enlouquecer de vez.

25 - A verdade

Era noite de sexta-feira e o Gran Circo Pavel faria seu primeiro espetáculo da noite naquela pequena cidade do interior do Pará. O público local já havia se maravilhado com os espetáculos do fim de semana anterior e a notícia se espalhou: era um circo espetacular com números de acrobacia sensacionais e com artistas muito talentosos.

A artista circense subiu ao trapézio com elegância. Vestia uma malha brilhosa semitransparente com pedrinhas que brilhavam e iluminavam toda a sua figura a distância. Seus cabelos estavam firmemente presos a um coque e usava uma maquiagem exuberante com muita purpurina. Mostrou habilidade e força incomuns e recebeu aplausos expansivos. Desceu ao chão para fazer sua mesura de agradecimento e ao levantar o olhar para a plateia empalideceu. Lá estavam Dimitri, Maria Eulália, Doutor Helênio, Willian e Tarcísio. Tentou se recompor, procurando convencer-se de que se tratava de uma coincidência... Ele a teria visto? Reconhecido? Claro que sim! Se ele sabia que aquele era o Gran Circo Pavel!

Correu para os bastidores. Dimitri percebeu que os vira e que fugiria.

– É ela. É a Nádia – anunciou para seus amigos. – Fiquem e aproveitem o restante do espetáculo. Eu vou atrás dela. Preciso cercar essa moça antes que ela me fuja por mais sete anos! – comentou de bom humor, entrementes, apreensivo.

Nádia encontrou Pavel nos bastidores e ele a censurou com o olhar.

– Você o viu, não foi? Ele veio por você. Pare de fugir, filha.

– Não posso encará-lo. Ainda mais depois... Ele não vai me perdoar...

– Você precisa falar com ele!

– Eu preciso fugir! Adeus, pai! – disse correndo para fora da lona em direção ao carro que estava ao lado do trailer.

O sol já havia se posto, passavam das 18h30min, mas ainda havia um cor-de-rosa no horizonte enquanto a escuridão se aproximava, era o crepúsculo em todo o seu esplendor.

Ela abriu o carro, contudo, Dimitri estava lá, parado, ao lado do trailer à sua espera.

– Aonde você vai, Nádia?

Ela abaixou a cabeça envergonhada. Largou as chaves que caíram no chão de terra.

– A lugar nenhum, suponho.

– Mas ia... Ia fugir de mim. De novo. Como estive fugindo esses sete anos.

Por que, Nádia? Por quê? O que eu lhe fiz de tão grave que você se recusa mesmo a me encarar e falar comigo. Que é que te fez fugir de mim durante sete anos e não responder a uma mensagem, a um e-mail, não retornar nenhuma ligação? Nem mesmo uma carta para eu saber se estava viva ou morta! Para me dizer para te esquecer que fosse! O quê, hein?! Por quê? – bradou sem paciência e por fim exaltado e com raiva.

Nádia estremeceu com o grito dele e respirou ofegante. Ela não tinha realmente nenhuma explicação. Nenhuma que ele aceitasse pelo menos. Porque ela mesma não se perdoava pelo que fizera. Sabia que tinha sido duro para ele. Reconhecia que seu silêncio fora uma pena árdua que impingira ao pobre rapaz. Que desculpa podia dar para aquilo? Sim, ela tivera suas razões, mas nenhuma delas era boa o bastante para justificar o tanto de sofrimento que causara àquele homem. Derramou uma lágrima e mais começavam a queimar em seus olhos. Ficou mais escuro, a noite caíra completamente e ela não conseguia ver o rosto do rapaz, não podia ler seu semblante. A única luminosidade era a das pedrinhas de sua roupa que refletiam a luz da lua. Tomou súbita consciência de que estava quase nua, vestida somente com aquela malha colante em forma de maiô, tão fina quanto uma segunda pele e transparente na maior parte do corpo.

– Vamos para dentro do trailer. Aqui está muito escuro – disse e se encaminhou para lá esperando que ele a seguisse.

Entraram e ela acendeu as luzes. Sentou-se numa pequena cadeira de madeira e apontou outra para ele, que antes de se sentar percorreu o olhar por todo o trailer e viu as tais caixas que Willian mencionara. Só que não havia mais objetos sacros ou mantos que as cobrissem.

– Dimitri, eu quero começar dizendo que eu lamento por tudo. Preciso mesmo te pedir muitas desculpas...

– Então, Nádia, o que tem a me dizer sobre tudo isso? – perguntou gesticulando para indicar todas as caixas. – Começando com por que estamos agora, nesse momento, dentro do trailer da Irmã Aparecida? Que desapareceu, a propósito. E o carro dela ali fora também... – O tom do rapaz era agressivo.

– Sabia que eu devia ter me livrado deles... Que podiam me achar... – lamentou.

– E você não queria isso, não é? – falou com ironia. – Ou queria? Você queria que eu te achasse? – perguntou esperançoso, com um tom mais ameno.

Ela hesitou em responder, a voz estava embargada pela emoção. Sentia-se sufocar de tanta dor moral.

– Acho que sim. Eu precisava falar com você. Mas não tinha coragem, principalmente depois do que houve com a Carina...

Dimitri assimilou as palavras da moça e lembrou-se do que a médium havia

lhe dito sobre ela se culpar. Nada estava claro ainda. Muitas perguntas precisavam ser respondidas.

- Você ainda não respondeu... sobre o trailer.
- Dimitri. A Irmã Aparecida era um disfarce.
- Isso eu já desconfiava.
- Um disfarce meu – confessou.

Dimitri teve um tremor involuntário. Apesar de no íntimo ter suspeitado daquilo, tinha rejeitado a ideia com veemência e acreditava que outra pessoa ligada ao Anjo Vingador se disfarçasse, ou o próprio.

- Você? A Irmã Aparecida? – duvidou ainda.

– Temos que cumprir os desígnios de Deus – falou mudando a voz para a voz meio grossa da Irmã, causando nova comoção no rapaz. Levantou-se e de dentro de uma das caixas retirou o hábito franciscano, uma máscara e uma dentadura. – Aqui. Este era o disfarce. – Guardou-o assim que viu que ele estava satisfeito com o que vira, pelo menos no que se referia à freira.

– Sua filha de uma... – segurou o palavrão e resolveu usar a expressão paraense. – Filha duma égua! Que merda é essa? Você! Você! – falou levantando-se, tamanha era a sua angústia e raiva. – A vontade que me dá é de te dar uns tapas, moça! – disse gesticulando e mostrando as mãos. – Você me fez de otário! Fez toda a cidade de idiota! Fez festa de igreja e tudo! E estava perto de mim aquele tempo todo... – falou um pouco mais brandamente e reflexivo. – Por isso eu me sentia estranho perto da Irmã e não sabia por quê.

– Perdão. Era necessário. Eu precisava estar por perto sem levantar suspeitas. Quem desconfiaria de uma freira, não é verdade? – aduziu temerosa. – E uma freira idosa... Foi muito difícil para mim estar perto de você e não poder tocá-lo... – confessou por fim.

– Sei... – iniciou com certo constrangimento. – Como conseguiu fazer tudo aquilo? Todos os ritos católicos? Que eu saiba, você nunca teve religião...

- Eu estudei, me preparei...

Dimitri passou a mão pelos cabelos que começavam a ficar mais compridos e sem corte e tentou se acalmar. Sentou-se novamente e respirou fundo.

– Tá. Então você estava ajudando o Anjo Vingador. Por quê? Ele é o Jonathan Melo? O pai da Maria Eulália?

- Não. É alguém bem mais jovem... – respondeu apreensiva.
- Sei. E os monstros...?
- Eu de novo.
- Você era o Curupira? E a Iara... e a Mulher do Táxi...
- E a Cobra de Fogo, a Matinta Pereira, o Capelobo e o Mapinguari.
- E o Boto?

– Eu também.
– O cara de terno branco com chapéu? Era você?
– Sim. Era eu.
– Você drogou a Lália!
– Eu sinto muito! Eu não sabia! Eu pensei que o pai dela fosse um dos caras maus e queria assustá-lo. Nunca pretendi matar ninguém. Não matei ninguém... A morte de sua amiga foi um acidente... Eu lamento muito... Tanto! – comentou profundamente emocionada.

– Como? Como você conseguiu fazer aquilo tudo? Aquelas fantasias...?
– Aqui. Deixe-me mostrar – disse abrindo as caixas. Ele se levantou novamente e foi conferir o conteúdo. Ali encontrou as fantasias, as provas de que o sobrenatural de Recanto Sereno continuava sendo apenas objeto de lendas.
– Garota de circo, lembra? Acrobacias, giros, pulos, lidar com disfarces... Tudo isso eu aprendi no circo. Também precisei de muito dinheiro para produzir tudo isso, por isso levei anos para conseguir... Efeitos especiais, modulador de voz... Nada que uma garota de circo, assistente de mágico não conseguisse fazer...

– E para quê? Para ajudar o Anjo Vingador? Foi por isso que estive afastada de mim esses anos todos? Seu pai me disse que você tinha suas razões, que tinha uma coisa a fazer. Que tinha ido ver a família. O que era? Ajudar esse cara? Era isso? Quem é esse Anjo Vingador? Ele é da sua família? Ou é seu namorado? Diz! Me diz! – precipitou-se com desespero, segurando-as pelos ombros e sacudindo-a com firmeza. Tortuosos pensamentos tomavam conta dele. Ele temia saber que ela amava outro. Seria devastador. Sendo o outro um herói então, o que podia ele contra aquele cara? – Fala, Nádia. Está apaixonada pelo Anjo Vingador? Você ama ele? Você disse que ele é jovem. É bonito? Vocês formam uma dupla e tanto!

Nádia riu. Era um riso nervoso, mas ainda assim, deu uma bela risada. Aquilo o irritou profundamente. Ela escarnecia dele? Ficou furioso. Estava louco de paixão, de ciúme, de mágoa. Era tanta dor e agrura, que sentia que seu peito se partiria em dois.

– Dimitri, Dimitri, olha pra mim – chamou Nádia ao perceber sua aflição. Segurou os dois braços dele antes de dizer: – Dimitri, EU sou o Anjo Vingador. EU fiz tudo sozinha, desde o início. Bem, sozinha não, você e sua equipe me ajudaram bastante...

A explicação dela foi abafada por um abraço apertado. Ele enterrou o rosto no pescoço dela e chorou. Ela o abraçou de volta e chorou também. Passou as mãos pelos cabelos dele carinhosamente por alguns instantes até que ele se afastou abruptamente e a olhou novamente com ressentimento. Os olhos, vermelhos e úmidos a encaravam novamente com desconfiança.

– Todos os malabarismos, as lutas, o cavalo, o lance com a moto que me contaram... Tudo você? Como você...?

– Sei que faz muito tempo, mas você já não me viu fazer muitas dessas coisas no picadeiro, Dimitri? Tirando o Kung Fu... Esse a gente não usa no circo, mas Tito me ensinou. Eu me preparei a vida toda para isso... O circo foi minha escola. Meu objetivo de vida era acabar com a injustiça daquela gente! Acabar com a mordomia daqueles desgraçados! Aqueles miseráveis...

Naquele momento, Dimitri compreendeu. A teoria de uma vingança estava certa. Sim, o ódio que ela revelava agora na sua fala era antigo e enraizado. Ela fez por vingança.

– Foi uma vingança. Eu entendo. Sua vida toda movida por uma vingança. Por isso me afastou. Não havia espaço para mais nada em sua vida, além da vingança. O Anjo Vingador, óbvio, anjo da vingança. Tudo faz bastante sentido agora. A vingança era mais importante do que eu!

– Pelo amor de Deus, Dimitri! Entenda. Não é isso. Mas realmente eu não conseguiria ter paz nem ser feliz ao seu lado nem ao lado de ninguém enquanto não conseguisse fazer justiça! Como eu poderia? Eu não podia largar tudo! Eu te disse, lembra? Que eu tinha coisas a fazer!

– Você não faz ideia do quanto a minha imaginação me torturou com essas “coisas a fazer”... Tipo transar com mais caras... Basicamente era isso que eu pensava! Como diabos eu ia imaginar que “as coisas a fazer” era se vestir de cavaleiro negro e sair num cavalo, numa moto e sentar a mão em caras maus no interior do Pará?! Ou fazer as lendas criarem vida? – Ele não conseguia evitar o tom de zombaria.

– Dimitri, naquela época eu não sabia ainda o que eu ia fazer. Só sabia que precisaria bancar uma heroína de alguma forma e precisava estar preparada. Levei anos bolando tudo!

– Claro! Ninguém acorda da noite para o dia e resolve: “Ei, vou me vestir de Curupira e assustar os caras! – debochou com mágoa.

– Dimitri, entendo que você esteja magoado e...

– Você entende? Você entende? Você não entende nada! Ah, me diz uma coisa: como foi que eu fui parar nessa história, hein? O tal e-mail que eu recebi do Jonathan Melo, deixe-me adivinhar... VOCÊ também! Você é o Jonathan Melo! Estou certo? Ou o pai de Lália está com você nessa? – Ele era puro sarcasmo.

– Em parte. Fui eu que enviei.

– Bingo! Então deixa eu ver se eu entendi: você passa sete anos sem me enviar nenhuma mensagem e quando envia, é para que eu me meta na sua vingança! É isso mesmo?

– Eu pensei muito antes... Eu não queria te envolver. Não queria arriscar sua vida ou a de seus amigos... Também não imaginei que levaria mais que seu cinegrafista. Eu acompanhei sua carreira, Dimitri. Meus parabéns! Você conseguiu o que queria! Se tornou um grande correspondente internacional. E enquanto eu via o seu sucesso, eu me conformava me dizendo que tinha sido bom a gente ter se separado naquele dia há sete anos. Se tivéssemos ficado juntos, você poderia jamais realizar seu sonho e eu não teria a minha vingança.

– O preço foi muito alto, Nádia.

– Foi, não foi? Também achei – disse chorando. – Mas como eu dizia, pensei muito, principalmente temendo por sua vida. Aí um dia eu vi você, nas imagens da tevê, rolando no meio de uma explosão e pensei: “esse cara vai se matar de um jeito ou de outro”! Então, por que não? Nada do que eu fiz teria adiantado se não fosse por vocês. Que adiantaria dar uma surra nessa gente, um susto neles se não fosse a imprensa para expor? Só se eu matasse eles... Pensei muitos anos em matar.

Foi Pavel quem me demoveu da ideia. Ele já matou um homem. Por favor, não conte a ninguém, isso ficou no passado, na Rússia. Me contou sobre o que a consciência faz com a gente quando se mata. Me deu “Crime e castigo” de Dostoiévsk para ler – acrescentou com um sorriso reflexivo. Me convenceu que não valia a pena. Então precisei de uma alternativa. E só você, só você faria... O louco! O doido Dimitri Arantes! Doidinho você, Dimitri! E claro que uma parte de mim queria você por perto... Não sabe como sofri esses anos pensando onde estaria, se não estaria no meio de uma explosão e a cada telejornal eu temia saber da sua morte!

Dimitri enterneceu-se com as lágrimas dela e palavras que sugeriam que ela se importava com ele, que também sofrera, que o amara...

– Mas por quê? Por quê, Nádia? Vingança por quê? O que fizeram a você?

– Essa é a pergunta, Dimitri. O que fizeram a mim? Senta aí de novo. Vou lhe contar minha história.

O rapaz olhou para ela com intensidade. Dividia-se entre um sentimento de mágoa profunda que o fazia querer machucá-la com seu ódio, e sua paixão desvairada que lhe dava ímpetos selvagens de se esquecer de tudo e tomá-la em seus braços. Controlou um e outro instinto e sentou-se. Precisava ouvir tudo antes de se posicionar e decidir o que faria de sua vida.

Ela permaneceu de pé e demorou-se em silêncio meditativo antes de iniciar seu discurso. O tempo foi o suficiente para que Dimitri começasse a observar o corpo da moça naquela malha fina, para que seus olhos passeassem pelas curvas das quais se recordava tão bem e pelas pernas e braços nus, todo um conjunto que lhe era agradável e irresistível. Até os ralos pelos negros nos braços da moça

causavam um frisson em seu corpo. Nunca entendera aquilo. Havia tantas moças bonitas... O que diferenciava uma da outra? O que tornava Nádia tão diferente e especial? Um corpo era um corpo. Então, só podia ser o espírito... Mais uma vez Carina e suas palavras faziam sentido...

– Eu nasci no Alagoas. Éramos muito pobres. Não tive uma infância boa... Desde que me entendo por gente tenho lembranças de trabalhar e trabalhar em plantações. Toda vez que faço uma refeição até hoje, antes olho para a comida e faço um agradecimento silencioso e, pasme, às vezes ainda choro só de ver e ter algo para comer, principalmente com fartura. Nem consigo comer muito. Me parece um sacrilégio comer mais que o necessário. Isso porque toda vez que penso em minha infância, eu penso em fome. Chego a sentir no estômago a sensação, mesmo que tenha acabado de comer.

Foram muitas privações. Tantas, mas a lembrança mais forte é a da fome. E a fome trazia outros males como a doença e a tristeza, o abatimento... Poucas lembranças de brincadeiras. Brinquedos? Alguns de madeira que meu pai mesmo fazia... A única memória boa que posso trazer dessa fase é o contato com meus irmãos e meus pais – concluiu a frase com dificuldade, controlando um choro que ameaçava vir forte e ruidoso. Dimitri sofreu com as palavras dela, de um profundo desalento. – Eu tinha dez anos na época. Nessa ocasião meus dois irmãos mais novos morreram. Um era ainda um bebê de seis meses. O outro tinha dois anos. Os dois morreram de malária. Morávamos em um lugar de difícil acesso, com poucos recursos, sem médico, sem hospital. E sem dinheiro tudo fica impossível.

Depois que enterramos os meninos, minha mãe ficou tão triste que nem se levantava da cama. Eu e minha irmã, dois anos mais nova que eu, é que fazíamos as tarefas. Lutávamos contra a miséria absoluta, meu pai, sem trabalho, vivendo de um parco roçado em terras que não eram nossas. Mas não éramos os únicos. Muitos ali estavam na mesma situação. Um dia uns homens apareceram por lá oferecendo trabalho, moradia e comida. Meu pai não pensou duas vezes. A fome era tanta, que aquilo foi aceito como presente de Deus. Eles custeariam nossa viagem, pois o trabalho era no Pará. E assim fomos.

– Meu Deus! Você viveu naquele acampamento! – rematou Dimitri tristemente.

– Vivi. Por dois anos.

– Agora tudo faz sentido...

– No começo até que pareceu melhor do que nossa situação de antes. Havia comida, ainda que pouca. Mas com o tempo a precariedade foi piorando. Ficamos rapidamente endividados e sem crédito para comprar muito, portanto, novas privações e fome. A diferença é que já não tínhamos mais o direito de ir e

vir. Nenhuma criança podia sonhar em estudar ou ter outro futuro por ali. Trabalhávamos muitas horas, começando cedo e só parando com a completa escuridão.

Vi muita gente morrer. Vi gente levar tiro correndo dali como loucos em busca de liberdade. Gente de todas as idades. Lembro do doutor Helênio daquela época... Por isso peguei ódio dele, para mim era mais um deles...

Eu sofria muito com o trabalho, com a fome e vendo meus pais se desesperarem com a desilusão e desapontamento por terem ido parar em uma armadilha, uma situação ainda pior que antes. Mas meu maior sofrimento era ver as mãozinhas de minha irmãzinha, tão frágil, tão pequenina, sangrando, arreventadas pelo trabalho que era duro demais para uma criança...

– E você também era uma criança. Suas mãos também devem ter sofrido...
– Dimitri apiedava-se dela e tinha o peito confrangido ao imaginar tão lúgubres cenas.

– É, eu era criança, mas não sinto assim. É como se eu nunca tivesse sido realmente criança... Vivemos naquele inferno por dois anos. Um dia, meu pai acordou com a decisão. Ele sabia que o doutor viria naquele dia e planejou que fugíssemos naqueles momentos, pois o capataz que mandava no acampamento geralmente o acompanhava. Ele roubou uma faca naquele dia e nos preparou. Disse que tínhamos que correr sem parar e não olhar para trás. Não era um plano inteligente. Meu pai, coitado, não era um homem muito inteligente. Nem minha mãe. Eram gente humilde e sofrida e acho que simplesmente não aguentavam mais, porque aquilo foi um plano suicida...

– Minha Nossa! Nádia... Eu... Eu estou sem palavras. Não sei como te dizer o quanto eu sinto por você... Eu nunca fiz ideia. Nunca imaginei que você tão linda e tão inteligente pudesse ter tido uma origem tão...

– Miserável?

– Sofrida, penosa. Eu queria que tivesse me contado antes...

– Não queria te assustar... Nem tinha esse direito. Decidimos seguir cada um com a sua vida...

– O maior erro que já cometi – pronunciou solenemente, segurando uma das mãos da moça sobre a mesa. Ela desvencilhou-se da mão e se levantou. Ainda não havia concluído sua narrativa.

– Fugimos naquele dia e fomos caçados como animais. Meus pais caíram logo mortos, vítimas de disparos. Eu chorei, mas tive que ser forte por mim e pela minha irmã. Eu arranquei ela do abraço ao corpo de nossa mãe e continuamos correndo. Eu e minha irmã conseguimos ir mais longe. Mas ela também foi baleada. Fiquei desesperada. Eles vinham na nossa direção. Achei que ela estava morta... Eu fui covarde e corri...

– Espera um minuto, você ACHOU? Ela não estava morta? – perguntou com curiosidade real. Em seguida ele raciocinou e ligou os pontos da história. – Sua história... Ela se parece com a de Maria Eulália. Só que... – Ele arriscou, só esperando pela confirmação.

Nádia sorria para ele de um modo triste e seu olhar lhe dizia que aquilo era elementar.

– Pois é. Como você já provavelmente adivinhou, Maria Eulália é minha irmã.

– Claro! Como fui estúpido! Como não pensei nisso antes? A semelhança... Ela me lembrava tanto de você...

– Lembrou tanto que você chegou a dar em cima dela! Não sei se devo ficar feliz ou muito irritada com isso... – colocou de um jeito áspero, que não pôde evitar. – Feliz porque você se sentia atraído por alguém com minha aparência, mas muito irritada porque não era eu! E se não fosse o Tarcísio...

Dimitri sorriu satisfeito. Aquilo eram ciúmes? Ela tinha ficado chateada com a situação! Lembrou-se de que ela estava lá, presenciando tudo como Irmã Aparecida. – Você, mocinha, não tem direito de reclamar... Sumiu por sete anos! – comentou com um sorrisinho cínico de canto de boca.

– Eu sei, droga! Eu sei... – confessou fustigada.

– Continua, vai. E depois? Não teve mais notícias de Lália?

– Não! Eu só descobri que ela estava viva há pouco tempo! Quando me vesti de Boto! Quando gritaram “Maria Eulália” e olhei e reparei no rosto dela, o quanto lembrava o meu... Aí percebi quem era e a larguei, deixei com o Tarcísio... Maria Eulália era o nome de minha irmã...

– E o seu? Cara! Eu estou me dando conta agora que nem o seu nome verdadeiro eu sei! O que isso faz de mim? Um cara muito enganado, né? – aduziu escarnecendo de si mesmo. – Seu nome não é Nádia, né? Qual é mesmo o nome que a Lália falou...? – disse pensando.

– Maria Elísia. Prazer – disse estendendo a mão com um sorriso triste.

Ele bufou e apertou a mão da moça. Sentia-se patético. Sete anos carregando em seu íntimo, com paixão, um nome. E nem mesmo era o nome correto.

– É, parece que eu não te conheço nem um pouco, né não?

– Eu me tornei Nádia quando entrei para o circo. Só consegui fugir graças a ele. Minha sorte, minha grande sorte foi que naquele dia o Gran Circo Pavel estava de passagem pela cidade. Eles não ficaram lá, mas tinham acampado à beira da estrada para passar a noite. Eu vi aquela caravana, aqueles trailers, caminhões e carros e entendi que aquela gente ia embora dali e eu tinha que ir com eles. Me escondi na carroceria de uma pick-up do circo. Só me encontraram

no dia seguinte, já bem longe. Pavel teve pena de mim. Uma menina suja, maltrapilha, morta de fome e órfã. Conteí minha história a ele e ele acreditou. Me abrigou e me deu um novo nome.

O circo já era abrigo de muita gente com passados dos quais eles fugiam... Eu fui mais uma. Todos foram muito bons comigo e ganhei uma família. Pavel me criou como filha. Aprendi a ler, a ser artista de circo... Tudo o que sei, aprendi com ele e com a trupe. Eu tive muita sorte – asseverou com humildade.

Dimitri soergueu-se ferido no orgulho. Não saberia descrever o que se passava no imo de sua alma. Olhou de uma forma nova para aquela moça que se afigurava uma pessoa distinta do que sempre supôs. Melhor. Era ainda melhor. Mais poderosa, aquinhoadá com diversas habilidades invejáveis e dotada de uma força salutar.

Via-se dividido entre oferecer-lhe seu desprezo e frieza numa desforra pelo silêncio e omissão dos sete anos ou entregar seu coração e o amor que insistia em viver em seu recôndito. Só precisava fazer uma pergunta, embora houvesse ainda muitas: “você ainda me ama?”

Em vez disso, precipitou-se transtornado para fora do trailer, deixando Nádia sem ação e de cabeça baixa. Lá fora ele respirou o ar fresco daquele começo de noite, olhou para o céu estrelado como em busca de uma resposta e com os braços estendidos para cima soltou um urro longo que estendeu enquanto teve fôlego.

A moça veio atrás do grito sem saber o que pensar ou dizer. Abeirou-se, jogou-se aos pés dele e, de joelhos, abraçou a cintura do rapaz em pranto.

– Dimitri, por favor! Me perdoe! Por favor! Eu sei que erreí, mas a minha história me conduziu e tive que fazer o que fiz...

Ele olhou para aquela mulher abaixo dele e pensou no quão dramático era aquele momento. Alguém capaz de derrubar e desarmar cinco, seis caras ao mesmo tempo imploravam de joelhos aos seus pés. Amainou seu coração com a rogativa da moça. Ergueu-a do chão e a colocou de frente para si. Perscrutou-lhe os olhos marejados e encontrou sinceridade. Afastou-se alguns passos a fim de manter seu autocontrole para não fazer nenhuma bobagem do tipo beijá-la cegamente e carregá-la para dentro daquele trailer para aplacar muitos anos de saudade.

Ela era flamejante. A luz do luar a fazia brilhar. Claro que era por causa da roupa e da maquiagem com purpurina. Ainda assim, assomava um fulgor próprio. Deus! Amava aquela mulher ainda. Genuinamente, com fervor e insanidade.

– Jonathan Melo, o pai de Lália, seu pai, então, ele está morto? – Reiniciou o interrogatório, era mais seguro naquele momento do que se render às cenas que

tinha desenhado em sua mente nos últimos minutos. Queria confirmar, afinal as conjecturas recentes haviam dado falsas esperanças à professora. – Maria Eulália teve esperanças...

– É. Ele morreu junto de minha mãe, como eu lhe disse. Lamento que Lália tenha criado tais expectativas... Quando pensei em um nome falso para usar no e-mail, foi o primeiro que pensei, como uma homenagem a ele.

– Ela não terá o pai de volta, mas terá a irmã...

– Não sei como ela vai reagir... – explicou sua apreensão.

– Ela está aqui, você sabe. Você viu...

– Sei. Vi todos vocês.

– Tem mais uma coisa que preciso te perguntar... – Agora era o momento que quis adiar, entretanto não havia mais razão para delongar. Temia pela resposta. Se ela dissesse que não... O que pensar daquilo se não fosse ela...? Tinha que ser, pois assim ele o sentia. E se ela fizera tudo sozinha... – Lá na festa, antes do Anjo Vingador aparecer...

– Sim, foi comigo – confirmou já sabendo do que se tratava.

– Sabe mesmo do que estou falando, né?

– Eu e você no estábulo... – murmurou corando, para depois morder o lábio inferior como uma menina envergonhada. – Totalmente inapropriado e fora de hora. Você tava tão doidão... – completou arregalando os olhos. – E eu fiquei com ciúme de mim mesma, se é que isso pode fazer sentido... É que você teoricamente estava se deitando com uma garçonete qualquer numa festa. Mas o que fazer? Eu estava morrendo de saudades!

– Tá, já vi que sabe... – assentiu um tanto embaraçado. – A loira garçonete... Você também, claro. Caramba, Nádia! É, quero dizer, Maria Elísia! Você é inacreditável! – Suspirou, fechou os olhos e sentiu-se haurido e derrotado. Amava tanto aquela mulher que para mantê-la afastada e fazê-la sofrer, antes faria sofrer ele próprio que não suportaria nem mais um dia que fosse para somar-se à cota dos sete anos sem seu amor. Deixou-se contagiar por esperança e perdão. Sentiu-se mais leve e prestes a tomar a decisão que podia trazer algo muito precioso para sua vida: felicidade. Encheu-se de bom humor. – Eu te admiro tanto que quero montar um fã clube. Já tenho até um candidato a membro, o Moleque. Ele é super fã do Anjo Vingador... – disse displicentemente com um sorriso.

A moça levou um tempo para assimilar a jocosidade das palavras do rapaz e quando compreendeu sorriu com leveza.

– Pode continuar me chamando de Nádia. Aqui no circo esse é o meu nome.

– Mas você será Maria Elísia para Maria Eulália, sua família verdadeira. E

como quero fazer parte dela, acho que vou me acostumar a te chamar assim... Talvez possamos usar uma redução... Maria Eulália a gente chama de Lália. Você pode ser Lísia... – asseverou com um sorriso.

Maria Elísia sorriu e derramou uma lágrima. Em seguida os braços de Dimitri a envolveram ternamente. O beijo veio sôfrego e cheio de alívio para aqueles corações torturados por longa separação. Sequioso pelos lábios de sua amada, Dimitri traduzia todo o seu querer naquele gesto inefável que ele prolongou enquanto seu fôlego lhe permitiu. Emergiu para respirar e traçou uma linha de pequenos beijos ao longo do pescoço e colo da moça, agarrou-lhe os cabelos, desmanchando de propósito o coque profissional.

– Então, você sentiu saudades? – insinuou ele.

– Você sabe que sim – respondeu ela enquanto roçavam rostos, narizes e lábios alternadamente.

– Eu te amo, Ná... Maria Elísia. Te amo desde a primeira vez. Nunca deixei de te amar. Acho que vou te amar para sempre. Me arrependi todos os dias daquela maldita despedida há sete anos. Teria sido melhor ter um empreguinho qualquer, nunca trabalhar para uma grande emissora, mas ter tido você ao meu lado... Infelizmente não posso ter esses anos de volta, mas quero compensar passando muitas horas ao seu lado pro resto da minha vida... Você quer? Você me ama? – perguntou interrompendo os afagos temporariamente a fim de verificar no rosto dela a veracidade do que lhe responderia.

– Como eu poderia não te amar? Se desde que pus meus olhos em você eu soube. Você se esqueceu que eu praticamente me ofereci para você? Eu era apenas uma garota, sem experiência nenhuma com homens, mesmo assim, fui atrevida e pedi sua companhia. Você ainda se fez de desentendido. Me obrigou a dizer com todas as letras que queria dormir com você. Tem noção da vergonha que eu tive que superar para fazer aquilo? Mas eu tinha certeza. Desde o primeiro instante.

– Como? Como pôde ter certeza?

– Não sei explicar. É como se já te conhecesse...

– Carina, minha amiga, costumava falar que conhecemos e reconhecemos algumas pessoas de outras vidas...

– Isso explicaria muito. Só sei dizer que foi muito forte. Eu te disse. Eu te disse quando nos separamos que nunca amaria outro.

– Você nunca...? É... Eu fui o seu primeiro. Você está me dizendo que nunca houve outro depois de mim? Em sete anos?

– Isso mesmo. Eu amo você. Sempre amei. De corpo e alma. Eu pertenço a você, Dimitri. Eu te disse que nunca amaria outro e não amei, em nenhum sentido.

Dimitri estava surpreso e embevecido, lisonjeado, feliz ao extremo e um pouco desconcertado.

– Meu anjo... É, desculpa, não quis fazer nenhuma referência ao Anjo Vingador... – desculpou-se supondo que pudesse ser mal interpretado. – Quis dizer meu anjo, minha querida... Eu tenho que te confessar que não fiz o mesmo.

– Eu sei, bem, eu imaginei.

– Pelos três primeiros anos sim e se você tivesse me dado um sinal, uma notícia, talvez eu pudesse te esperar. Mas me senti abandonado. Sofri, tive raiva, tentei seguir em frente.

– Eu sei. Imaginei. Eu não tenho direito de esperar outra coisa. Eu realmente te abandonei e não dei notícias... Não podia prender você quando não sabia se sobreviveria à minha vingança.

– Agora que sei que você é o Anjo Vingador, tenho que te dar um recado.

– Um recado?

– É, de Carina. Antes de morrer ela disse que nos culparíamos por sua morte. Eu e você. Bem, ela se referiu ao Anjo Vingador. Então, você.

– Ela estava certa. Eu me culpo – disse num fiapo de voz entristecida.

– Não se culpe. Eu também entrei nessa, mas ela foi muito enfática. Aconteceria de uma forma ou de outra. Estava na hora dela.

– Como ela podia afirmar uma coisa assim?

– Porque foram os espíritos do marido e da filha mortos que estavam lá pra levar ela embora que disseram.

– Uau! Você espera que eu acredite...?

– Eu acredito. Acho que alguém que está morrendo não ia se preocupar em dizer bobagens... Então, tem que ter sido real.

– Entendo. Vou tentar não me culpar então.

– Acha que podemos esquecer um pouco o passado triste e pensar daqui por diante?

– Eu adoraria. – Maria Elísia disse com um sorriso de pura felicidade. – Agora temos que procurar seus amigos... Tenho que falar com minha irmã...

– Eles podem esperar. Eu estive pensando... Bem, desde que começamos a conversar, uma parte de mim esteve fantasiando e tenho uma imaginação muito boa...Será que você teria uma cama lá dentro daquele trailer? – indagou com um sorriso malicioso.

– Não, mas podemos improvisar algo... – aquiesceu.

Dimitri então tornou realidade a cena que imaginou algumas vezes enquanto se debatia entre o orgulho e a paixão. Ergueu-a em seus braços e carregou-a no colo para o veículo atrelável, pensando em como se tirava aquela roupa colante, já que não vira nenhum botão... Ah, sim. Lembrou-se de já ter

feito uma vez, afinal, aquele uniforme reluzente lhe era bem familiar...

26 - Acertos

O espetáculo já havia terminado há quarenta minutos e nada de Dimitri ou Nádia. Willian estava impaciente. Tarcísio e Maria Eulália, abraçadinhos, dividiam um algodão doce e não pareciam ter tanta pressa. Doutor Helênio, porém, já apresentava sinais de cansaço. Eles estavam sentados em uma das tendas do pessoal do circo a convite de Pavel, que não tinha dito nada além de elogios ao talento de “sua Nádia”.

Quando Dimitri e a moça que conheciam como Nádia adentraram à tenda, tiveram a total atenção de todos. Eles estavam abraçados. Nádia havia trocado de roupa e tirado a maquiagem. Vestia uma camiseta azul, jaqueta e calça jeans e tinha os cabelos soltos. Os olhos de todos brilhavam de expectativa.

– Então, Dimitri! Nome russo! Sempre gostei desse rapaz! Um nome russo é um bom sinal! O único namorado de minha filha! – disse Pavel com seu forte sotaque, quebrando o silêncio constrangedor.

– Certíssimo, Senhor Pavel! O único! E futuro marido! Assim que comprar um anel, vou fazer o pedido! Só formalidade, porque ela já me disse sim, não é meu amor?

– É, eu disse – respondeu sem jeito.

– Mas que boa notícia! Temos que comemorar com *vodka*! Me dá cá um abraço, rapaz! – Pavel falou e não esperou, indo ele mesmo de encontro ao futuro genro, que o abraçou efusivamente. Em seguida beijou a cabeça da filha adotiva com orgulho e satisfação. – Finalmente minha Nádia vai tomar juízo! – completou de forma brincalhona.

– É. Eu apresentaria minha noiva para vocês, só que ela já conhece vocês e de certa forma, vocês também conhecem ela. Eu vou explicar tudo. Mas a Nádia precisa falar com Maria Eulália. A sós.

Todos estranharam, porém esperaram pelas explicações. Pavel pediu licença, pois outro espetáculo começaria. Olhou para Nádia e pelas roupas que vestia entendeu que não poderia contar mais com ela naquela noite. Pelo olhar de felicidade dela, soube que não poderia mais contar com ela para outros espetáculos também.

Maria Eulália pareceu perdida, entretanto o que lhe soprou na alma uma pista do que a moça queria lhe dizer veio da aparência da jovem pouco mais velha. Era quase como se olhar no espelho. Compreendeu prontamente a fascinação que isso causara a Dimitri e a confusão de identidade que ele fez dela quando a conheceu. Intuiu que aquilo não podia ser uma mera coincidência.

Além disso, havia uma familiaridade na moça, como uma memória perdida no passado...

Os homens as deixaram a sós. Dimitri e os amigos foram para outra tenda, onde ele narrou toda a história, tanto a sua com “Nádia”, para os que não a conheciam, quanto a história dela, Maria Eulália e o Anjo Vingador. Doutor Helênio foi quem mais se emocionou. Sentou-se e chorou baixinho. Willian e Tarcísio se compadeceram dos sofrimentos da moça, mas a sensação maior que predominou foi de fascínio e estupefação.

– Cara! Eu vou ter uma cunhada! – comentou Tarcísio, dizendo a primeira coisa que lhe veio à mente. – Minha cunhada é o Anjo Vingador! Você vai se casar com uma heroína! Que cara de sorte! Ou não! Pode ser perigoso, isto é... Que legal! Isso é muito maneiro! Show! Show! Show! Será que ela me daria algum item da roupa do Anjo Vingador autografado? – tagarelava inconsequentemente, despertando resignação de Dimitri com a personalidade peculiar do rapaz, e rosnados de Willian.

– Então, ela era a garota do bufê no final das contas... – comentou Willian com escárnio. – Cara, você criou mesmo um grude por ela, até disfarçada... – falou com uma risadinha sardônica.

– Alto lá! Não me engracei com ela quando estava vestida de freira nem quando estava de preto bancando o Cavaleiro Solitário e metendo a porrada nos bandidos... – acrescentou aceitando a brincadeira.

O bom humor cheio de considerações e comentários espirituosos perdurou e acabou contagiando o Doutor Helênio, que se rendeu à alegria do presente em detrimento da tristeza do passado.

Enquanto isso, Maria Elísia terminava sua narrativa para a irmã. Várias foram as perguntas, algumas revoltas, mas no fim, o bom gênio da moça e sentimento de saudade e amor fraternal sobrelevou tudo. Sua irmã querida estava viva! Sua família, seu sangue, alguém que passou pelas mesmas agruras, que compartilhou o mesmo visco do ódio por toda aquela gente responsável pela morte de seus pais e que fez alguma coisa em relação a isso. Maria Eulália havia há muito superado os desejos de vingança e vivia apenas para a educação, como forma de lutar não contra indivíduos específicos, mas contra toda a injustiça praticada por quem se aproveitava da ignorância do povo. Tornara a sua luta não uma forma de derrubar cabeças, mas elevar outras que estivessem abaixadas perante o jugo do poder utilizado para o mal. Tinha consciência de que os professores podiam muito e eram verdadeiros heróis anônimos numa batalha diária e silenciosa. Nem por isso, deixava de admirar o que a irmã fora capaz de fazer. Ela era uma heroína e inspiraria muitas e muitas gerações através da lenda que criara e que, ela, como educadora, lutaria para manter viva.

– Maria Elísia! Minha irmã! – pronunciou num fiapo de voz embargada pela emoção. Abraçaram-se fortemente e derramaram lágrimas de saudade satisfeita, de contentamento pulsante e de promessas para o futuro.

– Você me perdoa, irmã? Por tudo? Principalmente por ter deixado você para trás naquele dia? Eu realmente pensei que estava morta. E senti tanto medo de morrer também... Jurei que aquele tinha sido meu último momento de covardia e cumpri. Não tive medo de enfrentar aqueles seres repugnantes. Estão todos presos agora. Mas se forem soltos ou escaparem...

Lália desprende-se do abraço assustada. Achava que tinha acabado. O que ela estava dizendo?

– Minha irmã, acabou. Você não vai mais vestir aquela roupa! Pense no Dimitri! Eles foram entregues à justiça. Essa semana mesmo estão escavando e achando as ossadas das pessoas assassinadas... Os jagunços do acampamento entregaram tudo. Já encontraram os ossos dos padres, dos repórteres e agora descobriram o cemitério onde enterravam os retirantes que matavam quando fugiam, ou por maus tratos e doenças. As autópsias e exames de DNA comprovam tudo e esses malfeitores vão ter que responder por todos esses crimes.

– Não pretendo fazer mais nada, Lália. Mas eu vou guardar a roupa. Se for necessário, o Anjo Vingador volta, exatamente como prometido!

Dali, foram à procura dos rapazes para se juntarem. Uma grande confraternização se seguiu, à qual os artistas do circo se juntaram após o fim do último espetáculo.

Tarcísio se adiantou e se rendeu ao seu jeito nerd e geek que transformara o Anjo Vingador em seu herói favorito, melhor que todos os dos quadrinhos, por ser real. Abraçou Maria Elísia apertado.

– Desculpa, amor, – disse dirigindo-se a Maria Eulália – mas é que sua irmã é demais! – Nádia, Maria Elísia, Irmã Aparecida, ANJO VINGADOR, você é meu herói! – completou soltando-a do abraço. – Já pensou em uma linha de produtos de colecionador...? Eu poderia vender pra você pela Internet... Conheço umas pessoas... Com o merchandising certo... Anjo Vingador: canecas, bótoms, bonés, pôsteres, camisetas... Eu usaria uma camiseta sua! Ah, e pense nisso: adesivos! Hein? – sugeriu por fim com um movimento inquisitivo de sobranceiras.

Todos riram suavemente e ignoraram o rapaz completamente.

– Eu acho que não... – respondeu a futura cunhada, sem jeito.

– Tá bom, então se você assinar cedendo os direitos... Eu posso fazer tudo sozinho, depois não vai reclamar que não recebeu os royalties.

– Tarcísio, está monopolizando a minha garota. A sua tá ali, ó! – falou

Dimitri empurrando-o com um gesto leve de ombro. – Minha Lísia.

– Zizinha. O apelido dela costumava ser Zizinha – explicou Lália. – Era Maria Elisinha, Elisinha, Elisinha, Lisinha, Zizinha. Pronto, ficou Zizinha...

– Não escuto ninguém me chamar assim desde... Bem, vocês sabem.

– Sei não. Acho que prefiro Lísia – falou Dimitri carinhosamente. – Se você não se importar, amor – emendou dirigindo-se a sua noiva.

– Eu também prefiro. Só Lália vai me chamar de Zizinha. Sei que não vai ter jeito – observou de bom humor. Em seguida olhou para o doutor num canto, afastou-se de Dimitri e caminhou na direção do médico. Sentia que lhe devia um pedido de desculpas e um grande agradecimento. Abaixou ligeiramente a cabeça em sinal de respeito e humildade.

– Doutor, eu preciso te agradecer. Por tudo. Primeiramente, por ter cuidado de minha irmãzinha quando eu mesma já julgava ela morta. Você criou a Lália como se fosse sua filha! E fez um ótimo trabalho! Ela é uma moça maravilhosa! Uma professora excepcional! Estou orgulhosa dela e acho que o senhor também. Também preciso agradecer por ter ajudado Dimitri e a equipe. Foi muito arriscado o que fez junto com Carina. Aquelas imagens foram muito importantes, prova cabal no processo. Não teríamos conseguido sem o senhor. Muito obrigada.

– Fiz o que eu tinha que fazer, o que a minha consciência me mandou fazer. Tive medo, mas graças a Deus acabou tudo bem. Eu é que tenho que agradecer, foi a oportunidade de compensar por anos de covardia...

– Imagine. Nem sempre podemos fazer o que queremos... Também preciso pedir desculpas. Eu julguei mal o senhor. Não imaginava que o seu trabalho lá fosse tão importante e que fizesse tudo o que podia para ajudar. Desde criança, via o senhor como mais um deles. Eu estava errada. O senhor me perdoa?

– Se tivesse acontecido alguma coisa com a minha Lália, eu não perdoaria, mas tudo acabou bem, não é Senhorita Boto e Anjo Vingador? Então fique sossegada.

Maria Elísia estendeu a mão para ele apertar. Ele o fez, mas a puxou para um abraço no meio do qual soprou-lhe no ouvido:

– Somos uma família. Você é irmã de minha filha, portanto, minha filha também.

– Obrigada, doutor, para alguém que perdeu os pais, me dei muito bem, agora tenho dois pais do coração...

A noite seguiu feliz em meio a muita *vodka* e refrigerante juntamente com a comida restante das barraquinhas e ambulantes do circo: maçã do amor, pipoca, salgados, cachorro-quente, churros e batata frita. Quando todos estavam animados em conversações particulares, Dimitri juntou-se à namorada,

abraçaram-se e caminharam para fora da tenda deixando todos para trás. Precisavam de mais alguns momentos a sós.

– Ainda não decidimos o que fazer depois do casamento. – Ela estava preocupada. – Toda a minha vida, me preparei para a vingança. Me tornei artista de circo como consequência. Mas suponho que como sua esposa vai ficar difícil continuar nessa carreira, não é?

– Temos tempo ainda para decidir. Ainda estou de férias e depois desse documentário, vou tirar um mês extra por conta. Mas você conhece o meu trabalho. Vou tentar ficar menos tempo fora. Nem sempre vou poder levar você, mas voltarei correndo e morrendo de saudades todas as vezes. E não vejo problema em você viajar e ficar com o circo enquanto eu estiver no Oriente a trabalho...

– Parece bom...

– Também posso ver alguma coisa para você na tevê...

– Atriz? – perguntou com uma cara malandrinha.

– Nem pensar! Não posso nem imaginar você beijando outra cara na boca! Eu estava pensando mais em algo como dublê... Você tem habilidades que podem ser bastante apreciadas...

– Sêrio? Amei! – expressou em palavras para em seguida fazê-lo com um sorriso enorme e um selinho. – Acho que posso conciliar isso e o circo em algumas temporadas...

– Então está resolvido!

27 - Epílogo

Um ano depois...

O documentário “Brasil, país da escravidão” foi um sucesso e ganhou vários prêmios nacionais e internacionais. Nele a única entrevista com um réu preso foi a de Asdrúbal Epaminondas, único que concordou em falar com a imprensa. O homem parecia ter perdido a sanidade. Dizia-se ainda assombrado pela Mulher do Táxi e jurava que o Anjo Vingador também era um fantasma e que o visitava todas as noites. A administração do presídio onde ele se encontrava confirmou que ele parecia gradualmente enlouquecer e que gritava muito à noite com pesadelos terríveis.

Todos os envolvidos foram condenados em primeira e segunda instâncias, implicados também como responsáveis por todas as mortes dos indivíduos cujas ossadas foram encontradas na região. Dona Augusta foi a primeira a ser condenada, pelo assassinato de Carina, flagrante e transmitido ao vivo para todo o país. Depois outras condenações se somaram à sua pena.

Maria Eulália e Tarcísio planejavam se casar, queriam um casamento tradicional e estavam em meio aos preparativos. Lália havia retornado a Recanto Sereno para terminar o ano letivo e se despedir de seus alunos. Mudou-se no ano seguinte para o Rio de Janeiro, para ficar com Tarcísio e já estava trabalhando como professora na cidade. Ensinar no Rio representava também um desafio. A cidade era violenta e a criminalidade estava por toda parte, desviando crianças dos estudos e envolvendo-as no submundo do crime e do tráfico de drogas. Nada que fosse desmotivar a professora Maria Eulália!

O Doutor Helênio não quis mais ficar em sua cidade natal. Sem Lália, o lugar lhe pareceu cheio de lembranças ruins. Ficou um tempo por lá e depois se mudou para Belém. De Recanto Sereno, trouxe as notícias de que as lendas por lá estavam mais vivas do que nunca. O Anjo Vingador havia se tornado um mito, a mais nova lenda do folclore brasileiro, tanto, que várias pessoas juravam que continuavam vendo a figura do Anjo cavalgando pela madrugada ou varando a noite em sua motocicleta. Por isso, ouvir um trotar de cavalo ou ronco de motocicleta à noite era motivo para medo e apreensão.

A lenda também se espalhou por todo o interior e parecia ter criado raízes em todo o país. Não raro havia relatos de seu avistamento em localidades as mais variadas e distantes possíveis.

Willian e Selma voltaram a morar juntos e Willian pensava frequentemente em se casar legalmente, no entanto, seu jeito naturalmente desconfiado ainda o segurava, preferia esperar mais um pouco. Voltara a trabalhar junto com Dimitri, na mesma emissora e a amizade entre eles só se consolidava.

Dimitri e Maria Elísia se casaram apenas dois meses após seu reencontro e acerto. Foi uma cerimônia simples, no civil, com a presença de amigos íntimos e os familiares. Os pais de Dimitri vieram de São Paulo e ficaram muito impressionados com a noiva por sua inteligência e seu jeito decidido, contentes pelo filho, pois sabiam que havia procurado pela moça durante sete anos. Tia Berê continuou morando no apartamento. O arranjo continuava valendo, já que Lísia também ficaria ausente, viajando com o circo, quando Dimitri estivesse fora, conforme combinaram. Ainda era perfeito ter alguém que tomasse conta do apartamento nas longas ausências.

Dimitri tirou mais três meses de férias depois do documentário, mas após esse período, ainda com pouco tempo de casado, teve que ir com Willian para a Líbia para cobrir ameaças terroristas do Estado Islâmico. Ficaram dois meses por lá e sua volta foi esperada com ansiedade pela esposa. Maria Elísia esteve em Minas Gerais com o circo, contudo voltou correndo ao receber a mensagem da volta do marido.

O reencontro apaixonado mostrou como seria a rotina dos dois a cada volta para casa. Depois de uma semana em casa matando as saudades, ele acordou mais tarde e flagrou Lísia no computador examinando denúncias de trabalho escravo em Alagoas.

– O que está fazendo, amor?

A esposa virou-se lentamente com um sorriso de criança pega em traquinagem e confessou receosa:

– Eu pedi ao Tarcísio para investigar para mim lugares com suspeita de ainda ter... você sabe: trabalho escravo.

– Pra quê?

– Pensei em colocar o Anjo Vingador em ação outra vez... É tanta gente ainda sofrendo, Dimitri...

– E eu pensei em sossegar e ter uns três filhos... É o que normalmente os casais fazem para ter um final feliz...

– Você não sossega, Dimitri. Pensa que não te vi pela tevê? Achei que não ia voltar inteiro.

– Sei me cuidar.

– Eu também.

– Olha o lance de ter os três filhos... parece uma boa ideia, inclusive, a gente podia começar a providenciar o primeiro agora... – disse se aproximando e

beijando o pescoço de Lísia.

– Ou, – iniciou ela, fugindo dos afagos e se pondo de pé para um discurso e defesa de ideia – podemos fazer um novo documentário. Você pode ganhar outro prêmio. Bem, antes o Anjo Vingador vai ter que agir. Nem preciso mandar lendas antes para assustar. ELE já é lenda! Ih... você tá muito famoso para ir... mas pode me ajudar... Nosso final feliz é esse, Dimitri. Lutar sempre!

Os olhos de Dimitri brilharam de entusiasmo. Apesar de temer pela esposa, adorava uma boa aventura e seu espírito de loucuras arriscadas não havia morrido com Carina, estava mais vivo que nunca.



Eram sete da noite quando Dimitri e Lísia encontraram Willian, Selma, Tarcísio e Maria Eulália numa pizzaria. Surpreenderam o casal mais jovem rindo bastante.

– Ô, pessoal! Senta aí! Olha só o que eu tava contando aqui para o Willian. Eu e Lália estávamos assistindo a uma maratona de “Buffy, a caça-vampiros”, uma série antiga muito boa, aí nas cenas de ação, ela ficava dizendo toda boba: “minha irmã sabe fazer isso! Aquele golpe, minha irmã sabe! Esse pulo aí ela também dá...” – narrou Tarcísio afinando a voz para imitar a namorada, que o calou com um soquinho fraco, de brincadeira.

– Ô, Tarcísio, pessoal! Dá para vocês irem devagar? Preciso manter minha identidade secreta, né? – comentou Lísia tomando seu lugar à mesa e aderindo à brincadeira.

– Dimitri disse que tinha uma proposta para as nossas férias. Se me lembro bem, a última proposta dele foi um convite para observar pássaros... – Willian falou forçando um sorriso, o que demonstrava que ele queria fazer uma piada, o que não lhe era próprio e, por isso mesmo, ninguém entendeu ou riu.

– Pois é, amigo. É isso.

– Oi? – O cinegrafista duvidou.

– Antes eu queria propor um brinde a Carina! – Dimitri desconversou logo que o garçom depositou as garrafas de cerveja na mesa.

– À Carina! – brindaram em uníssono.

Tarcísio, que fizera a pesquisa para Maria Elísia, já sabia do que se tratava. Levantou-se e ensaiou um discurso forçado com voz de narrador de filme dublado:

– Onde houver injustiça, onde houver vítimas... – disse e desistiu, assumindo outra postura: – e blá, blá, blá! Diz aí, Dimitri, para onde nós vamos?

– Alagoas.

– Mas que história é essa? – reclamou Willian.

– Willian, meu amigo, tá a fim de sairmos de novo para observar pássaros?

FIM

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA VOLÚPIA

SEGREDOS E MENTIRAS
QUANDO VOCÊ CHEGOU
MEU NOME É GABRIELA
QUEM É VOCÊ GABRIELA?
A YOUTUBER
O DESTINO DO HERDEIRO
BONS SONHOS, SERENA

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Volúpia, visite o nosso site: www.volupiaeditora.lojavirtualnuvem.com.br/



facebook.com/volupiaeditora



instagram.com/volupiaeditora

VOLÚPIA

Table of Contents

[Prólogo - Vinte e uma noites de amor](#)

[1 - Igreja sem padre](#)

[2 - O famoso correspondente internacional](#)

[3 - A mulher do táxi](#)

[4 - Decepção e motivação](#)

[5 - Cobra de fogo](#)

[6 - Quem precisa de férias?](#)

[7 - Matinta Pereira](#)

[8 - O Curupira](#)

[9 - O Capelobo](#)

[10 - Forasteiros não são bem-vindos](#)

[11 - A freira](#)

[12 - Conversa de bar](#)

[13. Pátria educadora](#)

[14 - O Mapinguari](#)

[15 - Festa de igreja](#)

[16 - A Iara](#)

[17 - Plano audacioso](#)

[18 - Tumulto emocional](#)

[19 - O Anjo Vingador](#)

[20 - Observando pássaros](#)

[21 - A marca do Anjo Vingador](#)

[22 - Perdas e danos](#)

[23 - Rastros](#)

[24 - Reajustes](#)

[25 - A verdade](#)

[26 - Acertos](#)

[27 - Epílogo](#)

[CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA VOLÚPIA](#)